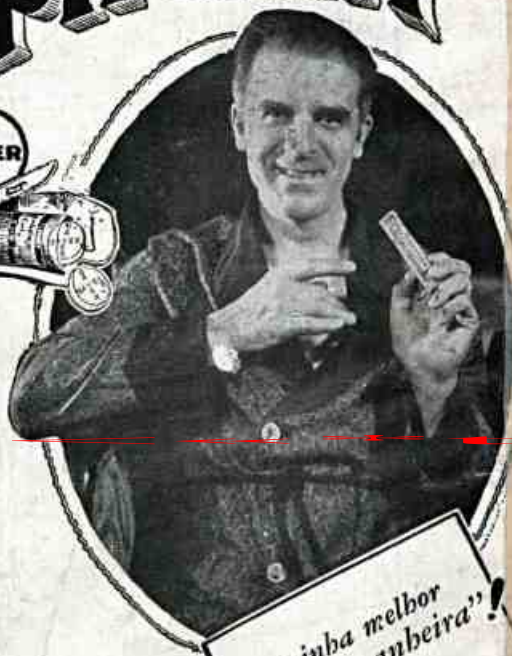
FON
FON
XIII — N.º 36
Setembro de 1929
1$000

Depois de uma alegre noitada

—depois de ter bebido e fumado em excesso, amanheceu com dôr de cabeça, mal estar e depressão.

Ah, como o alliviaram, então, devolvendo-lhe as forças, o bem estar e a alegria, dois comprimidos da nobre e excellente

Incomparavel, tambem, contra as dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, rheumatismo, etc.

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

INVENTARIO — BN
00.143.861-1

Máo olhado

De Eugenio Rio

. . .

EM um pequeno leito de ferro esmaltado, um pequenino corpo, encimado por uma cabecita loura, descansava.

A creança tinha os olhinhos fechados, os labios pallidos apenas tingiam com uma mancha rosea, a brancura marmorea do rosto; mal se notava o movimento do peito que respirava.

Ao lado do leito, uma senhora olhava, com os olhos orvalhados de lagrimas, para o rostinho bello da creança.

Sobre um movel elegante enfileiravam-se frascos de drogas, representando muitos dias de luta com a molestia, luta inglória, porque o entezinho alli estava dominado pela enfermidade.

A senhora foi tirada da muda contemplação por uma voz tremula e timida, que vinha da porta:

— Dá licença minha sinhá?

Uma preta velha, com a cabeça branca a contrastar com a côr da pelle, avançou com passos incertos pela camara.

Maria Helena foi ao seu encontro e abraçou-a a soluçar convulsivamente.

— Calma, minha sinhá; Deus é muito grande!

— Oh! Thereza! A minha Dulce vae morrer! Deus vae roubar a minha filha!

— Não diga isso, sinhá!

— Já se fez tudo Thereza; consultámos os melhores medicos da cidade, comprámos os remedios melhores, os mais caros, fiz promessas fantasticas a todos os santos do céo e.... minha filha não melhora! Ficarei louca, morrerei si Dulce desapparecer; não supportarei semelhante trauma.

— Minha sinhá é mãe e mãe foi feita p'ra soffrer; ainda ha muita cousa que tentar.

— Alguma cousa? Como, Thereza? Que pode eu tentar, se já fiz tudo??

— Eu "conto" para sinhá.

— Dize Thereza; fala...

— Quando minha sinhá era pequenina, tamanho de sinhá Dulce, tambem esteve muito doente; tambem a minha sinhá-velha fez promessas, tambem chamou os doutores, tambem comprou muito remedio e chorou muita lagrima...

Quando os doutores perderam a fé, sinhá-velha quiz se matar, mas... Thereza não deixou. Eu tinha creado sinhá nos meus braços e não queria que ella morresse...

— Thereza, eu sei que tú foste a minha "bá", a minha querida ama; ignorava, porém, que...

— Sim, sinhá; foi esta negra quem salvou minha sinhá.

— Thereza; dize, pelo amor de Deus, sabes algum remedio, alguma cousa que possa salvar minha filha?

Fala, minha bôa "bá"; darei tudo o que possúo para vel-a bôa, sadia, rindo, brincando. Dize depressa, Thereza, salva minha filha, porque senão eu morrerei...

— Por isso eu vim vêr minha sinhá.

Maria Helena fitava o rosto preto da mulher que a criára, que dizia tel-a salvo da morte e que alli estava, calma, como si tivesse trazido para a pequena Dulce a vida que lhe ia faltando. Seria possivel que aquella africana bronca, que fôra escrava de seus paes, pudesse mais, soubesse mais do que os principes da medicina que haviam esgottado a sua sciencia junto ao pequeno leito de Dulce?

A velha Thereza limpou os beiços grossos no seu lenço de alcobaça e depois, pegando com carinho as mãos da moça, disse, baixando a voz:

— Sinhá, ha muita cousa neste mundo; ha muita mandinga, muito máo "oiado", muita "cousa feita"; ha inveja e "ôio grande"! Quando os doutores não dão volta é porque não é molestia de Deus. Si minha Sinhá quizer, eu lhe "ensino" onde móra um homem que desfaz essas cousas n'um instante...

— Ora, Thereza! Um feiticeiro, um "Pae Cambombo" para curar minha filha?

— Pois não foi assim que minha sinhá ficou bôa, quando era "naniquinha"?

Maria Helena levou as mãos ás temporas, olhou alternadamente para a filha e para a negra velha e, num monologo

O COMMENTARIO

O sr. Cook, "leader" dos communistas inglezes, declarou-se profundamente emocionado pelos gestos do Principe de Galles em favor dos mineiros e que o considera o principal campeão da reforma social do paiz.

O communismo inglês — está se vendo — é, como todas as coisas inglêsas, calmo, sério e cheio desse espirito de justiça que tem sido, desde a famosa revolta dos barões contra o maligno João Sem Terra, o apanagio da vida interior da Grã Bretanha. E, logo que elle palpou no herdeiro da corôa a sympathia sincera pelas suas reinvindicações, o desejo de dar satisfação tanto quanto possivel aos seus desejos, entender que se póde melhorar o estado actual da sociedade, aliás tão melhorado já, por outros meios que não o odio de casta e a sangreira das matanças sem finalidade. Esse systema, tão do agrado dos que exploram, através de exaggerados theorismos, o operariado quasi inconsciente, quando não envenenado por doutrinas mal digeridas, não produzirá outro resultado sinão reacções violentas. Poderá mesmo entravar a marcha natural da sociedade para a resolução, tambem natural, da magna questão, visto como a classe ou casta ameaçada pelo terror se póde unir e contribuir poderosa organização capaz de esmagar os mineiros communistas.

O exemplo da Italia é de molde a fazer meditar. E o communismo inglês mostra-se prudente com razão.

que só ella mesma ouvia dizia:

— Por que não? Que mal poderia haver? Os medicos já perderam a esperança, não ha mais nada a esperar da sciencia; por que não tentar? Quem sabe?

— Si sinhá decidir, ainda hoje, eu "falo" com o homem — disse a preta, interrompendo o soliloquio da moça.

— Sim, sim, Thereza; vae falar com esse homem; eu nada direi a Astolpho e pagarei quanto fôr preciso.

— Sim, sinhá. Depois eu "volto" para dizer a resposta.

A preta, depois de olhar o anjinho que se finava, sahiu do quarto vagarosamente.

E a pobre mãe sentou-se novamente á beira da camazinha, a olhar a filha querida por entre o véo de lagrimas que lhe embaciavam os olhos.

A noite invadia o aposento, mas Maria Helena não percebia a treva que avançava; parecia-lhe que do leito, do meio das

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

• • •

cambraias e linhos, uma luz viva irradiava, illuminando-lhe a alma.

. . . .

Uma senhora, vestida simplesmente com um "costume" modesto, bateu resolutamente na porta suja de um casebre si, tuado na fralda da serra do Andarahy.

Uma voz rouca perguntou de dentro:

— Quem é que t'ahi?

— Uma pessôa que vem a mandado de "tia" Thereza.

A porta abriu-se, rangendo nas dobradiças velhas.

— Póde entrar.

Maria Helena encontrou-se deante de um negro alto e magro, tendo uma carapuça vermelha na cabeça e, como vestimenta, uma especie de roupão ou camisola amarella.

Em torno de uma fogueira que se achava no meio da sala, oito mulheres estavam sobre os joelhos, tendo as téstas encostadas ao sólo. Pela sala toda, espalhados, viam-se os mais estranhos objectos que serviam no ritual do feiticeiro. Sapos seccos, caveiras, gallinhas mortas, punhaes, enferrujados, cabeças de bodes, velas, molhos de plantas seccas, figas, buzios, estrellas do mar, carapaças de tartarugas, cascos de caramujos, emfim, uma enorme variedade de cousas as mais disparatadas e esquisitas.

— Vosmecê, senta alli, — disse o africano, indicando á moça um banco tosco. — Eu vae vê, se o santo baixa p'ra falá c'm vosmecê.

Dirigindo-se para a fogueira, o feiticeiro atirou nas chammas um punhado de pó, que produziu um fumo forte e seabundo.

Levando as mãos alto, o negro entoou canto lugubre:

"Endendê, achê, ... boá."

"Arimbé, atolê, eus... gá."

As mulheres e... ram-se levantaram mãos, e responderam

"Ochalá, macuê, ... lá."

E encetaram uma ... da vertiginosa em tor... do fogo, sempre resp... dendo com o mesmo ... tribilho ao canto m... tono do "pae de san...

Afinal, uma das ... lheres tombou esterto... do e a dança parou.

— Enoã! — disse ... gro.

— Meu pae... — ... pondeu a mulher.

— Quem "é" que ... xou? Xangô, Echú ... Ochalá?

— Ochalá, meu pae ...

— Que é que essa ... ça qué?

— Curar a filha d...

(Conclue na pag. ...

Admiravel Caracteristico!

As formosas, exquisitas Meias de Seda Holeproof são protegidas pelo invisivel reforço "Ex", além do que geralmente têm. Isso lhes augmenta a durabilidade umas *tres* ou *quatro* vezes

Prefiram essas duradouras meias de seda pela sua refinada apparencia e côres, creação exclusiva de Lucile, de Paris.

Nas Boas Casas do Varejo.

Meias Holeproof

AQUI ENCONTRAREIS A VOSSA SALVAÇÃO

com

os Suppositorios e a Pomada MIDY as

HEMORRHOIDAS

são rapidamente supprimidas.

As hemorrhoidas não são sómente terriveis pelos supplicios que occasionam nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORATORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO

Antagonismo

QUANDO, depois de muitos annos, Nicoláu Rigby encontrou novamente Susa, verificou que sua antiga amiga estava muito mudada. Ao regressar a sua casa, depois daquelle encontro inesperado, contemplou-se longamente no espelho e viu que elle não havia mudado muito... Pelo menos não tanto quanto Susa... Pobre Susa!

No emtanto, apesar do differente que ella estava, apesar de sua magreza, de sua evidente pobresa, de seu traje humilde, de seu pouco exito na vida, elle a teria reconhecido sem difficuldade, pois ella conservava em seus olhos claros o mesmo olhar de outr'ora, cheio de vida e de ardor. Seus loiros cabellos eram ainda tão encantadores como outr'ora, embora seu brilho se houvesse amortecido um pouco.

Agora a esperava para jantar... Quantas vezes jantaram juntos em seu tempo de estudante! Mas, quão differente era aquelle ambiente em que a recebia hoje! Muitos annos haviam decorrido depois daquelles primeiros sonhos da juventude... Sonhos que elle deixára de lado, por cousas mais úteis e mais praticas.

Olhou em redor de si com profunda satisfação. Que surpresa teria Susa quando chegasse! Nada lhe dissera, na tarde anterior, ao encontral-a casualmente no atelier de um amigo: sobre a maneira por que havia mudado sua situação, e como agora era rico. Queria surprehendêl-a, e imaginava o assombro e depois o prazer de sua amiga ao se encontrar com aquella casa luxuosa, cheia de objectos de valor, e que só devia a seu esforço e á sua intelligencia.

Saboreava tambem de antemão a emoção que sentiria Susa quando elle a tomasse novamente em seus braços, depois de tantos annos de separação... pois agora estava resolvido a fazêl-a sua esposa.

Seu lar — aquella casa luxuosa — era, não obstante, triste e solitaria... Queria repartir com Susa todas as suas riquezas. A recordação do passado attrahia-o e o dominava. Queria agora afastar de Susa todas as preoccupações e a pobresa.

Dar-lhe-ia agora, muitissimo mais do que jamais sonhára que poderia offerecer-lhe naquella época anterior a sua separação.

* * *

Um pouco nervoso, endireitou, deante do espelho, a gravata e o collarinho. Resolvêra vestir-se a rigor. Si para qualquer outra mulher se teria vestido tambem assim, por que, então, não ter com Susa a mesma attenção?

Mandou seu magnifico automovel, adornado de custosissimas flores, buscal-a. Susa constituia sua juventude..., todo o amôr de sua juventude... e, á beira dos quarenta annos, a juventude é uma bençam do céo.

Parecia-lhe agora que todo o exito que tivesse na vida seria muito maior, já que hvia encontrado Susa com tempo para se lhe offerecer por inteiro, e ajudal-a a suavizar e modificar sua vida, que presentia cheia de difficuldades.

Afinal, o criado abriu a porta.

— A senhorita Susa Vallein — annunciou, cerimonisamente.

Nicoláu Rigby voltou-se, ansioso: com effeito, ali estava ella! Muito mais delgada que annos atraz..., um pouco envelhecida, era certo..., mas seus olhos conservavam aquelle lampejo de alegria ingenua que brilhava nelle como uma luz que visse pela primeira vez. Agora, com suas faces pallidas e descarnadas, que momentaneamente se cobriam de um vivo rubor, ella se lhe deparava mais formosa que as flores que trazia em suas mãos, e que eram as que elle lhe enviára. E, antes que Nicoláu lhe pudesse dizer nada, exclamou a joven:

— Oh, Nicoláu! Devias ter-me prevenido... Eu não poderia imaginar que fosses agora tão aristocratico... O automovel... as flores... esta casa... e — proseguiu olhando nervosamente para traz — este criado tão imponente... e este salão... E tu... com esse traje de cerimonia... Por que não me disseste nada? Envergonhar-te-ás de mim deante de teus criados: meu vestido está muito

longe de ser de rigor, pois nem siquer é de sêda!

E, refeita já de sua surpresa, ria alegremente de sua propria consternação e espanto.

Nicoláu desfructava com toda sua alma da jovialidade e da surpresa de Susa. E respondeu:

— Porque te queria vêr assim, vestida como outr'ora, é que não te disse nada... E só Deus sabe quanto me alegro que sejas tu, e não alguma outra mulher luxuosamente vestida, quem esteja commigo neste momento.

A joven teve um gesto fugaz, arqueando um pouco as sobrancelhas, e fazendo um gesto encantador com seus labios. Bem sabia ella que aquelle trajezinho azul, de fórma original, lhe sentava maravilhosamente, apesar de já estar velho e gasto. Bem sabia que seus olhos conservavam a chamma da juventude e que seus cabellos eram sempre formosos, e bem via, emfim, que Nicoláu a contemplava com admiração e enlevo...

Mas Susa não esperava passar umas horas em meio do luxo e de um ambiente sumptuoso como o que offerecia a residencia de seu amigo. E esse pensamento se revoltou nella a mulher, fazendo mudar em parte a expressão de seu rosto.

Nicoláu notou, immediatamente, a mudança no olhar da joven attribuindo-a a um sentimento de pezar. Suppoz que o contraste tão grande a desolasse: quando estudantes, haviam sido companheiros, iguaes em situação pecuniaria. Seus ideaes e suas ambições haviam sido os mesmos... Agora, a differença que os separava era muita... E Nicoláu pensou que isso é que entristecia Susa. Além disso, ella não sabia de suas intenções de fazêl-a sua esposa e, assim, partilhar de todo aquelle luxo, de todo aquelle conforto...

*
* *

Jantaram alegremente. As privações e as penurias passadas não pareciam ter conseguido abalar o espirito agudo e vivaz de Susa, nem amargar suas illusões. Sorrindo, ella dizia:

— E' verdade... Não consegui nada ainda... Mas espero que num destes dias... Bem sabes quaes são meus desejos, meus sonhos... meus ideaes. E, *outr'ora*, tu tambem os tinhas.

— E ainda os tenho... — exclamou Nicoláu.

— Ah, não! Já não tens... Quando te vi de novo, depois de tantos annos, comprehendi claramente que a arte havia deixado de ser a illusão de tua vida. Já não és aquelle de outr'ora — disse Susa, movendo tristemente sua cabeça,

de G. WATERER

como que affirmando com suas palavras.

E, depois de uma pausa, proseguiu:

— E' inutil, meu amigo. Comprehendo que agora já não estás disposto a sacrificar-te pela arte, a soffrer fome por ella... Quando muito, sacrificarás algum dinheiro por ella. E' essa toda a differença.

Nicoláu replicou, então, com certa impaciencia:

— O que tu estás fazendo é precisamente isso: soffrer fome pela arte.

— Certamente. E que mal vês nisso? — perguntou Susa, com ar de desafio.

— E' que não posso consentir que te estejas matando, Susa. E para que? Acaso vale a pena passar-se a vida inteira lutando, sem resultado, contra a adversidade?

— Mas, eu estou me matando? Passo a vida lutando? Mas, não comprehendes que eu gozo com cada um desses minutos de luta? Não comprehendes que essa luta é a *propria vida* para mim?

Nicoláu collocou suavemente sua mão sobre a de Susa, delgada e nervosa, mão de artista, que descansava sobre a supreficie polida da mesa.

— Por que não renuncias a essa vida de luta, Susa? — perguntou, em voz baixa e insinuante. — Desejaria tanto que assim o fizesses!

— Mas, estás dizendo tolices, Nicoláu! — exclamou Susa, com alegre sorriso. — Si para mim é a unica cousa que posso fazer, e que sou capaz de fazer... Bem sei que posso pintar e pintar como se deve, ainda que o publico não me comprehenda e pense de maneira diversa. Ha de chegar um dia em que se convençam todos os que até agora não crêem em minha arte. Ha de chegar minha vez... Disso estou certa. Mas, embora nunca chegassem a apreciar minha arte, eu sempre estarei convencida de meu valor... de minha inspiração. Faltar-me-á, então, a *fama*, mas nunca me terá faltado a *arte*.

— Mas Susa, escuta...

— Não, não. Não me digas nada. Nasci artista e não posso renegar minha arte. E como é possivel que hajas esquecido, tão por completo, o que tambem tu, em certa occasião, sentiste? Ou será que nunca sentiste *sinceramente* a arte?

A joven poz o rosto entre as mãos, apoiando os cotovelos sobre a mesa e olhando fixamente o homem que tinha deante de si.

E, em voz muito baixa, continuou:

— Neste momento, Nicoláu, me sinto tão triste como não me sentia ha muitos annos...

— Por que? — perguntou elle.

— Porque aqui me cercam o desmoronamento, a ruina...

— O desmoronamento... a ruina?... Que queres dizer com isso?

— Refiro-me a todo este luxo... — respondeu Susa, com gesto e com voz ansiosa. — Refiro-me a ti, a tua vida... E's tão intelligente... Muito mais intelligente que Lorot, por exemplo, e Lorot teve exito. E's mil vezes mais intelligente que eu. Lembras-te do dia em que appareceu na exposição teu quadro *A ondina*? E lembras-te da critica? Como, então, todos nos sentimos orgulhosos de ti! Eras o heróe de nosso reduzido circulo de amigos... Recordo-me que eu quasi morria de satisfação, de orgulho, tão incrivel... tão maravilhoso me parecia que fosse eu, entre todos, a amiga que preferias. Então, eu era uma principiante e te considerava como um deus. Agora... tudo mudou... tudo acabou... tudo veiu passar em... em um grande capital depositado nalgum banco... E nada mais! E me falas a mim da vida que perco!...

(Continúa na pag. 80)

A Tragedia de Sant'Anna do Ipanema

Por HORMINO LYRA

. . .

UMA vez, o faccinora estava em cogitações, a pensar muito, quando de subito se lembrou do usurario de Sant'Anna, o senhor Beneventes. Pensou maduramente acêrca da possibilidade de se apossar da fortuna do usurario, que, consoante se dizia, acondicionava todo o dinheiro em latas, e as enterrava no chão dentro do pardieiro.

Seguiu para as immediações de Sant'Anna, e ficou a observar todos os passos do senhor Beneventes.

Mais de uma vez, foi a certa venda na villa, comprou aguardente de canna; mais de uma vez fez algumas refeições com o vendeiro, seu velho conhecido, dizendo-lhe que andava a serviço do patrão, sem comtudo nada adeantar acêrca da empresa que lhe fôra confiada.

Num dia em que, de tarde, sahiu o senhor Beneventes a cavallo, Zé Brabeza deu uma corrida á casa do seu Antonio da venda, sellou a toda a pressa o corcel, e foi-lhe ao encalço.

Prestes estava o sol a mergulhar no occidente, avizinhando o crepusculo vespertino. Estrato semelhava uma fita parallela ao horizonte, longa, larga, multicolor.

O salteador, que se achava alcoolizado, incitára o cavallo, picando-o na soldra com a espora. Correu o animal com impeto, á rédea solta. Levantou poeira.

Ao approximar-se do viajante, intimára-o a apear-se. E quasi junto do usurario riscou o rosilho do intimador.

— Para que?

— Para vêr si você é homem!

Senhor Beneventes puxou da pistola que trazia á cinta. Na nuca bateu-lhe o scelerado com o cabo do chicote. O usurario ficára perturbado. Zé Brabêza arrancou-lhe a arma da mão, desceu da cavalgadura, conduziu-o para dentro do matto, arrastando-o. Degollou-o, roubou todo o dinheiro, e ali deixou o cadaver.

Voltou á estrada, onde se achavam os dois animaes, montou no delle, e conduziu o outro pelo cabrésto. Escondeu-se no matto, e foi ás dez horas da noite á casa da victima. Bebeu mais aguardente, que conduzia numa garrafa, e bateu na porta.

Todos estavam deitados; levantaram-se apprehensivos. D. Mimida accendeu um candieiro, veiu até á porta com o filho, a criada, e perguntou:

— Quem é?

— E' de paz.

Estranhára a voz? Nunca a tinha ouvido.

— Diga o nome.

— E' uma surpresa.

Suppoz que algum amigo de casa estivesse a troçar; comtudo, teve mêdo de vêr quem era. Ficou irresoluta revestiu-se depois de coragem, em seguida tornou a esmorecer, tendo a cabeça povoada de más hypotheses. Lembrou-se de que, banhada em sangue, havia algumas horas, vira a imagem do marido, olhando desmesuradamente para ella; o que lhe parecia sonho máo.

De repente, sem saber como, tinha um homem á sua frente.

Este déra volta ao redor da casa, encontrára uma

RESPIRAR o ar puro das selvas, extasiar-se ante o panorama encantador da Natureza em festa... que alegria, que satisfação para quem possue um Packard, o carro que vôa pelas estradas como si transitasse pelo asphalto liso...

Packard significa conforto. O seu systema de amortecedores, exclusividade Packard, permitte-lhe vencer as estradas mais escabrosas, buracos, tócos, lama, emquanto os passageiros são unanimes em louvar o conforto incomparavel que Packard lhes proporciona.

Além disso, Packard é o symbolo da segurança, o emblema da perfeição mechanica. Solido, rapido, bellissimo, quem não o distinguirá dos demais carros?

Não perca a opportunidade de examinar "de visu", os novos modelos Packard de oito cylindros em linha.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

PACKARD

Distribuidores:

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

A Tragedia de Sant'Anna do Ipanema

(Conclusão)

janella dos fundos encostada, empurrára-a, abrira-a, e pulára para o lado de dentro.

— Não lhe desejo fazer mal algum, disse. Quero apenas me diga onde o marido da senhora esconde o thesouro.

A mulher indicou-lhe o logar, e em seguida teve um desmaio. Degollou-a friamente.

Assenhoreou-se de todo o dinheiro encontrado, e dirigiu-se ao menino, que se achava em pé, tremulo, sem poder pronunciar uma palavra.

Ao segural-o por um braço, desatou o menino a chorar, mal balbuciando:

— Por que o senhor matou a mamãe, heim? Eu tambem vou morrer?

Nada disse em resposta, e degollou-o com impiedade, sem a minima perturbação.

Ao lado, de joelhos pedia-lhe a criada que não a matasse.

A modo aos olhos de Zé Brabêza surgiu o retrato da noiva fallecida. A rapariguinha tinha a mesma idade, o mesmo porte da noiva, sendo apenas mais gorda. A physionomia tambem era parecida com a da outra.

Zé Brabêza, naquella orgia de sangue, teve dôce recordação; a ferocidade do scelerado transformou-se inopinadamente em brandura. Os gestos rudes de tigre em ataques destemidos ficaram flexiveis. Com os olhos esbrazeados, o devorador de homens, mais cruel até que os homonymos da India, ficára sendo meigo cordeiro, e sentira-se acanhado ante aquella creatura que o dominava.

— De quem és filha? Do dono desta casa?

— Não tenho mãe, e talvez não tenha pae.

— Mãe não tens, bem vêjo. Si pudesse operrar o milagre de resuscitar o teu pae e a tua mãe!...

— Conheceu minha mãe? — interrogára com mais confiança.

— Julgava outra cousa. Que fazes nesta casa?

— Empreguei-me aqui, para ganhar a vida...

— Muito bem. Como vês, tenho a tua vida nas minhas mãos, mas poupal-a, e poupal-a-ei. Vivo só no mundo; por isso talvez seja tão máo. Só tive na terra os carinhos de uma unica mulher... e foi por pouco tempo!...

— Da sua mãe, talvez.

— Queres viver commigo? Serei o teu escravo.

— O senhor achou-me parecida com alguem... Foi com alguem da sua familia? Notei que se espantou, quando me viu.

— Sim, achei. Queres viver commigo? Serei muito bom, muito bom para a menina.

— Que vou ser do senhor?

— A minha companheira, a minha mulher.

Diná ficára visivelmente commovida, e tomaram os seus gestos de grande felina.

— Pobre de mim! Como poderá o senhor ser bom para mim, si é tão máo para toda a gente?! Como tenho mêdo do senhor!... Terei que me entranhar no matto, para o acompanhar!... Como tenho mêdo, santo Deus!... A gente morre num instante, e nunca mais ha de soffrer, penso eu. Prefiro morrer — disse, tremula, na incerteza de que tivesse elle coragem de a matar — a viver com um homem de quem não gosto, a quem vi, pela primeira vez assassinando sem compaixão até pobre criança que mal algum lhe poderia fazer! Não, meu senhor, não posso ser sua mulher; isso é horrivel! Si me quer dar a liberdade, afim de ir embora, serei grata ao senhor, por me deixar com vida.

E mentalmente pensava a rapariga em que, si não fôra a que se jugára escrava, de acompanhar a patrôa, quando foi mostrar o logar, onde se achava o dinheiro do patrão, teria tido tempo de fugir, evitando os olhos e estar naquelle momento sujeita aos tando assistir á scena dolorosa que presenciaram os instinctos bestiaes do bandido.

Irresoluto, com os olhos mádidos, estacára o salteador por um instante, em frente della. De repente, abriu os braços, avançou para a infeliz rapariga, amordaçou-a, conduziu-a para outro compartimento. Em syncope cahira Diná. Beijou-a o bandido... e beijou-a muitas vezes...

Carregou-a depois no collo. Cavalgou-o o rosilho "que não nega fogo"; fel-a escanchar-se na frente da mesma sella, em que montava elle. Sahiu o cavallo na obra baixa. (1)

* * *

APPARELHADA, a pastar na frente do pardieiro, foi vista no dia seguinte, e muito cêdo, a cavalgadura em que montava o senhor Beneventes. Lembrança não tivéra o bandido de a levar.

Pelos informes espontaneamente prestados pelo seu Antonio da venda, nenhuma duvida restou ás autoridades de que outro não fôra o autor da tragedia sangrenta; tinha sido este, sem nenhum cumplice, o famigerado Zé Brabêza.

E appareceram as lêndas da medonha catastrophe, e o pardieiro ganhou logo fama de mal-assombrado.

Viajou o bandido toda a noite do crime. Ao amanhecer, entranhára-se nas caatingas estorricadas, indo chegar pelas dez horas da manhã numa triste morada que havia devoluta em sitio para elle desconhecido.

Soube posteriormente que ali vivêra uma velhinha com dois netos. Deixaram-n'a atôa, porque não encontraram a quem vender e tangeram pela frente umas cabeças de gado, que conduziram até Canudos, em penosa viagem, afim de se livrarem do dia de juizo.

Corria pelos sertões que Antonio Conselheiro, Messias grotesco, prégava o fim do mundo. São Malachias, conta-se que affirmava elle, prophetizára acabar-se o mundo entre o fim do seculo que passára e o começo do presente; antes disso acontecer, teriamos a fome, a peste, a guerra. Já era patente o prenuncio do funesto acontecimento: com a fome andava-se a braços; lavrava a peste por toda a parte e peste era variola, mais conhecida por bexiga; estava imminente a guerra. Alastrar-se-ia em seguida pavoroso incendio, causado pela propria guerra, o qual mataria o resto dos habitantes terrestres! Feliz daquelle que em tempo conseguisse lograr um logarzinho na cidade santa, para se livrar de tamanho tormentos!

Para lá se havia abalado a infeliz vovó com os dois netos, rapazes robustos de vinte e poucos annos e tinham morrido todos os tres. Num encontro dos jagunços com a tropa de linha morreram os rapazes. Já arrependida de ter deixado os pagos, a velha que todos os dias esperava a resurreição daquelles succumbira em abatimento profundo, traumatica com o coração chagado pelas dôres das saudades allucinantes. Pobre velhinha!

Zé Bravêza e Diná fixaram-se naquella morada que mais parecia caverna, com todo o mobiliario que lá existia; uma roda de carro de boi com solidez pregada a um tronco secco quasi no meio da capuaba para ali se fazer a refeição, tres bancos com assento de couro, duas panellas de barro. Algum miseravel objecto, que mais lá houvesse, já tinha sido retirado.

Como criança chorava Diná, quando se achava só, porque não queria bem áquelle homem. Tinha-lhe mêdo!

E levou a vida a chorar, e não lhe sahiu dos olhos a tragedia de Sant'Anna do Ipanema.

(1) Andadura, correspondente, pouco mais ou menos ao trote 1.º tempo.

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

NANCY (São Paulo) — Não faço o estudo de sua letra porque o resultado não é nada agradavel para V. Ex. E eu já estou cançado de ouvir descomposturas... sem lucro algum.

ALCYMIRA (S. Paulo) — Como V. Ex. se interessa pelo exame de sua graphia, vou attender o seu pedido.

Comecemos.

A sua letra revela um temperamento delicado, docil e accommodaticio. V. Ex. é um pouco indolente. Ama os ambientes suaves e os repousos macios. Deve ter certo bom gosto, tacto, habilidade. E' impressionavel, hesitante e um pouco agitada. As suas idéas são claras, perfeitamente logicas. E' pródiga, no sentido material. Simples, não sabe ter força de vontade: é uma creatura que desanima facilmente. Por isso as suas affeições passam depressa e se esphacelam deante da primeira difficuldade. E' vivida, habil, ardilosa e desconfiada. E' uma pessôa que vive em luta com os proprios sentimentos, sem saber o que deseja. Não é, no emtanto, uma neurasthenica; é apenas uma irrequieta.

Quero crêr que já fiz o estudo de sua letra, ha dois ou tres annos.

MARIA V. (Capital) — Minha senhora. Dizia o conselheiro Accacio, aquelle cavalheiro illustre das palavras vulgares e phrases feitas, que ha destinos melancolicos, dentro da mais vibrante alegria. Um exemplo? Amanheci hoje, sabbado, 7 de setembro — contente e feliz com a manhã enuevoada e cinzenta. Chego á redacção e vêjo uma pilha de cartas de todos os matizes e feitios. Que alegria! São engraçadas, as taes missivas. Ha-as em puro estylo pedantesco, ha-as em estylo rococó, de poetas d'agua azeda — solução de acido citrico; ha-as em enssangue, etc.

De repente, abro a sua. Entristeço. Dentro da maior alegria entristeço. Por que?

Porque si V. Ex. é mesmo uma representante do sexo imberbe, quero dizer, sexo de Eva, e de facto tem grande affeição por mim (!) — desde já me considero um homem de pouca sorte. Por dois motivos: primeiro, porque, si a sua carta é dirigida a Yves, nem por isso insiste em querer que me chame Arthur — um vago Arthur que, na sua imaginação, só Deus sabe como ha de ser; em seguido logar, porque V. Ex. escreve mal, com uma força de 500 kilometros á hora.

Imagino que me escreve de algum sanatorio. Sabe por que? Por este simples motivo: Na sua missiva, leio este trecho: "Obrigado pelo julgamento que me fazes na Blague de 3-8-929 uma vez que só te lembras de mim em crise de assumpto." (O grypho é meu.) Infelizmente, V. Ex. — homem ou mulher — parece ser um caso perdido...

N. S. (S. Paulo) — Aqui está a sua cartinha côr de cinza. Transcrevo-a n aintegra para que se veja que V. Ex. faz questão da sua graphologia.

Eil-a:

"Illmo Sr. *Yves* — Como acontece com quasi todas as leitoras de sua secção no "FON-FON", estou ha muito tempo curiosa por saber o que revela a minha graphologia.

Tenho notado que V. S. não attende á maioria de pedidos referentes a isso, porém acho que se assim procede é porque tem motivos justos.

Caso V. S. queira fazer-me esta gentileza, adianto que ficarei immensamente grata, seja bom ou não o resultado.

Queria poder dizer-lhe o quanto admiro a sua pessôa, a qual não tenho o prazer de conhecer senão em photographias. Mas não vá o Amigo julgar que estou querendo tecer elogios com o unico fim de ser attendida no meu pedido. Isto não...

Como "Paulista", sou um tanto acanhada, talvez influencia do nosso clima, cuja "garôa" V. S. já teve o prazer ou desprazer de conhecer.

Não sou moça muito instruida, porém gosto immenso de lêr e sonhego diversos livros bons entre os quaes o "Suave Enlevo" que revela bem a sua alma de poeta.

Sei que V. S. é de uma ironia fina que ás vezes apezar da crueldade, torna-se mais admiravel ainda.

No entanto espero merecer um pouco de sua valiosa attenção e não receber como algumas, a seguinte resposta: Não sou graphologo.

Dou abaixo o meu verdadeiro nome, mas, peço o obsequio de responder para — N. S.

Pedindo desculpar-me, fico muitissimo grata, e subscrevo-me. — Ao seu inteiro dispôr."

Agora passemos ao exame de sua letra.

Indica ella um temperamento delicado, calmo, doce, mesmo um pouco indolente. V. Ex. é uma criatura que não sabe lutar. E' docil e não tem força de vontade. E' uma vencida. Vaidosa, muito até não permitte que tenha a seu respeito uma palavra que não seja de louvor. A sua sensibilidade é muito delicada. E feita de pellucia.

E' um tanto inexperiente. Talvez ingenua e de bôa fé. Não é pródiga, mas não é usuraria. As suas attitudes são limpas e elegantes. As suas idéas são claras. Tem um certo bom gosto e fojo ás coisas materiaes. Zombeteira, gosta de rir dos que a cercam e sabe tirar partido de todas as situações: é opportunista. Gosta das minacias. Tudo que é seu é muito detalhado.

Não é alegre. Nada alegre. E' triste. E si bem que ria, de quando em quando, o seu riso não é de alegria: é um pouco melancolico.

E' possivel (isso eu não affirmo) que tenha algum soffrimento interno. Figado, por exemplo, ou outro orgão a que me não posso referir nesta secção, mas que não fica longe daquelle.

Curioso é que V. Ex. pareça ser muito simples.

Agora faça o favor de escrever-me novamente, dizendo mais ou menos isto: "Sr. Yves — O sr. é um simples amador da graphologia, mas vê as coisas da nossa alma, como se servisse de microscopio, (ou telescopio? ou psychoscopio?)

MARILIA (Capital) — Sim, aqui está a sua carta lilaz, revelando muito bom gosto. Não ha duvida.

Quero crêr que já lhe fui apresentado. Isso a dar credito ao que me escreveu. Será verdade?

V. Ex. não será irmã daquella graciosa pianista?

Admiro muito o seu illustre pae.

Si, de facto, V. Ex. já me foi apresentado, num elegante salão desta capital, é claro que fico embaraçado para dizer o que revela a sua letra.

Ser franco? Não é possivel.

Ora, o que sinto é o desejo de galanteal-a, á maneira dos poetas lyricos. Não ficaria mal que dissesse achal-a interessante como aquellas marquezinhas e duquezas da côrte do Rei Sol, empoadas e frágeis, sob a graça da cabelleira branca, cheias de tufos de sêda, nas saias convexas, abobadadas, — nas ancas roliças, — a mão enluvada, brotando como uma flôr pentagonal do punho de rendas, em-

DEBILIDADE GERAL

Fraqueza geral, em consequencia de excesso de trabalho ou de molestias agudas, graves. Pallidez, Anemia, Falta de Appetite, Constipação de ventre. Debilidade devida á perda de fluidos organicos.

Em todos estes casos o organismo necessita de um reconstituinte de acção rapida e certa, e por isso deve-se usar o

Biotonico Fontoura

cujos effeitos beneficos se manifestam logo nos primeiros dias de uso.

O MAIS COMPLETO

FORTIFICANTE

BURIDAN Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

VILLACABRAS

A MAIS PURA E A MAIS ACTIVA

DAS

AGUAS PURGATIVAS NATURAES CONHECIDAS

VILLACABRAS

81, Rue Parmentier LYON-FRANCE

quanto ellas dançam o minueto ou a pavana e os marquezes impertinentes as fixam com a elegancia do seu monoculo petulante... Tenho vontade de declamar, aqui, os lovores destes versos de Samain:

Grand air. Urbanité des façons
[anciennes.
Haut cérémonial. Révérences sans
[fin.

....

Princesses de sang bleu...

Mas, para que? Afinal de contas V. x. não me pede madrigaes, uma vez que não faltarão almofadinhas que lh'os digam, (empregando mal os pronomes e confundindo *soneto* com *cançoneta*) para merecer de V. Ex. a graça de um sorriso ou a concessão de um tango, de

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

um fox, de um maxixe (familiar, já se vê) emquanto o "jazz" guincha e as melindrosas jantam displamente) "sandwichs" com *chopp* e refrescos de groselha...

Valerá a pena fazer o estudo de sua graphia?

Acredito que sim. Justamente porque a sua letra revela traços muito curiosos do seu caracter.

Antes de tudo, deixe dizer-lhe que me surprehendeu a elegancia como escreve. V. Ex. é, felizmente, dessas cariocas que sabem traçar uma carta com brilho e clareza.

Agora, vamos á graphologia.

Deferirá, hoje, a sua calligraphia da antiga?

Haverá contradicção entre o que lhe vou dizer agora e o que já disse ha um anno? E' provavel que sim...

Nessa bella sciencia ha detalhes permanentes, invariaveis: os de ordem technica; e ha os variaveis: os de ordem psychologica. Quero crêr que estes serão os que possam variar no caso vertente.

Comecemos. Noto na sua letra de hoje: um pouco de egoismo, no sentido superior da palavra. Indolencia, prazer do conforto, o gosto pelos ambientes faustosos e as accommodações macias. Orgulho? Sim. E não pouco. Prepotencia. Audacia. Espirito despotico. Violencia. Agora o lado contradictorio do caso: tudo isso é sob uma apparencia doce, affavel, até mesmo risonha, visto como V. Ex. tem bom humor, gosa de bôa saude e calma, serena, segura de si mesma. Não é uma destemperada dos nervos.

A sua vontade é de ferro, tenaz energica, resoluta, como a vontade de quem marcha, para frente com a certeza de que vae vencer. Tem bom gosto, sensibilidade artistica, graça, doçura, espirito vivo. Um pouco de zombaria para com os demais; brejeirice, é o que é. Bom appetite, quasi glutonice. Pouco sentimentalismo, é verdade, mas é capaz de amar.

A sua assignatura resume o seguinte: equilibrio nas suas idéas que são claras; luta com as proprias emoções, que propendem para a melancolia e o desejo de elevar o proprio nome. Grande dose de desconfiança. Agora, uma falta: o anno passado V. Ex. faltou á verdade, quando me deu um nome bonito, mas que não era o seu.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 7-9-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

YVES

Camisa não sunga
TYPO SPORT
UMA SÓ PEÇA — EXCLUSIVO DA
CASA VIEIRA NUNES
Patente: 16.828 — AV. RIO BRANCO, 142
Preços: brancas, 20$, 25$ e 30$ — Côres, 22$, 28$ e 38$000
em S. Paulo: CASA D'OESTE — Rua de São Bento, 76-C.

UMA LATA
DE VERDADEIRAS
PASTILHAS VALDA
bem empregada, e utilisada a proposito
resguardará
vossa Garganta, vossos Bronchios,
vossos Pulmões,
combaterá efficazmente
DEFLUXOS, BRONCHITES, GRIPPE,
ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.
Mas sobre tudo EXIJI as VERDADEIRAS
PASTILHAS VALDA
vendidas sómente EM LATAS com o nome VALDA
Encontram-se em toda sas Pharmacias e Drogarias

PASTILLES VALDA
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des Maux de Gorge, Laryngites, Enrouements, Irritations, Rhumes, Toux, Bronchites, Grippes, Influenza, Catarrhes, Asthme etc.
MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
ACTION MERVEILLEUSE
ETABLISSEMENTS PASTIVAL
PARIS
APPROVADO PELA ... em 22 de Março de 1913

OS DOIS IRMÃOS PROPHETAS

HAVIA vinte annos que os guias Hans Fuchs e Johann Fledermaus se odiavam. Nunca trocavam palavra, e quando se encontravam no Zermatt ou na montanha, cada um cuspia em signal de despreso.

A origem de seu odio remontava-se á época de seus paes. O de Hans odiava o de Johann. Os filhos haviam feito seus os rancores paternos, e agiam em consequencia disso.

Quando se falava de Hans deante de Johann este se limitava a dizer

— E' um bruto, que nunca conhecerá a montanha.

E quando Hans falava de Johann, resmungava:

— Esse asno conduzirá os viajantes á morte

Varias vezes se tentou reconcilial-os. Mas seu odio chegára a ser tão natural, que abandonal-o seria apostasia. No entanto, o rancor não os perturbava muito, porque elles eram dois temperamentos glaciaes: duas imaginações embrutecidas no gelo em que viviam. Só quando Hans ou Johann acertava em guiar alguns touristes até os cimos perigosos da região, é que esse odio se mostrava mais vivo.

FOI em Breithon que occorreu o accidente que deu victoria a Johann. Hans devia ir com dois canadenses habituados com os frios polares. Era em pleno verão, e a comitiva sahia do hotel ao despontar do dia.

Ameaçava uma mudança de tempo para o cahir da tarde. Mas os velhos praticos acreditavam que até então o dia estaria esplendido.

Hans, auxiliado por um joven guia, chamado Kuchli, considerava a excursão como um passeio sem consequencia. O Breithon nunca lhe havia jogado nenhuma passada má.

A excursão foi, a principio, encantadora. Os dois canadenses, que amavam a natureza ingenuamente, gozavam a magica transparencia da atmosphera, e se voltavam com frequencia, para admirar as enormes montanhas cobertas de perpetuas neves.

Hans marchava sem pressa, e de quando em quando dava aos viajantes informações acerca das alturas que ia escalando. Sem incidente algum, chegaram ao cimo.

— Dir-se-ia que se está no fim do mundo — exclamou um dos viajantes.

As reflexões deram logar ás comidas. Os quatro excursionistas devoraram mais do que comeram, pois em logares assim, comer é uma alegria bem profunda.

Ao começar a descida, Hans se inquietou. O céo se apresentava ameaçador, começava a soprar o vento, e o guia accelerou a marcha.

FOI penosa a descida. Cahia a neve em abundancia, e o deserto alegre se tornou sinistro. A terra habitavel parecia estar a uma distancia inattingivel, infinita.

A cada momento, Hans e seu companheiro tinham que ajudar aos touristes. O guia estava cada vez mais preoccupado. Frequentemente vacillava ante o caminho a seguir.

Sobreveiu o accidente. Os canadenses desappareceram por uma greta. Hans, com o auxilio de uma corda, desceu em seu soccorro. Os canadenses não haviam soffrido nada e puderam facilmente subir com a ajuda da corda, seguidos do guia. Quando já estavam salvos, um desmoronamento arrastou Hans... Seus companheiros se esforçaram em vão para encontral-o. A tempestade recrudescia. Todo esforço parecia inutil. Foi preciso continuar a marcha.

NO hotel, encontraram Johann, que, presentindo a tormenta, não havia sahido.

Quando soube do accidente, se lhe escapou um grito, no qual havia tanta indignação como alegria. E não poude deixar de exclamar:

— Bem dizia eu que elle nunca conheceria a montanha!

Amainava a tempestade, e Johann foi á procura de Hans, com outros guias. Depois de grandes caminhadas, conseguiu encontrar a pista e chegou até onde estava Hans, desmaiado e quasi gelado. Mas salvou-o com perigo de sua vida.

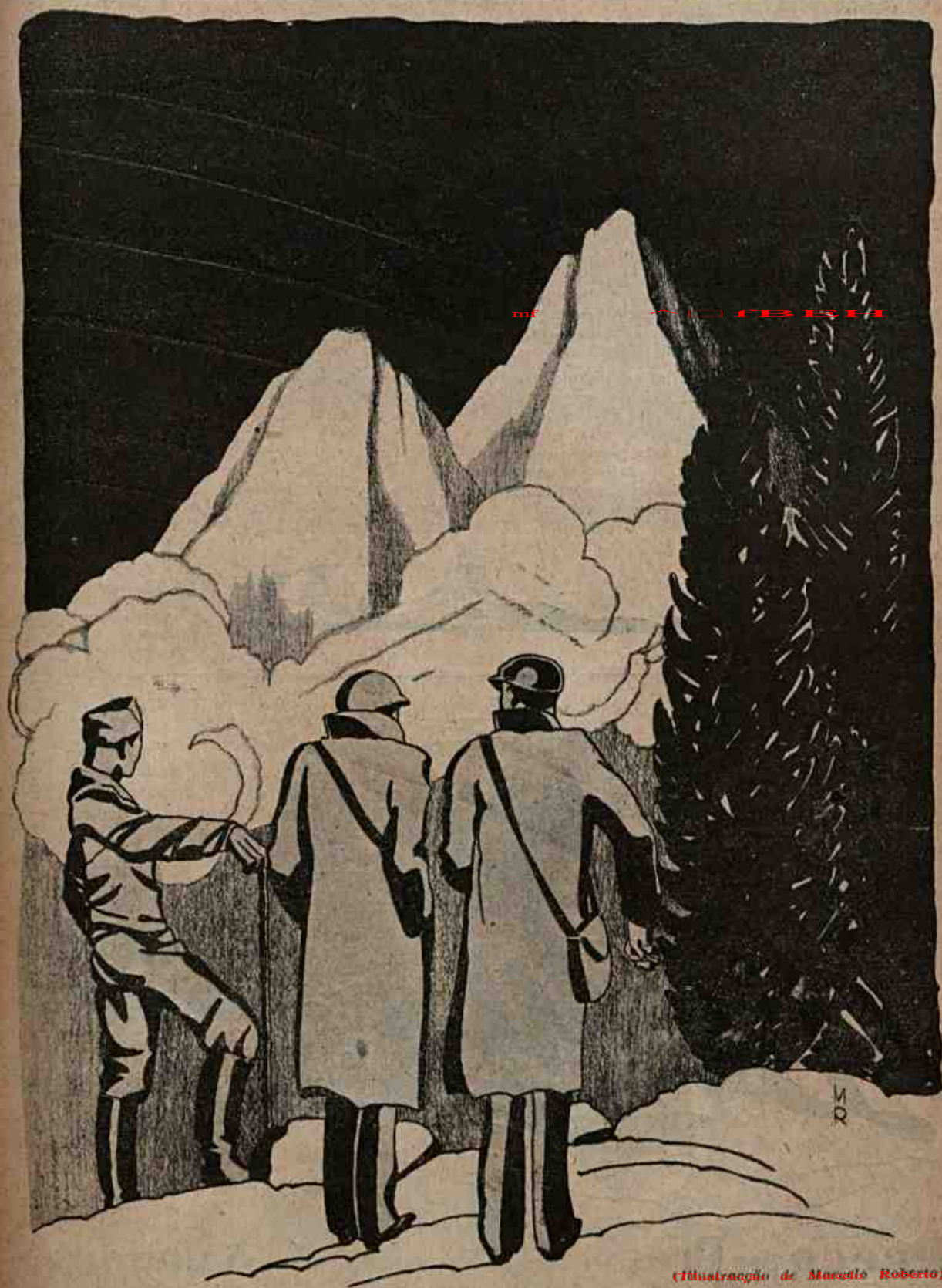
A humilhação de Hans foi terrivel. Já não se atrevia a cuspir quando se encontrava com Johann. Este, no emtanto, quando cruzava com elle, se punha a rir e lhe dizia:

— Não cumprimentas a quem te salvou a vida?

Hans tirava o gorro, e dizia:

— Não estamos em paz, Johann! Deus virá em meu auxilio, e eu te salvarei por minha vez!

— Johann Fledermaus se salvará elle mesmo!

Ambos eram máos prophetas. Johann cahiu de uma altura de trezentos metros, e morreu. Hans, que esperava seu desquite, só poude recolher seu cadaver. Então, u m

(Illustração de Marcello Roberto)

grande melancolia se apoderou delle, e quando aos sabbados á noite regressava á sua choça, depois de ter bebido alguns copos, dizia:

— Debochas de mim dahi de cima, Johann Fledermaus!... Ha cousas que Deus não deveria permittir! Desde que tu me salvaste a vida, eu tinha o direito de tirar minha "révanche". Isso prova que não ha justiça!

— Quantos annos tem a filha?

— Quatro.

— Que é que ella têm?

— Máo olhado de mulhé.

— Que é que é preciso fazê?

— "Ebó".

— Onde?

— Nas onda do mar.

O negro dirigiu-se a Maria Helena:

— Tá vendo? Vosmecê acredita no que Ochalá disse?

—Acredito. — disse surdamente a pobre mãe.

— Agora é preciso prepará um "despacho" para a senhora jogá nas onda do má. Sua fia tem ôio grosso. Vosmecê deixa aqui cincoenta min réis, p'ra o "ebó". Quando vosmecê chegá em casa, sua fia já está mais mió.

— Oh! meu Deus! Será possivel?

Depois de entregar o dinheiro ao feiticeiro, a moça desceu quasi correndo a ladeira que con-

O CONTO BRASILEIRO

(*Conclusão*)

* * *

duzia á casa. Chegou finalmente á rua. A noite descia já, e Maria Helena pensava agora no que fizéra, deixando a casa sem que seu esposo soubesse, e a filha entregue a uma criada.

Ignorava que fosse tão longe o antro do feiticeiro!

Em vão ella esperava um bonde, um auto vazio; parecia que tudo se congregava para retardar a sua volta.

Um transeunte passou, dirigiu-lhe um galanteio que ella não ouviu; adeante, um casal parou para vel-a passar, com um ar de doida, massacrando os pés no calçamento esburacado da rua...

Que importava? Ella queria era chegar em casa para vêr sua filha já melhor, sorrindo por vel-a chegar.

Para isso, Maria Helena teria ido ao antro de Belzebuth, ao fundo da terra, ao fim do mundo.

Um auto vazio passou; ella correu, chamou.

— Para onde vamos?

— Copacabana; depressa!

O auto rodou célere.

— Depressa, depressa...

— Não posso correr mais do que isto. A Inspectoria me multará.

— Meu Deus!

Finalmente, o carro parou.

Maria Helena atirou-se para fóra do automovel, deixando na mão do "chauffeur" uma cedula de vinte mil réis.

— E' doida! — disse elle, tocando o carro.

A moça, offegante, em desalinho, barafustou pela casa a dentro em busca do quarto, do ninho de rendas e bordados que fizéra para a sua Dulce.

Sobre a cama, debruçado, quasi occulto pelas fitas e gazes do pequeno cortinado, um homem forte soluçava, arquejando.

— Astolpho! Minha filha?!

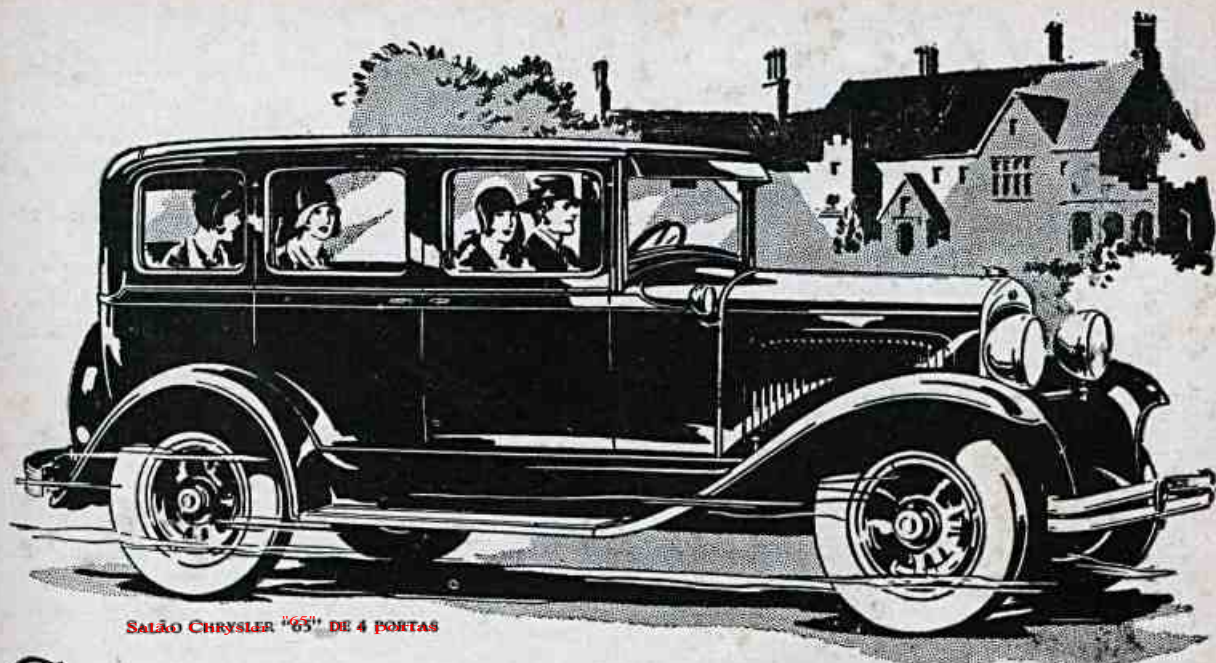
Elle ergueu-se; sua face lacrimosa tornou-se energica; pegou pelos pulsos os braços de Maria Helena e sacodiu-a frenetica, nervosamente, brutalmente:

— D'onde vens, infeliz? Onde estavas tu, Maria Helena?

—Astolpho! Minha filha?

Um violento soluço fez estremecer o peito forte do rapaz e elle respondeu:

— Morreu... sem ti... sem o teu olhar... como uma orphã!

SABONETE
Dorly
PERFUMARIAS LOPES
RIO
SÃO PAULO
Preço por Preço, é o melhor
E AINDA SUPERIOR A OUTROS MAIS CAROS
Á venda em todo o BRASIL

Salão Chrysler "65" de 4 portas

Solicite uma demonstração

em um Chrysler "65"

O Chrysler "65" apresenta a brilhantez de funccionamento que distingue os automoveis Chrysler de todos os demais—o resultado do seu possante motor "Silver-Dome," construido por Chrysler, provido de um veio motor contrapesado de sete chumaceiras.

Não se pode imaginar um automovel mais facil de guiar, o que se deve á sua docilidade, á suavidade do seu mechanismo de direcção, ás rodas dianteiras equilibradas e á acção positiva dos seus freios hydraulicos de expansão interna nas quatro rodas que não são affectados pelas mudanças de tempo.

As suas molas têm as extremidades presas em blocos de borracha, o que, juntamente com os seus amortecedores de choques hydraulicos, permitte ao Chrysler "65" viajar em qualquer estrada sem solavancos nem balouços.

No que diz respeito a estylo, o Chrysler "65" pode ser considerado o figurino da sua classe. Onde quer que V. S. esteja, sentirá orgulho em possuir um Chrysler "65."

Observe todas as suas caracteristicas e experimente, por meio de uma demonstração, o funccionamento que ellas tornam possivel. V. S. comprehenderá então o motivo da supremacia do Chrysler "65" entre os automoveis da mesma classe de preço.

CHRYSLER "65"

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Distribuidores:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

DUAS AMIGAS

ERAM muito amigas Branca e Lúcia. Andavam sempre unidas desde meninas, quando frequentavam o mesmo grupo escolar. No collegio, eram inseparaveis. Juntas passavam as férias; ora em alguma fazenda, ora em uma cidade vizinha, ora na capital. Eram muito amigas Branca e Lúcia.

Dois typos completamente differentes. Branca, loura, cabellos com leve pulverização de ouro. Lúcia, morena, adoravelmente morena. Cabellos abundantes, negros, ligeiramente ondulados. Olhos cheios de affectos, numa constante irradiação suave de illusões doces... Negaillos travessos brincam-lhe nas faces lindas, como duas petalas de rosa encarnada. E toda ella em garbo nobre, e numa impeccabilidade admiravel de contornos. Porém, o que mais captivava em Lúcia era a percepção clara e facil, a viveza de entendimento, e a alma dotada de grande emotividade e finamente sentimental. Lúcia era o typo ideal de belleza, de candura e intelligencia.

Branca não possuia desses dotes tão raros que dão á mulher o dominio sobre o homem. Era, entretanto, filha unica de um ricalhouço.

Si bem que amigas intimas, queriam ambas a Donardo, moço de primoroso trato, esbelto e recem-formado em medicina.

Branca endereçou-lhe, sem muitos rodeios, uma declaração. Tão franca, sem rebuço, aquella confissão não agradou a Donardo, joven de talento robusto e psychologo. Finda a leitura da cartinha aromatica, observou as florinhas á margem e disse de si para si: "Pobrezinha! Desconhece os meios tacitos, diplomaticos para uma conquista duradoura; pobrezinha! Piegas e nada mais. Afinal de contas, é millionaria. Casando-me com ella, seria, em parte, a realização dos meus sonhos de estudante. Mas... é triste...!" E, num grande suspiro, soltou uma fumarada do bom charuto.

No dia seguinte, á hora em que a tarde esmaecia em tristezas lentas, Donardo, sentado num banco no jardim, respirava o tepido perfume das flôres.

Branca, em companhia de Lúcia, dirigiu-se a elle.

— Dr. Donardo, bôa tarde.

— Bôa tarde, Branca.

E, levantando-se, descobriu-se, em signal de respeito, e amavelmente apertou-lhe a mão.

— Tenho o prazer, Doutor, de lhe apresentar a minha amiga Lúcia Ramos de Oliveira.

— Senhorinha, sendo-me altamente honrado e feliz, conhecendo-a.

E cumprimentou-a com extremo de delicadeza.

— Egualmente, respondeu Lúcia, linda no fulgor de seus encantos, divina no seu angelical sorriso.

Donardo contemplou-a com visivel contentamento de alma; e, por instante, alli ficou, esquecido de si mesmo, como que rendendo culto áquella imagem tentadora de mulher.

Em seguida, passearam pelas ruas arenosas do jardim. Admiraram os alegretes repletos de flôres viçosas. Que profusão de perfumes!

Tendo uma violeta entre o indice e o pollegar, disse Donardo: "Gosto desta florinha, que exhala, essência suavissima, e se esconde nas folhinhas verdes, como a mulher que rescende seducção, e se occulta na sua encantadora timidez...!" E, analysta de almas, olhou para Lúcia, tentando perscrutar-lhe o intimo.

Ella baixou os olhos, emquanto pelas faces lindas se lhe espraiou onda leve de rubor...

Avançavam as sombras, precursoras da noite. Deixaram aquelle recanto floral; e, cavaqueando amoravelmente, chegaram á porta da casa de Lúcia. Entrram. Na sala reinava ordem e asseio. Em fina jarra de crystal, sobre o piano, rosas vermelhas desfolhavam-se, em pranto. As petalas, lagrimas rubras, salpicavam a negrura espelhenta do verniz. E tudo na doçura da penumbra...

Lúcia correu os dedos ágeis sobre as teclas de marfim, e sonoridades ternas harmonizaram-se com a nostalgia do ambiente.

Donardo, na poltrona côr de malva, deixou o espirito mergulhar-se em tristezas vagas.

A lampada suspensa poz um ponto final, ponto de luz, á ternura incomparavel da hora indecisa. A sala ficou inundada de claridade. Cedendo á influencia do scenario, Lúcia executou trechos alegres. Depois, cançada, sentou-se no sofá macio. Era admiravel o vel-a, dando apartes seguros nos diversos assumptos da conversa animada.

Muito tarde Donardo retirou-se.

No dia seguinte, logo de manhã, a criada de Donardo communicou-lhe que uma jovem desejava falar-lhe.

— Mande-a entrar na sala de visitas. Vou immediatamente.

"E' Lúcia", pensou elle comsigo. E deante dos olhos surgiu-lhe a imagem de Lúcia, a sorrir-lhe, linda e feliz. Conchegou a roupa, compoz-se ao espelho e foi recebel-a. Ao abrir a porta, deu com Branca.

— Vim fazer-lhe uma visita, Doutor.

— Muito obrigado. A senhorita é extremamente amavel.

Depois de alguma conversa futil, Branca retirou-se.

Em seu escriptorio, fumando na cadeira giratoria, Donardo dizia de si para si: "Coitadinha! Tão offerecida! Em todo o caso, é menina valorizada."

* * *

NUM leito de pureza, jazia a enferma de Donardo. O rosto, pallido e abatido, conservava ainda a delicadeza de traços. Aquelles olhos tão doces, tão cheios de mysterios, volviam-se agora, cansados, no fundo das orbitas. Melenas negras de cabellos destacavam-se da alvura do travesseiro de linho. Era adoravel ainda na sua sympathia apagada. Sobre a mesinha, frascos tristes de remedios. A' cabeceira, na parede branca, o crucifixo de marfim. Dr. Donardo tomava-lhe, amiudadas vezes, o pulso e dizia-lhe, ao ouvido:

— Estás bem melhor, entendes, Lúcia? Em breve, si Deus quizer, ficarás bôa.

Olhando para elle, com seus olhos grandes, lentos, velados, Lúcia apenas movia os labios num imperceptivel:

— Sim.

Branca, de avental purissimo, tornou-se a enfermeira de Lúcia. Não arredava de junto della. Dormia poucas horas, á noite.

— Dr. Donardo, como vae passando a minha filha? — perguntava d. Emilia, a mãe de Lúcia.

— A molestia está cedendo, minha senhora. Dentro de poucos dias, vel-a-emos restabelecida.

— Oh! grande Deus! — exclamava d. Emilia, de mãos postas e olhos para o céo. Doutor, continuou ella, nunca suppuz que Branca fosse tão amiga de Lúcia, como como é.

— Realmente, distincta amiga.

Donardo entrou novamente no quarto de sua enferma, e pôz-se a acompanhar-lhe a molestia nos tratados de medicina, o que fazia frequentemente. Examinou outra vez as receitas. Eram aquelles os medicamentos aconselhados pela sciencia. E revoltava-se contra a sciencia, que falhava no momento em que della mais precisava. E resmoneava, contrariado, meneando a cabeça: "Oh! a sciencia! a sciencia! para que serve?"

Obedecendo á vontade de Lúcia, Donardo passava largo tempo junto della, feliz porque podia contemplar ainda, com vida, a sua Lúcia, luz de seus dias, luz que, gradualmente, se ia apagando para sempre. E se revoltava contra a sciencia, que nada podia em face do mal triumphante.

— Branca, disse Donardo, um dia, a tua amiga, a minha Lúcia, é um caso perdido. E retirou-se, afogado em pranto.

— Jesus! Que horror! bradou Branca.

E, levando o avental aos olhos, foi-se para um canto do quarto. Parecia chorar. Volvidos minutos, tirou, do seio, um vidrinho. Observou-o. Havia ainda um pouco do pózinho letifero... "Talvez dê" pensou ella. E correu para perto da doente...

Donardo, afflicto, partiu para a cidade vizinha, afim de conferenciar, sobre a molestia de Lúcia, com seu antigo professor, sumidade medica.

A' hora marcada, Lúcia tomou uma colherada de remedio, e sentiu-se peor, ansiada. E baixinho dizia: "Donardo, Dnardo, por que me abandonas, nos ultimos instantes de minha vida?"

A tarde ia em desmaio, quando Donardo voltou. Approximou-se de Lúcia; estranhou-lhe a respiração laboriosa e lenta. Examinou as dosagens com as [illegible] que trouxéra. Estava tudo exacto. Depois, tomou o pulso de Lúcia; e viu, com espanto, que o coração ia parando, aquelle coração que devia pertencer-lhe eternamente.

Lúcia, num derradeiro esforço, abriu os olhos e tentou proferir algumas palavras. Não poude. Pia, talvez, o pedido de uma promessa... Em seguida, inclinou a cabeça e expirou. Morreu como uma flôr.

Donardo cahiu de joelhos ao pé do leito, segurando, com ambas as mãos, a mão fria de Lúcia. E, banhando-a de lagrimas ardentes, e cobrindo-a de beijos loucos, dizia:

"Lúcia, Lúcia!" — como si tentasse, num desespero supremo, fazel-a ainda tornar á vida.

Lá fóra, a ultima luz do crepusculo, illuminava a terra, num clarão de sirio. Era a hora triste da agonia...

JOSÉ BENEDICTO CURSINO.

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil. —5, rua Alcino Guanabara, —5, Tel. C. 2431

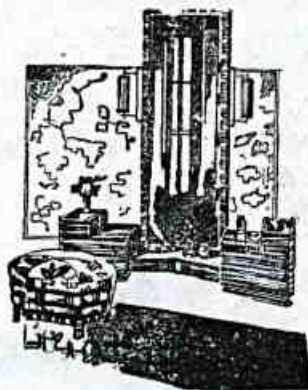
RIO DE JANEIRO

Odorans

o antiseptico por excellencia para a bocca e a garganta.

A venda em toda parte e na Casa Hermanny. Rio

LAUBISCH - HIRTH

Moveis de distincção e decoração geral de interiores

Fabrica:

RUA RIACHUELO, 81—87

Telephone Central 4754

Ender. Telegr., «RIOMOVEIS»

Exposição do Centenario

GRANDE PREMIO

Exposição e venda:

RUA DO OUVIDOR, 86

Telephone Norte 3128 Tapeçaria: Central 5170

Com importante stock de nossos fabricados, sedas, cretones, tapetes orientaes e europeus, cortinas, etc.

Ender. Telegr. «MOBILART»

VARINHA DE CONDÃO

Grupos de pastilhas para bordar, applicar ou pintar

AS pastilhas estão novamente muito em moda, e apparecerão profusamente sobre os tecidos do proximo verão. Apenas sua tendencia é para a irregularidade de tamanho e dissymetria de disposição.

Aproveitemol-as tambem, e com a mesma apparencia, para enfeitar varios objectos de nosso uso.

Essas pastilhas serão bordadas a ponto cheio, applicadas e pregadas com ponto de festas miudo ou pintadas com tinta indelevel, segundo o gosto de cada leitora.

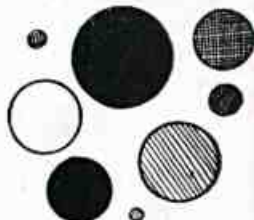
A' direita e á esquerda da pagina vemos dois jogos de golla e punhos de "lingerie", tão em moda actualmente; e que darão á mais sobria "toilette" um aspecto joven e galante. O da esquerda é de voile branco beirado por um viez de organdi azul, enfeitado com pastilhas de organdi azul e vermelho incrustadas nos cantos. O da direita é de organdi rosa bordado com pastilhas brancas feitas com pontos diversos, uma furada e caseada, outra com ponto cheio, outra pontilhada, etc.

Em baixo, á direita, se vê uma graciosa blusa de crepe da China, branco, sobre o jabot da qual foram bordadas pastilhas azues e vermelhas.

A seguir, um serviço de chá ornado de "a jours" á mão, unidos, nos cantos, por grupos de pastilhas multicôres.

Em cima dessa toalha está um panno de mesa creme com barra amarella, enfeitado de pastilhas côr de laranja e pretas. Depois uma camisa de typo classico, tendo um embutido de filó em bicos, traz sobre estes grupos de pastilhas do proprio tecido. Adeante nota-se um chapeleto moderno de feltro beije, embutido no alto de feltro azul marinho e ornado por grupos de pastilhas recortadas em feltro de varios tons e presas com pontos tão invisiveis quanto possivel. O chale que o acompanha é de crêpe da China beije com barr azul marinho e ostenta pastilhas bordadas e pintadas em côres identicas ás dos feltros do chapéo.

Vem em seguida uma bolsa feita de lã de varias côres e enfeitada por gru-

pos de pastilhas salpicando o colorido de cada trecho com os tons dos outros pedaços.

Em cima, emfim, está um costume para criança composto de camisolinha, de seda ou de cambraia côr de canario bordada com pastilhas de varios matizes de azul, e de um pequeno paletot de lã na mesma côr, enfeitado egualmente.

DOIS VESTIDOS — Domingo, 1 de setembro, sob um céo magnificamente azul, desdobrado no alto como um sonho de paz e alegria,

sob a poeira de oiro de um sol fulgente e claro e a vibração tonificante de uma brisa ainda fresca de inverno, realizou-se o grande premio no prado do Jockey.

A assistencia estava tão brilhante e animada quanto o esplendor magnifico do dia. E dir-se-ia que ao duplo magnetismo da luz scintillante e do povo enthusiasmado, os nobres animaes de sangue fidalgo se impacientavam, resfolegavam, luzidios e altivos em sua esguia nervosidade.

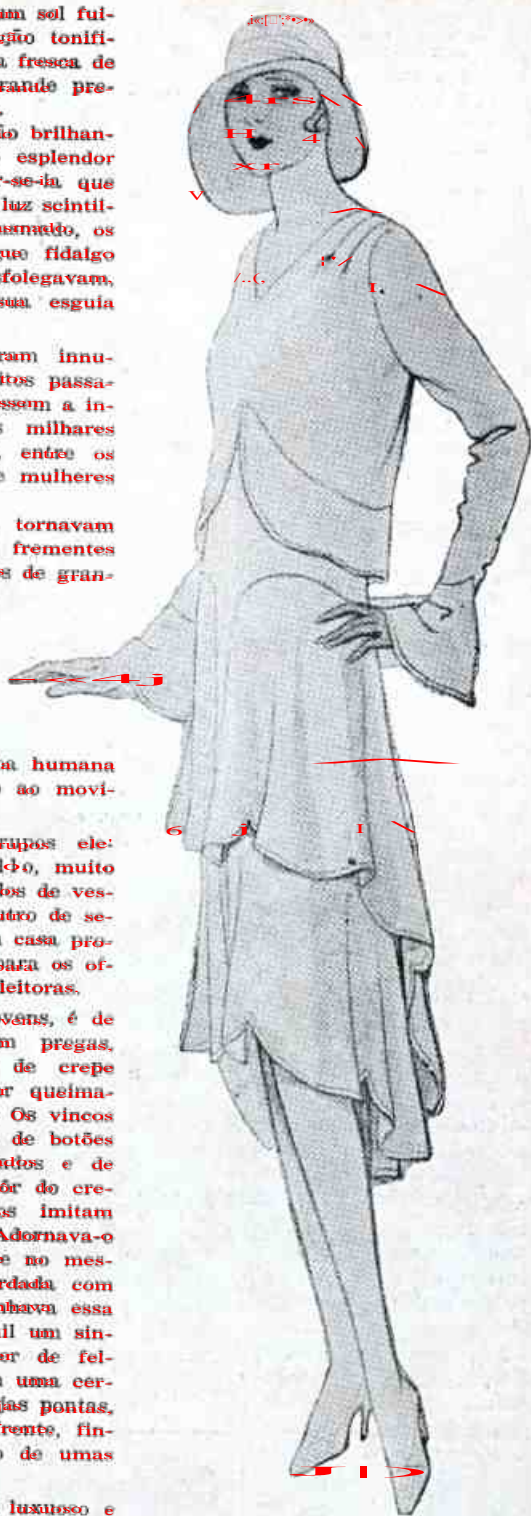
As sahidas falsas foram innumeras; os briosos favoritos passarinhavam como si recebessem a influencia mysteriosa dos milhares de olhos fixados nelles, entre os quaes tantas pupillas de mulheres bonitas...

E, findas as provas, tornavam pela mão dos jockeys, frementes ainda, os dorsos banhados de grandes manchas de suor...

E então era a palpitação triumphanta do esforço vencedor, a irradiante energia daquelles animaes super-excitados que parecia electrizar a turba humana que ondulava, aspirando ao movimento.

Nesse vae-vem de grupos elegantes, num intervallo, muito admirei dois lindos modelos de vestidos, um de mocinha, outro de senhora, que ao chegar em casa procurei fixar de memoria para os offertar ás minhas gentis leitoras.

Eil-os: o n. 1, para jovens, é de crépe radium azul com pregas, abrindo sobre pedaços de crepe georgette côr de assucar queimado, em bandas plissadas. Os vincos das pregas são beirados de botões de madreperola amarellados e de caseados fronteiros na côr do crepe georgette. Os punhos imitam esse arranjo do vestido. Adornava-o pequena golla de lingerie no mesmo tom do caseado, bordada com pastilhas azues. Acompanhava essa "toilette" fresca e juvenil um singelo chapéozinho canotier de feltro beige amarellado com uma cercadura de feltro azul, cujas pontas, trespassando quasi na frente, fingiam o geito descuidado de umas extremidades de fitas.

O outro vestido, mais luxuoso e senhoril, era de crepe setim verde amarellado, tendo no corpo uma barra ligeiramente enviezada formando bolero, cuja disposição ascendente na frente era repetida pelos babados da saia, bem em forma recortados em largos festões arredondados, e acompridados sobre um lado, quasi atrás. Acompanhava esse vestido um chapéo de bengali verde, no mesmo tom, de aba irregular, alargada de um lado, relembrando o movimento do vestido, e enfeitado simplesmente com uma faixa franzida de georgette verde mais claro, presa sobre o lado por uma barrete de fantasia.

Ás onze e quarenta e cinco da noite, Guépin entrou na casa sem fazer barulho. Seguia-o um cachorrinho errante. Chovia e o tempo estava fresco. Guépin não teve coragem de espantar o animal, cuja anciedade traduzia pelo estremecimento febril de um rabo minusculo.

Riscou um phosphoro, entrou na cozinha e fez luz.

Tudo estava em ordem e respirava a maior limpeza, apesar de naquella noite haver jantado em casa a familia.

Emquanto elle fôra acompanhar a tia Virginia, os primos Babuchard e o tio Celestino até o bonde, sua mulher havia lavado toda a louça e deixado a cozinha um brinco, como ora via.

— Pobre Antonia! — murmurou.

Agora lhe pesava um pouco ter prolongado os prazeres da mesa com algumas libações solitarias em varios cafés do bairro.

E, como tinha o vinho carinhoso, um impulso effusivo levou-o a inclinar-se para o cachorrinho, que tiritava a seus pés, olhando-o fixamente.

— Tiveste sorte encontrando-me — disse - lhe, acariciando-lhe a cabeça. — Graças a mim, vaes passar a noite quentinho.

E com uns papeis, uns trapos e um pouco de palha, perto do fogão, ainda morno, improvisou um leito, brando e abrigado, onde deitou seu protegido.

A's sete da manhã, Guépin dormia profundamente, quando sua mulher o despertou, sacudindo-o com força.

— Acorda, Antonio!

Elle abriu os olhos, sobresaltado.

— Já são sete horas?

— Deram ha pouco tempo. Tens o tempo exacto para vestir-te e ir correndo para o escriptorio.

Meio dormecido, a bocca pastosa, e sem se lembrar de nada, se levantou resmungando.

A senhora Guépin contemplava-o em silencio.

Indubitavelmente, estava com raiva do marido, por ter elle passado a noite rodando pelos cafés, em vez de voltar immediatamente, afim de ajudar-lhe na tarefa domestica.

Annunciava-se a tormenta.

Antonia a via approximar-se, e por isso não se atrevia a abrir a bocca, temeroso de que a primeira palavra desencadeasse a bilis de sua esposa.

Subito, Guépin e a senhora Guépin se olharam espantados. Que podia ser aquillo?

— Parece até — atreveu-se, por fim, a exclamar Antonia — que cahiu um aeroplano em cida da casa.

— Não será a lampada da sala de jantar que cahiu ao chão?

— Com certeza deve ser isso.

Correram ambos á sala de jantar, onde nada havia occorrido. Na sala de visitas tudo estava, tambem, em ordem. Então?

Então, a senhora Guépin abriu a porta da cozinha.

— Maldição! — rugiu ella, retrocedendo, horrorizada deante do espantoso espectaculo.

No chão, transformados em cacos, travessas, pratos, copos e sopeiras.

No centro, o cachorrinho saboreava, tranquillamente, os restos de uma comida qualquer.

O pobre Guépin, com a cabeça baixa, contemplava o desastre, murmurando:

— Que desastre! Que desastre!

A senhora Guépin não dizia nada. Não porque a ira a houvesse deixado sem falla, mas porque não encontrava uma palavra que fosse o bastante forte para pulverizar o verdadeiro autor da espantosa catastrophe.

— Só um cretino como tu — disse ella, afinal — podia encerrar na cozinha um animal como este!

— Não me recrimines, Antonia! — supplicou Guépin. — Não sou tão culpado como julgas. Fui victima de meu bom coração.

— Já te darei bom coração! — interrompeu a senhora Guépin.

E, agarrando o cachorrinho pelo pescoço, abriu a porta e o atirou á rua.

* * *

Quando Guépin voltou, para o almoço, não cessaram, por parte de sua mulher, os insultos e as lamentações mais diversas.

O culpado não respondia nem uma palavra. Pensava que o melhor era deixar passar a tempestade, e esperar a calma.

Mas, á noite, o tempo conjugal não havia melhorado ainda. E quando Guépin voltou do escriptorio, ella o recebeu com estas palavras:

— Sabes o que nos custou teu gesto cavalheiresco para com o cachorro sarnento que trouxeste para casa? Trezentos mil réis! Tirei a conta.

Mas, dessa vez, Guépin não ficou calado, e em voz mais alta e attitudes mais energicas que as de sua mulher, exclamou:

— E sabes tu o que nos fizeste perder expulsando de casa, brutalmente, um pobre ser irresponsavel?... Não sabes?... Pois te vou dizer!

E, desdobrando o jornal que trazia, fez sua mulher ler o seguinte annuncio:

"Cinco contos de réis de recompensa a quem devolver á senhora Latau-petite um cachorrinho "fox", que attende pelo nome de "Bobette".

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Para as louras e as morenas
E para a gente de escol
Um conselho dou apenas:
O sabonete EUCALOL.

H. Feital.

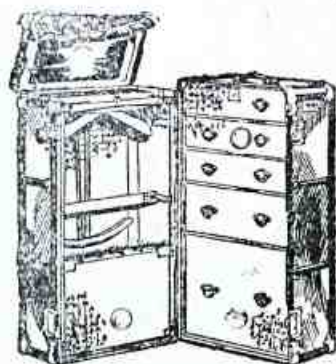
Rua Conde de Bomfim 41.

Malas Armario HARTMANN

e de mão com cabides, diversos modelos

Unico depositario:

A TORRE EIFFEL

97, OUVIDOR, 99

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone [illegible] Villa

DIARIAS DESDE 15$000

MODELO 62

Com este modelo de cinta de borracha pura em côr de carne, obtem-se forma impeccavel, perfeita elegancia mesmo nos corpos deformados pela obesidade ou excesso de gordura

Capas de borracha ultimo typo fantasia para senhoras.
Roupa para mergulhador
Privilegiadas.

Casa SCHAYÉ S. A.
Avenida Gomes Freire, 19 e 19 A
Tel. C 1074 — RIO DE JANEIRO

Patente n. 12511

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA RIO BRANCO, 134 1° E R. 7 SETEMBRO 169

COIFFEUR POUR DAMES
ONDULAÇÃO Permanente (para sempre, com o RODAL ondulante e ELOSMEMY) ou Marcel e Mise-en-plis a (a agua), pintura de cabello desde 25$; côrte de cabello de luxo, 4$; Sobrancelhas ou Manicure, 5$. Massagens de Belleza contra rugas, cicatrizes de espinhas e de bexigas, manchas, sardas, verrugas, pontos pretos, Poros e capillares dilatados. Tratamento de Seios, Ventre, Pellos, Varizes, engordar ou emmagrecer, enrigecimento das carnes, etc., 15$. Limpeza de pelle. MASCARA de lama para fechar os póros, 12$. PEDICURE.

Peça catalogo gratis.

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER."

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 36

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1929

Menina e moça...

Martins Capistrano

LUCIA tinha dezesete annos. Era linda. Era fulgurante. Tambem não ha mulher feia nessa idade. Si o rosto, ás vezes, não reflecte essa formosura inexperiente e primaveril da puberdade, é que o espirito e o coração guardam, avaramente, para seu gozo intimo, o esplendor feminino que os olhos dos outros inutilmente procuram.

Mas, não ha dezesete annos feios. Foi um grande poeta que o disse: Amado Nervo.

Lucia rutilava nos tres lustros e meio de sua vida feliz. Tinha um rosto de linhas aristocraticas. Uma pelle bem tratada. Uns olhos tropicalmente vivos. Olhos que tinham essa inquietude azul dos olhos côr de céo.

Era uma brasileirinha loira. Luminosamente, deslumbrantemente loira. E sabia sorrir tão lindamente, que fazia a gente sorrir com ella. Tambem era de uma simplicidade que encantava. E era alegre e bondosa.

Ahi está o retrato de Lucia.

Residia ella num palacete augusto de Copacabana, onde tambem moravam seus paes: um pacato descendente de allemão e uma dama paulista de familia importante.

A mocidade de Lucia decorria num ambiente de conforto e de luxo. Era filha unica. E filha unica de um homem que lhe podia dar tudo. Assim, tinha ella o que desejasse.

De seu palacete só sahia num lindo carro com *chauffeur* de libré. E sempre acompanhada de sua mãe, ou de uma tia viuva, que a vigiava maternalmente. Ia á manicura, ao cabelleireiro e, duas vezes por semana, ao cinema.

* * *

FOI no cinema, uma tarde fria e cinza, que Lucia conheceu o moço cujos olhos, procurando seus olhos, num intervallo da fita, tanto a impressionaram.

Ella estava com sua tia viuva, que fingiu não notar aquelle encontro de olhares...

Na tela, passava um film de enredo sentimental, com beijos trocados á sombra de arvores protectoras e sobre o tapete verde esperança do gramado... John Gilbert, fazendo o papel de apaixonado, devorava, com os labios, os labios voluptuosos de Greta Garbo, num idyllio que enchia de palpitações a alma das meninas ingenuas da platéa.

Lucia estava vendo aquillo com uma vontade immensa de ser Greta Garbo... E quando, no primeiro intervallo, as luzes encheram de claridades o salão, os olhos azues da moça cahiram, accidentalmente, nuns olhos negros que a fitavam com essa insistencia humana de quem começa a amar.

De novo as sombras voltaram ao salão, e continuaram na tela as scenas romanticas que mexiam com a sensibilidade de Lucia. Muitos beijos seus olhos presenciaram ainda. Beijos ao ar livre. Bucolicamente suggestivos. Sempre John Gilbert e Greta Garbo a fingirem de apaixonados... A mentira cinematographica do amor...

* * *

O moço de olhos negros, do cinema, sahiu com Lucia, acompanhando-a á distancia, discretamente, prudentemente. A tia viuva continuava a fingir que não percebia nada daquelle episodio sentimental. O quarteirão Serrador tinha o seu movimento habitual. Movimento de tarde fria e sem sol. Tarde de quarta-feira de inverno.

Lucia e sua tia entraram na sorveteria da esquina. Pediram chá com torradas. *Lunch* de gente chic.

Perto dellas, com os mesmos olhos negros, penetrantes, o rapaz que as seguia. Tambem pediu chá com torradas...

Depois, as duas se dirigiram para o ponto onde as esperava o automovel. Subiram. A tarde cinza declinava. O moço do cinema ficou desolado quando viu Lucia dentro do bello carro, ao lado da dama de preto que a acompanhava. E seus olhos negros fitaram uma ultima vez os olhos claros da moça que elle não conhecia.

O automovel partiu. Partiu levando uma Lucia ingenua e linda, mas uma Lucia que começava a comprehender a linguagem dos olhos...

ENTRE o sr. dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e o encarregado de negocios da Venezuela nesta capital, dr. Montilla de Abreu, realizou-se, sabbado ultimo, no palacio do Itamaraty, a ceremonia da troca de ratificações do protocollo de limites entre o nosso e aquelle paiz amigo, que, assignado a 4 de Julho do anno passado, fôra convenientemente approvado pelos respectivos Congressos. Publicamos nesta pagina um aspecto dessa solennidade tão expressiva para a cordialidade brasilo-venezuelense, e uma photographia do dr. Octavio Mangabeira com o dr. Montilla de Abreu.

LAMPEJOS

Vivendo tão perto, vivemos tão longe um do outro... Ha entre nós, o abysmo dos preconceitos e o fantasma inquietante do sobresalto. Temos medo de tudo. Até de nos olharmos quando outros olhos indiscretos se interpõem entre os nossos anseios suavissimos e entre a silenciosa e doce radiographia dos nossos corações...

No emtanto, si a occultamos aos outros, não podemos occultar a nós mesmos essa palpitação sentimental que nos approxima no mundo subjectivo e esplendido do amor. E eu sinto, e você sente commigo, que fomos feitos um para o outro. Temos tantas affinidades... Tantas! Você é triste e simples. Eu tambem o sou. Você gosta pouco de falar. Eu amo a linguagem do silencio. E leio nos seus olhos de topázio, nos seus lindos olhos côr de ouro, a mesma dolorosa angustia que eu tenho no coração. Minha vida é como a sua vida: dolorida e amarga. [illegible] mos identicos no [illegible]

Não sei porque a sorte nos separa... Não sei porque nos conhecemos tão tarde... Tão irremediavelmente tarde...

Vivendo tão perto, vivemos tão longe um do outro...

LAMPEJOS

Estou triste, hoje. Profunda e amargamente triste. Meu grande amor recebeu, cedinho, o choque de uma tremenda ameaça. Você, mentindo, embora, ao seu coração, e bem o li nos seus olhos — você me disse, com voz taciturna, que o nosso amor era impossivel.

A minha angustia foi tão grande, foi tão desnorteante a minha surpresa, que não soube o que lhe responder.

E vim para aqui escrever este *lampejo* triste, que você ha de ler pensando em mim, e pensando em nosso romance que mal começa.

Este lampejo de minha alma, suffocada, torturada pela sua ameaça. Não desanime. Tenha c o r a g e m , como eu tenho, de affrontar o mundo cóm este affecto que me deu a luz dos seus olhos de topazio...

Nunca me senti tão triste como nesta manhã sem sol...

O Automovel Club do Brasil homenageou os membros do Congresso de Estradas de Rodagem com um grande baile, que foi a nota elegante da ultima semana

«O Dia do Soldado» tambem foi commemorado em São Paulo com varias ceremonias militares, que se revestiram de grande brilho. Esta pagina fixa alguns aspectos da linda festa que se realizou no quartel de Quitaúna, e na qual ao lado de austeras expressões de soldados, rutilaram suaves physionomias femininas...

AGOSTO

Agosto é o pintor das paizagens estranhas.

Seu pincel impressionista vae e vem, levemente, e uma grande téla se estende ante meus olhos tristes.

Morros distantes numa ondulação vaga e macia de um verde, que não é verde, antes cinza, mesclado de lilaz e perola...

Um céo que é quasi azul, quasi verde, quasi opala, sem luz, sem calor... Arvores raras de galhos nús, numa "pose" torturada, contorcendo-se no fundo gris da paizagem. Arbustos esguios de folhagem miuda, esfumada á crayon...

Agosto é o pintor das paizagens estranhas.

MABILDA PALINI

E VANIDADE...

CONSIDERAÇÕES DE UM SCEPTICO

VEJO o meu amigo sorrir, alegre e feliz, ageitando o laço da gravata, alisando a pastinha do cabello encheado pondo mil e um cuidados na "toilette" marron, elegante, da moda. Eil-o agora que se perfuma. Caron? Bichara? Coty? Não importa! O principal é que elle se perfume e saia novinho em fôlha, para essa conquista de uma Julieta moderna, que o espera á porta de um cinema falado.

— E' só? digo eu, sentado deante delle, na sua garçonniére.

— E achas pouco? E' uma conquista que vale por uma dezena...

Interrompeu-se para perfumar a face posterior do lobulo da orelha.

— Que significa isso?

Elle riu-se e piscou-me o olho, zombeteiramente.

— Não sabes que o perfume dura mais nessa região?

— Não comprehendo.

— Quem vae a uma conquista, uma primeira conquista de amor seculo XX, deve perfumar a base da orelha. Esse recanto é um concentrador de essencia.

— E que vantagem trará isso ao amor?

— Que tolice! Então não percebes? A nossa approximação de um rosto lindo, de uma cabeça querida, o perfume que recende é sempre mais activo...

Sorri da frivolidade do meu amigo. Mas não deixei de lhe dar razão.

— Que idade tens?

— Vinte e seis.

— Muito bem. Aos vinte e seis annos, uma conquista amorosa é um episodio banal.

— Banal? Por que? — indagou elle, escandalizado da minha observação.

— Eu me explico, — disse eu.

E expliquei-lhe, de facto, que naquella phase da vida as conquistas se faziam facilmente, porque ainda estavamos no florescer das illusões mais passageiras.

Soffria-se por uma mulher o tempo exacto em que não se encontrava outra. E encontral-as em nosso caminho era mais commum do que as não encontrar.

O difficil era conseguir corresponder a todas ellas com o mesmo enthusiasmo. O nosso coração se lhes dava quasi sem pensar em projectos, sem calculos, sem temores, sem vacillação...

— Mas por que? — indagou o meu amigo, sentando-se a meu lado, e já interessado pelo que lhe dizia.

— Porque é na sua edade que nós homens ousamos todas audacias, enfrentamos todos os perigos, numa inconsciencia pasmosa. Falta-nos a experiencia do mundo. Ainda não temos vivido, sufficientemente, para comprehender as mulheres...

Elle se poz a meditar. Aproveitei o seu silencio para desenvolver a minha these.

Disse-lhe que, aos vinte e seis annos, ainda não tinhamos a necessidade de simular certas attitudes, que eram a tactica melhor para prender uma Eva.

— Depois sim. Depois dos trinta annos, é que começamos a representar, a usar as palavras já ditas e reditas, e servir-nos de todos os "trucs", todos os "bluffs" para illudir aquella a quem amamos. Mas por que isso? Porque ellas já não são faceis como nos primeiros tempos. E as que são faceis, já não nos enthusiasmam, uma vez que principiamos a ser mais exigentes.

Comprehendemos melhor a alma feminina — embora todas ellas se considerem Esphynges, complexas, indefiniveis, etc. E por isso as tememos e escolhemos, como quem entra numa casa de fructas e

MLLE. Maria Letitia Harms é dona de um grande talento artistico, como pianista que é, e dona de uma graça esplendente. A graça da sua mocidade, do seu sorriso e da sua silhueta de «poupée». Boneca! E' bem o que ella é. Mas, por isso mesmo, é que ha de ser uma noite de grande fulgor mundano e artistico, a de 10 do corrente, no salão do Club Germania, onde Maria Letitia se fará ouvir, ás 9 horas da noite, num recital de piano.

receia levar uma que esteja sazonada demais, ou tenha passado por muitas mãos. De resto — acrescentei — não é só ellas que tememos, pelo que a experiencia nos ensina. Sabemos tambem que o nosso desejo de posse é muito violento. E Charles Peguier escreveu: "Le désir qui vous ronge jusqu'á l'ame est plus á redouter qu'une tentation á laquelle on céde"...

— Mataste o meu enthusiasmo! — exclamou elle, desolado.

— Por que? — perguntei.

— Porque não havia pensado em nada disso, antes dessa primeira conquista.

— Mas é — repliquei — que ainda não tens a minha edade. Age, por agora, com a alegria, a coragem e o optimismo dos teus vinte e seis annos em flôr...

OS HOMENS... AS MULHERES... — Olá, doutor. Está triste?

— Por que me faz essa pergunta?

— Porque o vejo assim, com esse ar de poeta lyrico...

— Um contemporaneo de Lamartine?

— Não discuto as escolas. Friso os temperamentos...

— Ora, mile. Zilah! Então, acha mesmo que tenho cara de poeta lyrico?

— Sim; a sua propria physionomia. O senhor não é mesmo um poeta lyrico? Quem escreve versos como o senhor...

E Zilah, rindo sempre, baloiçando o corpo esguio, fino, elegante, dentro do vestido *bois de rose*, como um encanto vivo e vaporoso, de carne rosada e cabellos de ouro, deu alguns passos sobre os tapetes do salão. Colheu uma rosa branca, que sorria sobre o piano. Voltou para o meu lado. Sentou-se e, cruzando as pernas bem feitas, disse, num repente, esforçando-se por fazer a saia curta descer:

— A proposito, quando será que nos dará um novo poema, de alma feminina?

— Eu?

— Sim.

— Nunca mais.

Zilah teve um gesto de espanto.

— Como? Não mais escreverá versos?

— Não.

— Deve haver um motivo preponderante actuando sobre a sua resolução...

— Não ha nenhum...

— Não é possivel, doutor — insistiu ella. Deve haver um motivo... Seja elle qual fôr.

Um silencio. Eu, que não fumo, accendi um cigarro. Atirei longe o phosphoro, como se diz nos romances, e annunciei:

— Não escrevo mais versos porque não seria sincero.

— Não o comprehendo.

— Sim. Para se escrever sobre o amôr é mister, pelo menos, que ainda tenhamos um pouco de illusões a respeito das mulheres. E' necessario admittir que ainda existe alguma, digna de ser divinizada pela nossa arte.

— E acha que não existe mais nenhuma?

— Acho.

— Que desafôro!

— Desafôro, não. Quando muito seria uma injustiça. Mas uma verdade patente não é injustiça.

— As mulheres sempre foram as mesmas. Ellas se defendem do homem — que é o seu maior inimigo. Dahi o modo de julgal-as...

— Quem fez essa phrase foi...

— Foi uma pessôa de senso...

— Foi uma mulher despeitada. Velha e feia sem duvida.

— Mas emfim não sabe mais escrever versos amorosos?

— Não. Sob esse aspecto, eu julgo a arte como Pascal julgava o amor. Pascal dizia: "Quand nous aimons, nous paraissons á nous-même tout autre que nous

DE volta da missa, ellas parecem commentar: «Conseguimos de Deus o que queriamos...»

n'étions auparavant"...
E' assim na arte.

— Quer dizer que hoje seria capaz...

— Hoje — atalhei — só seria capaz de escrever versos negativistas scepticos, desilludidos, nos quaes a mulher não pudesse apparecer endeusada por mim, isto é, pelos homens...

— E por que não deve ser divinizada?

— Porque só deve ser satanizada...

Zilah ergueu-se num rompante.

— O senhor é um barbaro, um homem da idade da pedra... Adeus...!

RÊVERIE — De Yves

— Não sei o que é mais triste: si este crepusculo que abre a azas de morcego, azas monumentaes, feitas de penumbra e de sêda côr de rosa, si o crepusculo que este *abat-jour* lilaz-pallido derrama aqui nesta sala deserta.

O que sei é que a melancolia da tarde é como um sonho e um canto.

Sonho de ternuras veladas, de vertigem, de agonia da luz, de penumbra que se esfuma em nuances imperceptiveis; e canto de uma surdina que mais se assemelha a uma prece, uma prece á hora crepuscular, num côro de cathedral abandonada, immersa num angustioso silencio — ao embalo de um orgão mediumnicamente soluçante...

E como falei em sonho, e em surdina, abro aqui estas Flôres do Mal (que me fazem tanto bem...) desse tragico e formidavel Baudelaire...

Que diras-tu ce soir, pauvre âme solitaire,
Que diras-tu, mon cœur, cœur autrefois flétri, —
A la très belle, à la très bonne, à la très chère,
Dont le regard divin t'a soudain refleuri
— Nous mettons notre orgueil à chanter ses louanges...

Mas não! Eu não te cantarei, com o meu orgulho arrogante. Pensarei em ti.

Nesta hora de *rêverie* e de enlevo, qualquer murmurio seria uma profanação á excelsitude do meu amor que é todo feito de santidade e pureza.

Tu, branca rosa de Jericó, *edelweis* das montanhas inaccessiveis, estrella polar da minha imaginação, eu penso em ti e falo no teu nome como quem reza num santuario.

Esse livro de amor e poesia que engrandece e sublima as coisas mais impuras — é como o breviario de uma virgem commungante, em cujas paginas se comprimem as folhas seccas da malvarosa, da avenca, e os amores-perfeitos, os trevos e as violetas murchas que floresceram em maio.

Tu, meu amor, não existes! E como tu não existes, e és pura como os perfumes da minha imaginação inflammada, ardendo como sirios votivos, nas vigilias de soffrimento pela arte soberba e pelas maravilhas do espirito, eu te chamarei a minha "*Regina Coeli!*"

ZIG-ZAG — O senhor é um bruto.

— Eu?

— Sim, o senhor.

— Mas, senhorita, a sua phrase é violenta. E quem se julga com o direito de dizel-a assim, á queima-roupa...

E ella, tomando a sua taça de chá côr de ouro, fumegando, numa espiral que tinha a fórma de uma interrogação.

— Zangou-se?

Luciano teve apenas um sorriso, que significava: "sim". Heloisa, muito saudavel, na alegria da sua juventude bonita, fez um gesto de faceirice, e esclareceu:

— Pois olhe, chamando-o *bruto* eu o elogio.

Luciano fitou-a, sério. Pousou a sua taça de porcellana sobre a mesa do chá, e afastou as rosas que o impediam de vêr o rosto redondo de Heloisa.

— Como diz?

— Chamando-lhe *bruto* eu o elogio.

FINDA a missa na Gloria, ellas parecem dizer: «Foi adiado o pedido que fizemos ao Senhor...»

— Quer fazer phrase? Tenta paradoxos, mademoiselle?

— Não admira: sou uma escriptora. De resto, sou uma creatura differente das outras.

O moço lançou uma perfidia, como quem atira um punhal á distancia, na certeza de que ia alcançar o alvo em cheio. Disse:

— Comprometteu-se em pretender ser differente das outras.... Lembre-se de que toda mulher é virtuosa, é angelica, é pura como as onze mil virgens da côrte celeste...

Heloisa teve um "ah!" de amúo. E observou, meio rubra de pejo e de *rouge*:

— Sou differente das outras na maneira de vêr as coisas .

— Mas, afinal, — disse Luciano, dando margem a um armisticio — por que me chama de bruto?

— Por que bruto aqui quer dizer: um homem cheio de energia, altivo, viril, capaz de lutar, orgulhoso, consciente do seu valor. Vaidoso, um pouco. Mas por que não ha de ser vaidoso, si o senhor é um intellectual, e somos nós mesmas, nós mulheres, nós frivolas, que o vamos endeusar com as nossas palavras, a nossa admiração, a nossa belleza, a nossa graça?

— E si os homens me descompõem, por tudo isso... — acrescentou Luciano.

— Exactamente! O senhor é bruto por essas razões muito logicas. No emtanto, nós mulheres sabemos vêr por baixo dessa capa de brutalidade, a alma do homem nobre, capaz de altruismos, de attitudes cavalheirescas e superiores, quando se trata de amparar aquella a quem ama.

Luciano baixou os olhos. Quando os reergueu, estavam constellados de lagrimas. Heloisa brincou:

— Ih! Como o senhor é covarde! E' bruto e covarde! Chorando deante de uma mulher...

E Luciano, a voz presa á garganta:

— Chorando de commoção... em face de uma justiça que me fazem. Ellas são tão raras...

CHARLA — DE YVES

— Talvez os senhores não saibam o que é o sujeito atravessar o domingo cheio de aborrecimento e de tedio, e chegar á segunda-feira com um tedio ainda mais assoberbante. Pois é horrivel. A gente, quando sáe de casa, pela manhã, tem vontade de não dar *bom dia* a ninguem. No bonde, o nosso desejo é bater no conductor — para elle não saculejar os nickeis á nossa cara e não cobrar a passagem. Invade-nos um desejo incoercivel de passar calote.

Tudo que nos rodea tem um aspecto esquisito, irritante, indesejavel.

Mas isso não é nada, dante da necessidade de escrever, de fazer literatura.

Imaginem...

O assumpto mais *á la portée* é o amor. O amor é como as estrellas e as rosas: velho, cada vez mais antigo, e sempre novo, sempre perfumado e luminoso. Estão de accordo?

Ha por ahi uma série de opiniões sobre o amor.

Para Vargas Vila elle é perigoso como a morte: "Teme al Amor como a la Muerte" — diz o estheta de *Ibis*. Anatole France escreve: "Nous mettons l'infini dans l'amour. Ce n'est pas la faint de femme."

Charles de Viou, poeta francez que viveu de 1600 a 1655, é da mesma opinião que Vargas Vila. Num dos seus sonetos, poz elle este verso:

L'Amour avec la Mort a
[fait une alliance...

Para Dante, o genio florentino, o amor, como sabem os senhores, é aquelle "che muove il sole e l'altre stelle..."

Bonito, não é?

Mas, meus senhores, eu não sou catalogo de livraria e muito menos collecionador de pensamentos.

Quando falo do amor e digo que é facil escrever sobre elle, quero referir-me a esse amor novellesco, imaginario, que a gente inventa. Della a nossa penna faz uma *madona* (de Raphael?) uma virgem (de Murillo?) uma rainha (de Velasquez?)

De nós.... Que é que fazemos de nós? Um sêr de eleição, um principe, (*prince charmant?*) um cavalheiro (da Idade Média?) E no meio de tudo isso pomos um pouco de sentimentalismo, mas tudo artificial. Artificial como aquellas anilinas e essencias que os floristas do Mercado das Flôres põem nas suas rosas e nas sua violetas...

Decididamente, escrever é muito facil; mas é cacête como um discurso politico.

Desculpem, meus senhores, eu hoje devo estar intragavel.

E' tão difficil ser original...

A uns olhos côr de ouro...

(POEMA EM PROSA)

DE LUCIO DE MORAES.

PEQUENA e branca, melancolica e serena, você é, minha doce amiga, um poema que não se póde escrever. Seu corpo meudo, flexivel e lindo é uma estrophe de marfim do livro da minha vida. Toda a sua figurinha graciosa e esplendente tem o encanto imponderavel da simplicidade. Dessa simplicidade feminina que o meu coração desolado e amoroso tanto e tanto procurou.

Mas você tem, acima de tudo, minha doce amiga, a seducção deslumbrante de uns olhos côr de ouro. Olhos que sabem falar com o seu silencio luminoso. Olhos estranhamente voluptuosos.

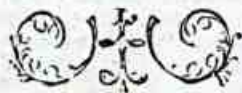
Tenho visto olhos verdes como o oceano, azues como o céo, negros como a noite, cinzentos como os crepusculos de inverno, castanhos como a volupia feminina, e até amarellos... Amarellos como o desespero... Nunca, porém, meus olhos tristes e escuros tinham sentido a caricia de uns olhos como os seus, fulgurantemente doirados, quietamente languidos, fascinantemente claros. Naquelle anoitecer em que os vi, cariciosos e bons, suaves e meigos no seu topazio coruscante, toda a minha alma se tocou da luz que irradiava delles, numa scintillação interior de sympathia e.... de amor. Perdôe-me a franqueza desta confissão, minha doce amiga. Eu a conheço ha tão pouco tempo.... Mas já a quero tanto...

Naquelle anoitecer, os seus olhos me deslumbraram. Encheram de ouro — do seu ouro lampejante — não só os meus olhos apagados, mas tambem a minha sensibilidade, o meu coração, a minha vida...

E desde então ando inquieto, vendo os seus olhos em tudo: nas minhas illusões, nas minhas realidades lyricas, nos meus anseios, nas minhas amarguras, nos meus sonhos, em todas as minhas horas de evocação e de saudade.

Seus olhos surgiram para mim como um sol. Um sol de primavera, que illuminou o outomno dos meus desenganos. Um sol alegre, que clareou, maciamente, a sombra da minha melancolia...

Agora, minha vida tem mais luz, mais ansiedade, mais doçura sentimental. Seus olhos côr de oiro estão rutilando no meu coração.

Bemditos esses lindos olhos que vieram doirar a minha solidão!

REALIZOU-SE sabbado á noite, na séde do Club Suisso, uma brilhante festa de confraternidade hollandeza, que o sr. ministro Charles de Rappard offereceu aos seus compatriotas aqui residentes, para commemorar a data natalicia de sua magestade a rainha Guilhermina.

LANTERNAS DE PAPEL

GUANABARA

MADRUGADA

Não sopra a menor brisa. Tudo parado. Sob a espessura da bruma, as aguas dormem, silenciosas. E' como um oceano de algodão cobrindo o mar. Nem se distinguem as ourelas doiradas das praias sob as gazes bizarramente recortadas e esfarrapadas das nevoas. Não se ouve um rumor. Faz frio. O cinzeiro domina tudo, quasi afoga as montanhas apocalypticas, cujos cimos superam o lençol dos nevoeiros.

Uma ligeira tonalidade rosea banha aquelle mar de algodão. Vae amanhecer.

MANHÃ

O frio é mais leve, mais subtil. A luz rosea se intensifica e é côr de sangue. As brumas rasgam-se ao seu riso claro. Já se vêm os pesados montes, todos. Somente no fundo dos valles se arrastam os derradeiros véos brancos da madrugada.

Uma explosão de fogo por traz da serrania. Um vulcão no céo alto, corando de reflexos vermelhos todos os contornos das nuvens e das terras. Uma chuva de tons rubros e flammejantes sobre o mar esmeraldino e as praias recurvas. E o perfume da manhã dilatando os pulmões.

Tudo se povôa de rumores. E o oceano se enche de fumaças de paquetes e de velas brancas, que parecem os derradeiros fiapos das brumas que se desfizeram aos ardentes beijos do sol...

DIA

O céo é tranquillo e alto. Muito tranquillo e muito alto. Tão cheio de luz que o seu azul parece cinzento e a vibração da sua claridade offusca os olhos. Entre a agua verde e as montanhas verdes, nas praias amarelladas, as ondas tecem suas rendas de prata. O vento que sopra traz o calor do sol derramado sobre a vasta planicie do mar. Uma cigarra estridula sob as arvores. Seu canto alto e vibrante se eleva para o espaço como o clamor da alegria da terra ensolada. E á face das aguas azúes da bahia voga uma vela de barco purpurina — nota de côr tão vibrante quanto a voz estridula do insecto.

CREPUSCULO

O desmaio violeta das coisas. Primeiro, desmaia a luz, rapidamente, como si se apagasse metade do sol. No ar espêsso, estendem-se gazes rósas. Um raio de fogo corta o espaço e incide fortemente sobre um casco de navio de guerra, onde rebrilham metaes. Uma mysteriosa mão vae lançando, uns atraz dos outros, véos lilazes e negros. Uma doçura triste espalha-se, envenenando as almas. Pouco e pouco, os contornos se perdem, a confusão das linhas e dos tons se estabelece. E o dia morre num nevoeiro escuro como nasceu duma bruma alvissima...

NOITE

Tudo é negro e pontilhado de luzes. Collares de luminarias marcam na terra o concavo das praias e o recosto dos morros. Pingos de luz estrellejam a humida treva do mar. Um holophote varre a treva estrellada do céo. As côres dos annuncios luminosos alegram a noite. Mas um globo de sangue rompe o horizonte, sobe e, á medida que sobe, diminue e empallidece. E' a lua — caricatura do dia...

CLAUDIO FRANÇA

* * *

DOS nossos escriptores jovens, Benjamim Costallat é, evidentemente, o mais caracteristico. E isso porque, sendo um romancista moderno, pelos seus processos, e um chronista original, é um homem do seu seculo, e um homem que sabe ver as coisas e os typos deste momento da nossa civilização — com uma visão que não é a visão commum dos seus collegas. «Et voir autrement que les autres», como dizia Mallarmé, já é um merito louvavel, o mais louvavel de todos. Pois Benjamim Costallat é esse escriptor singular. A sua bagagem literaria é muito longa. Mas, na verdade, qual será o seu livro de maior successo? Todos, certamente. E assim ha de acontecer com «Arranha-céo», esse magnifico volume de chronicas, onde vibra o seu estylo masculo, preciso e vertiginoso.

NO estadio do Club de Regatas Vasco da Gama effectuou-se, domingo passado, uma solennidade civica em homenagem ás senhoras vascainas, e que foi honrada com a presença da exma. esposa do presidente da Republica. Madame Washington Luis entregou a bandeira offerecida aos jovens atiradores do Tiro de Guerra 307, recem-creado pelo club da Cruz de Malta e destinado aos filhos de seus associados. São flagrantes dessa festa patriotica o que fixam as nossas photographias.

::: PAINEL DE AZULEJOS :::

MANHÃ DE VIAGEM

A immensa planicie se estirava, vasta e monotona como o mar, raramente povoada de casas rusticas. Era verde e sulcada pelo traço ver-

«FON-FON» EM VICTORIA

O escriptor Povina Cavalcanti, em Victoria. A' direita do illustre collaborador de «FON-FON», estão a senhorita Cecy Nicolussi, um brilhante temperamento de artista, e seu noivo, Frederico Mindello, photographados ao pé da montanha, onde fica situado o tradicional e bello Convento da Penha.

melho das estradas. Aqui e ali, um capoeirão erguia a sua crespa mancha escura e, ao pé delle, luzia á claridade matutina a agua dum charco como uma pôça de prata derretida. Ao longe, na raiz das serras azuladas, o suor da terra fecunda se exhalava em nevoeiros e uma longa serpente de brumas se contorcia pelos valles covoados em fóra a perder de vista.

Muito afastado, no sopé dum morro, um trem corria, fumegando. E parecia ser a imagem daquelle que me levava, reflectida num espelho distante...

* *

O sol é tão alegre no céo azul, tão alegre que dá vontade de rir... Si não estivesse tão só, eu riria. Mas a solidão me impede a alegria. E a minha fronte colla-se ao vidro grosso da portinhola para vêr a paisagem que a luz doira na manhã gentil.

* *

Uns versos de Musset bailam na minha cabeça:

Qui vient? Qui m'appelle? Personne
Je suis seul — c'est l'heure qui sonne.
O solitude! — o pauvreté!

Si eu fôsse poeta, escreveria uma ballada sobre a solidão, irmã da pobreza. Solidão ou soledade, de onde vem saudade...

E a minha fronte collase de novo ao vidro...

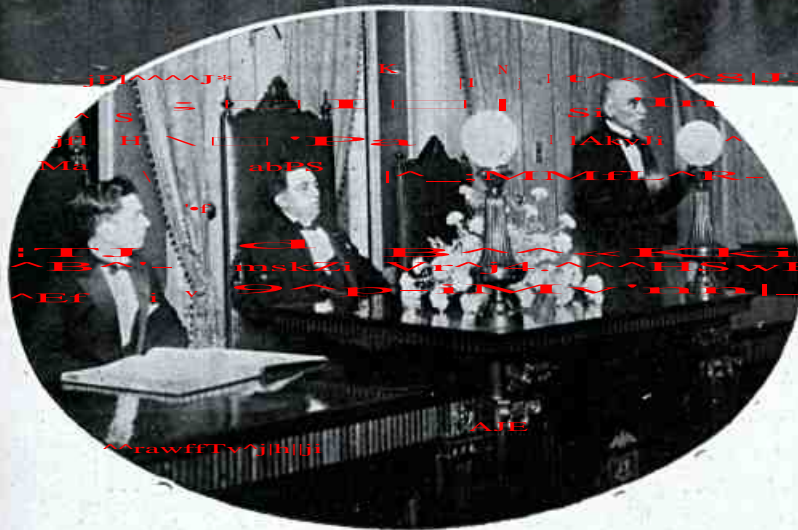
* *

O sol vae ficando de instante a instante mais alto. E as nevoas, e as brumas, e as serpes de gaze das montanhas vão morrendo. O passaredo vôa sobre o campo que parece sorrir á luz quente. Nos festões de trepadeiras que ornam os postes do telegrapho, ha flôres desabrochadas de côres muito vivas. No horizonte, uma torre branca de igreja se eleva solitaria. A paisagem é um enlevo para os olhos cançados da monotonia das ruas. A sua suavidade varre a alma como um vento fresco, um ar sadio que purifica, que tonifica e que reconforta. O perfume natural e forte do matto penetra no trem fechado, domina a sua velocidade rumorosa e expulsa o bafio da noite que enchia as cabines estreitas.

* *

Tempo houve em que a solidão das viagens era para mim a melhor das sensações. Porque a minha mocidade, á espera do que ia acontecer, tecia com os fios de oiro da imaginação o mais lindo dos scenarios da fantasia. Hoje, o que me importa é o que já passou e o que está passando. E eu não sonho mais, a face collada aos vidros, porém olho para traz com uma saudade immensa.

D. JAYME

CORONEL Augusto Manoel de Aguiar Filho. Alta patente do nosso Exercito, a que tem servido com rara intelligencia, dedicação e espirito de disciplina. Eleito pelos seus coestaduanos deputado ao Congresso do Espirito Santo, a sua actuação politica, habil, discreta e efficiente, grangeou-lhe o bastão de «leader» da maioria, cargo em que vem prestando ao seu Estado natal novos e assignalados serviços. O coronel Aguiar Filho pertence a uma das familias mais illustres e tradicionaes da terra capichaba.

O Centro Matogrossense realizou, no ultimo sabbado, uma festa para solennizar a posse de sua nova directoria. Foi uma reunião de grande brilho mundano.

■ ■ ■

ARABESCOS

E' nas minhas horas de amargura que mais me lembro de ti, minha adorada ausente.

Percorro esse tão doce passado que já se faz tão distante, e a saudade me conta que tu foste uma alma angelicamente bôa, que buscavas amenizar o meu soffrimento, soffrendo tambem as minhas maguas. Que a tua alegria era feita da minha alegria. Que o teu olhar era meigo e suave como a redempção. Que o teu sorriso era encantador como a esperança e candido como a innocencia. Que tu eras, emfim, um thesouro de bondade, de dedicação, de amôr — desse amôr todo alma que eleva os corações.

Estou agora num desses momentos de angustia e tristeza, de desolação e dôr.

Vim conversar comtigo, como naquelle tempo feliz em que eu ia encontrar-te, alegre como si fosses ditosa, com um sorriso nos labios e uma palavra bôa, para mim.

Eramos duas crianças, então.

Oh! eu acreditei cegamente no teu amôr — eu, que acredito em tão poucas cousas!...

Si mentiste — que divina mentira!...

Não! Não mentiste!...

Por que, então, desde que a adversidade me atirou no exilio, nunca mais quizeste saber de mim?...

Não o sei. Não quero mesmo que m'o digas.

Dóe-me a alma toda quando penso nessa duvida.

Não! Não quero obter a certeza de que me esqueceste de todo!

Vem-me, então, uma inveja indomavel.

Inveja dessas creaturas privilegiadas que sabem chorar quando padecem...

Mattos Além.

NO Club dos Bandeirantes, por occasião do baile que alli se realizou no ultimo sabbado.

BAILE DE HONTEM E DE HOJE...

Baile antigo e moderno. Antigamente,
o "carnet" e um sorriso...
Hoje, basta um olhar correspondente,
conveniente ou inconveniente,
e, de improviso,
a moça, incontinenti,
levanta-se e lá sáe,
e o "jazz" repete a musica seis vezes
(é par-constante, mas tapeia a gente)...
desapparece a moça, de repente,
sem dar satisfações a mamãe ou papae,
e entra a bailar com um dos seus freguezes,
o "goal-keeper" do club, o agente de pneumaticos,
o "amiguinho" qualquer;
qualquer desses rapazes antipathicos
de collarinho molle e cintura amarrada,
que a mulher, em geral, acha que é camarada,
porque não usa cerimonias com mulher...

Antigamente... antigamente,
era tão differente!
A mocinha entre timida e contente,
abria, com ar simples e indeciso,
as varetas minusculas, de perola,
do leque natural do seu sorriso,
assentia na escolha,
e, deixando cahir ao collo arfante,
o outro leque, de plumas e marfim,
com varetas de mica ou madreperola,
tomava do "carnet", marcava a folha
e confirmava o sim.

E, quando a vez chegava, o rapazelho,
quasi dobrando o joelho
—"Dá-me a honra?" e sahia com o seu par,
e um falava e outro sorria,
e os paes tambem sorriam, na harmonia
de mutua approvação ou de mutuo conselho,
emquanto os dois sahiam a bailar.

—"Dá-me a honra"... hoje, em dia?
A mocinha escolada em todas as escolas,
certo, responderia:
—Deixe disso, ora bolas!
Ou, sorrindo á maman, com uma boquinha
que, de tão "batonada", é rubro e rôxo:
—Mamãe, que azar é esse almofadinha!
Trata-me por "senhora"... E' mesmo "trouxa".

A moda "yankee" estragou tudo.
"Chic" é jantar sem paletot.
(que a "naturalidade" agora é escudo
de casca grossa ao typo descortez)...
E quem fôr contra isso, é rococó,
Dom João IV arvorado em Luis XVI...

Parece que a mulher
que oscille entre "garçonne" e "vierge folle,"
gosta d'isso, e o que quer,
é ter em cada baile um namorado,
moço do Banco, collarinho molle,
sapatão quadrado...

Acham vocês que sou impertinente
com as liberdades que andam por ahi?
— Antigamente, antigamente,
era tão differente!
Ou tudo enlouqueceu, ou eu envelheci...

LAMPEJOS

Nesta manhã de humidade e de bruma, tenho o coração illuminado de ventura e os olhos lampejantes de alegria.

O sol não deu á natureza o sorriso luminoso de seu brilho. As nuvens interpuzeram-se entre a natureza e o sol. E a cidade — esta grande cidade onde nos conhecemos — vestiu-se de cinza para chorar a ausência de seu rei.

Nesta manhã de humidade e de bruma — nesta linda manhã do nosso amor — eu não senti a falta do sol, nem a cinza que envolve a natureza se propagou a minha alma.

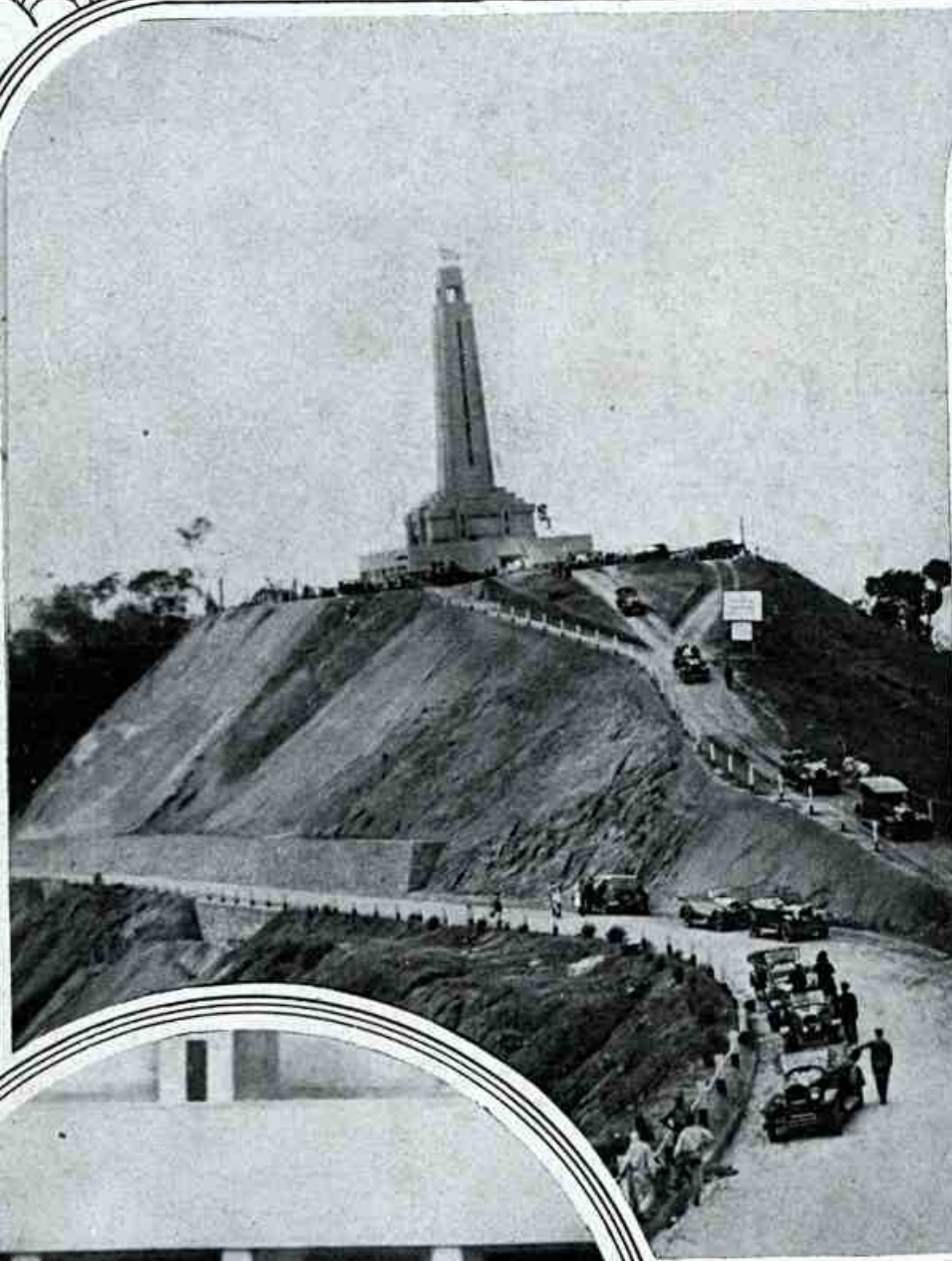
Eu vi os seus olhos, meu amor. Seus olhos que são o grande sol da minha vida. Seus lindos olhos côr de ouro, que fulguraram, suavemente, em todos os meus anseios, em todas as minhas inquietudes de hoje.

Vi os seus olhos e ainda tenho na retina o reflexo doirado que elles derramaram nos meus olhos sombrios.

Por isso é que eu não senti a falta do sol nesta manhã de humidade e de bruma...

SOB a presidencia do sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, foi encerrado o Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem. A solennidade teve logar no Automovel Club do Brasil, com a presença de todos os delegados nacionaes e estrangeiros.

O sr. ministro Victor Konder offereceu, no Copacabana Palace Hotel, um banquete de despedida aos membros das delegações estrangeiras que tomaram parte nos trabalhos do Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem.

A ÉRA RODOVIARIA

NO seculo actual, a rodovia é bem o expressivo symbolo do vertiginoso progresso da civilização contemporanea. A éra rodoviaria enche, assim, de enthusiasmo e de fé, os que vêm cooperando para o seu maior desenvolvimento, conjugando suas actividades no sentido do mesmo elevado e grande objectivo: vencer as distancias, aproximar os povos, na multiplicidade do seu trafego social, commercial e economico. As vias de communicação estendem-se, espalham-se, na terra firme, nos mares, no espaço. Na terra, porém, está a sua feição mais concreta, a que traça e assignala o espirito febril e inquieto do seculo. E essa a obra monumental a que o Brasil, com a sua actual e intelligente politica rodoviaria, vem prestando tambem o seu mais efficiente esforço. A inauguração, quinta-feira penultima, da placa de bronze, em homenagem ao 2.º Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem, no Monumento Rodoviario, construido por subscripção publica dos Estados e do Districto Federal, é bastante expressiva na sua significação. A brilhante iniciativa do Touring Club do Brasil teve, assim, o maior applauso, despertando vivo enthusiasmo entre os constructores do Brasil cada vez maior.

TREPAÇÕES

A bella senhora (senhora porque é madame; na apparencia é uma "jeune fille"...) tem dado o que fazer ao coração do rapaz. E tudo com o encanto dos seus olhos côr de ouro...

O caso se conta como nos romances ou nas novellas de cavallaria: elle a viu, falou-lhe e amou-a... E prompto. Agora anda apaixonado. Basta dizer que não pensa senão na encantadora figura de *biscuit*.

E' possivel que a bella senhora já tenha percebido o estado sentimental do nosso heróe. Mas, si assim é, por que não tranquilliza o coração do moço, dando-lhe, pelo menos, a bôa esperança de que saberá ser grata a quem padece tanto por amor...

MADEMOISELLE divertia-se nos salões do elegante club sportivo, numa tarde festiva. Graciosa, viva, intelligente, monopolizava a attenção de uma roda de rapazes. Disputavam-na para a dança, faziam *blague* em torno dos casos do dia, commentavam os amores que vinham resistindo ao tempo...

Mademoiselle sorria de todas as coisas, esforçando-se em apparentar a sua indifferença pelos amores das outras, já que não havia experimentado tão delicioso fructo.

Apparentava, apenas, pois *mademoiselle* fizéra duas tentativas, que, no emtanto, haviam falhado. Explicar os dois fracassos não seria difficil; entretanto, estas coisas são delicadas e não agradam quando expostas á curiosidade alheia.

O certo é que *mademoiselle* não acha interessante a canção popular que diz ser a mulher a parte fraca, e o homem, apezar da sua fortaleza, acaba cedendo e fazendo o que ella quer...

Pois sim!

Corria muito animada a festa, quando foi annunciada a chegada de uma figurinha que tem a sua belleza consagrada.

A figurinha entrou no salão, e foi recebida como rainha...

Mademoiselle transformou-se radicalmente, perdeu a alegria, não soube esconder o despeito pela outra, dizendo aos rapazes:

— Prompto! Chegou o meu *azar*; estou com o dia estragado...

Os rapazes riram maldosamente, pois todos conheciam a razão do despeito de *mademoiselle*...

LUIZ Carlos, filhinho do dr. Thomaz Marinho de Andrade. E', como se vê, um brasileiro alegre, que não tem medo de caretas...

ESTA' quasi desvendado o segredo do *automovel mysterioso*, assim denominado pelos moradores de uma pacata rua de pacato bairro. Horas mortas, quando apenas o passo cadenciado do guarda nocturno se faz ouvir na rua, é que elle apparece, silenciosamente, sem fazer bulha, para estacar em ponto estrategico, envolto em sombras.

Ahi, então, o *chauffeur* amador desce, fecha o carro, caminha, a pé, seguramente cem metros, e, sorrateiramente, penetra por uma porta que se abre no leve impulso das suas mãos enluvadas, precaução que terá a vantagem de não deixar a impressão digital...

Depois, o *chauffeur-amador* surge á porta, pesquiza com cautéla a extensão da rua, e caminha até o automovel, impulsiona o motor e desapparece para voltar na noite seguinte.

Como o caso vae despertando certa curiosidade na pacata rua, e como o automovel faz a sua estadia habitual em frente a uma casa que nada tem com o peixe..., o proprietario desta está disposto a fazer o *chauffeur* amador mudar de ponto, *et pour cause*...

E era uma vez a historia do *automovel mysterioso*, do *nocturno de luxo*...

ANTONIO Luiz, filhinho do sr. Ricardo Brennaud e de d. Lily Brennaud. Mora em Recife e é forte como todo o bom nortista...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

A ultima vez que visitei minha linda e encantadora amiga, Boneca, encontrei-a bastante preoccupada. Seus grandes olhos negros e profundos pareciam orlados pela sombra de uma longa vigilia. Em suas pupillas havia uma inquietação de lagrimas, que ella continha, procurando desfarçar, no sorriso triste que descerrou para mim, a angustia que lhe ia na alma e no coração torturados.

Comprehendendo o seu estado de espirito, não foi sem um certo constrangimento que tudo fiz para distrahil-a e fazel-a sorrir com a sua alma alegre e guizarreante de creança-grande.

Falei-lhe sobre os seus poetas e romancistas preferidos; narrei-lhe um sem numero de "potins"; disse mal de outras bonecas que, sei, lhe invejam a graça, a belleza e o espirito fino e culto, mas tudo em vão. A minha loquacidade de antes parecia tornal-a mais nervosa e inquieta. Sua alma, naquelle momento, era uma alma que precisava de silencio para recolher-se, para se fechar no mysterio da sua dolorosa afflicção.

Calei-me, então, e, dirigindo-me a uma das estantes (estavamos no gabinete de leitura) de lá retirei um volume de Gabriel D'Annunzio — *Il sogno d'un matino di primavera*, que comecei a relêr, silenciosamente.

Boneca, recostada numa *mapple* macia e commoda, continuava scismarenta, como uma gaivota tomada de nostalgia.

Minutos depois não se conteve e, voltando para mim seus bellos olhos cariciosos e tristes, perguntou-me:

— Que estás lendo, meu querido amigo?

— *Il sogno d'un matino di primavera*...

— Ah, não! Põe esse livro na estante. Faz-me mal tel-o mesmo á minha vista. E' doloroso demais. Aquella pobre louca, aquella rosa vermelha... tudo me impressiona intensamente.

Levantei-me e puz o livro fatidico na estante, em logar bem occulto. Depois, approximando-me de Boneca, tomei-lhe, entre as minhas, as mãozinhas pequeninas, e falei-lhe:

— Escuta, minha filha, estás triste, uma grande e afflictiva preoccupação domina-te o espirito. Por que, Boneca, não abres teu coração cheio de soffrimento ao teu amigo, a mim que dizes considerar e estimar como se fosse teu irmão mais velho?...

As duas mãozinhas macias e quentes, num gesto de profundo carinho, comprimiram as minhas com mais força, como se nellas encontrassem um refugio. E duas grandes lagrimas deslizaram, serenas, pelas faces de Boneca. E mais duas, e muitas outras foram correndo. A onda de pranto, com tanto esforço contida, rebentara.

Perdi a cabeça e perdi a calma. Uma mulher chorar assim junto de mim? E que mulher!... Boneca, a minha, querida Boneca!

Puxei sua cabecinha soffredora para junto do meu hombro, onde ella a deixou repousar. E, acariciando-lhe os cabellos, fui-lhe dizendo com uma voz tremula de inquietação:

Mme. Carlos Tavares da Costa, figura da sociedade carioca.

— Boneca, que tens tu, dize ao teu amigo, que elle te consolará, que elle irá buscar nos vasos mais puros de seu coração o balsamo sagrado da bondade e do affecto com que suavizará, se não extinguir, o teu soffrimento! Fala-me, não me afflijas assim com o teu silencio. Vê como estou inquieto!...

— Nada, meu amigo, não tenho nada. Nervosismo...

— Não. Para chorares assim, tu a quem nunca vi chorar, e que foste sempre um suave refugio de consolação e de alegria para os que soffriam e te procuravam, é preciso que uma grande dôr te amargure o coração... Escuta, vira para mim, teu rosto,

TRES «poses» elegantes e tres figuras distinctas, no Alto da Tijuca — na Cascatinha: Mme. Ferreira Gomes e sua filhinha mlle. Annita Gomes, que é linda como se vê, e parece ainda mais graciosa com o seu «chaperon rouge». Mlle. Livia Dinorah Ribeiro é sua amiguinha. Não tem «chaperon rouge», mas tem um chapéo cloche, que a faz encantadora, e um sorriso que a illumina com a sua propria graça...

agora, e vê se no verde caricioso de meus olhos não está a sorrir para ti a alma bôa e afflicta de teu amigo.

Boneca voltou o rosto para mim, já illuminado por um sorriso de consolação, e, subito, fixando seus olhos negros nos meus verdes, apertou a suave cadeia de seus braços frescos no meu pescoço! E falou-me:

— Escuta, meu amigo, leste nos jornaes alguma cousa sobre o *Sino do Desejo?*

— O *Sino do Desejo?...*

— Sim, vou buscar o jornal para veres.

— Voltando com um jornal, disse-me:

— Lê sómente este trecho.

E li:

"Bled é um logar cheio de encantos, situado num alto que domina um lago de aguas espelhantes. Em cima de um rochedo abrupto fica um castello, que antigamente pertenceu aos bispos de Brixen, e cujo escudo ainda encima a entrada. Numa ilha proxima, ergue-se a afamada egreja que serviu de templo á deusa slava do Amor e Jiva, no tempo do paganismo.

A egreja contém um sino chamado o "sino do desejo". Diz-se que todo aquelle que, ao puxar a corda, para fazel-o sôar, ao mesmo tempo pensar no que deseja, verá realizado o que almeja."

Tendo acabado de lêr o trecho indicado, perguntei-lhe:

— Mas, minha filha, que ligação tem isso com o teu soffrimento, com a tua tristeza, com as tuas lagrimas?

— A maior possivel. Talvez jamais a comprehendas...

— Quererias ir á cidadezinha de Bled, para puxares a corda ao "Sino do Desejo" e formulares tambem um pedido?

— Não, não seria preciso, porque o "sino do desejo" ha muito que canta dentro de mim, na minha alma, no meu coração, na minha carne, no meu sangue... Mas...

— Mas... dize, fala, Boneca!...

— Mas, o seu éco ainda não despertou aquelle que seria...

— Que seria a encarnação, o symbolo vivo do teu "desejo"...

— Sim, o meu Principe Encantado, que és tu...

— Boneca, minha querida! Ha muito, tambem, cantava dentro de mim o "sino do desejo" — meu coração. E tu não o ouvias, tambem, e tu não comprehendias que elle chamava por ti!

— Meu amor!... (*Céo e panno*)

SOCIEDADE

Festas de arte — Mlle. Lucia Lobo, a linda silhueta da *élite* carioca e da arte de dizer póde gabar-se da sua estréa, deante de uma platéa fina e elegante como a que encheu, no sabbado ultimo, o salão nobre do Instituto Nacional de Musica, para ouvir a sua voz de matizes tão frescos. A sua estréa foi brilhante.

Até aqui a sua arte era conhecida de alguns intimos e de pequenos grupos que já a haviam applaudido nos salões familiares, nos recantos de sala, onde adormece a luz de um "abat-jour"... Mas já agora é admirada por toda a nossa *haute gomme*, uma vez que foram as figuras mais representativas do nosso mundo elegante e artistico, que lhe bateram palmas, palmas sinceras, ouvindo-a interpretar Adelmar Tavares, nas *Barcaças* — esse poema de tão superior emoção; *Elogio do silencio*, de Raul Machado e *Carnaval*, de Henriqueta Lisbôa.

Na verdade Lucia Lobo revelou-se uma *diseuse* magnifica, porque só com os proprios recursos da sua arte sobria e das suas virtuosidades conseguiu empolgar a platéa.

A nosso vêr, porém, a joven recitalista deve cultivar o seu genero, que é o gracioso, o frivolo como tambem o justificou na declamação magistral de *Telephonada*, de Maria Eugenia Celso, Não, de Virginia Victorino, e *Deante do meu "bureau"*, do nosso companheiro Bastos Portella.

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu grande e abençoado amor — Antes de te dizer alguma cousa, minha querida, peço-te, de coração, façcas descer sobre a cabeça tonta de teu... Principe, o suave gesto do teu perdão. Não, só, porém, Maria do Céo, o perdão da *Santa*, que esse, estou certo, não me faltaria nunca. O da mulher tambem, a quem eu, sob os impulsos do meu egoismo, do meu orgulho e do meu... desespero, sinto

que magôei injustamente. O da santa concede-m'o, agora, numa consoladora caricia de teus olhos meigos e serenos; o da mulher, esse, porém, Maria, só me deixará inteiramente tranquillo se m'o concederes com os... labios. E o gesto unico de uns labios que perdôam, tu bem o sabes, Maria do Céo, como se traduz: num beijo. Perdôa-me tambem o pedido do beijo, mas não me faltes com o beijo do teu perdão, um perdão doce, em que o calor de teu sangue e o perfume de tua alma realizem o milagre eucharistico da minha tranquillidade, da minha paz espiritual e da minha rehabilitação perante o sagrado tabernaculo de teu coração.

E só agora, meu amor, noto que estou a te *tutoyer* porque, pela primeira vez te trato assim. Para o *point rose* do verbo *aimer*, porém, só a doçura e a carinhosa intimidade de um *tutoiement*.

Queres que te peça perdão tambem por isso? Apressar-me-ei em fazel-o, desde que o perdão concedido traga até mim um pouco do cheiroso calor de tua bocca...

Genuflexo, a teus pés, Maria do Céo, estou a bater no peito o *mea culpa* do arrependimento. Fui máo, fui cruel, fui injusto... Mas tudo isso, toda essa maldade, eu a fiz por amor, e só por amor.

Pequei, confesso. Quem pecca, porém, por amor, deve e merece ser perdoado. Tu, que és santa, e és mulher tambem, certo, melhor que as outras, saberás fazer... *le geste qui pardonne*, como dizia o poeta.

E eu espero, fico a esperar o teu gesto de perdão... na rosa de Santa Therezinha de teus labios...

SEARA ALHEIA

MI ROPA INTIMA

JUANA DE IBARBOUROU.

Con membrillos maduros
perfumo los armarios.
Tiene toda mi ropa
un aroma frutal que da a mi cuerpo
un constante sabor a primavera.

Cuando de los estantes
pulidos y profundos
saco un brazado blanco
de ropa intima,
por el cuarto se esparce
un ambiente de huerto.

Parece que tuviera en mis armarios
preso al verano!

Ese perfume es mio. Besarás mil mujeres
jóvenes y amorosas, mas ninguna
te dará esta impresión de amor agreste
que yo te doy.

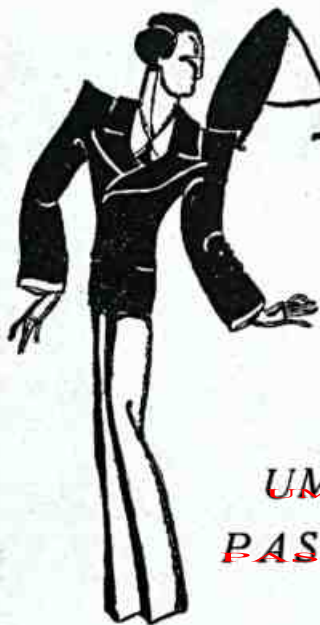
Por eso, en mis armarios
guardo frutas maduras
y entre los pliegues de la ropa intima
escondo, con manojos secos de vetiver,
membrillos redondos y pintones.

Mi piel está impregnada
de esa fragancia viva.
Besarás mil mujeres, mas ninguna
te dará esta impresión de arroyo y selva
que yo te doy.

A vingança della contra o photographo: pagou-lhe com a mesma... «kodack»...

A Mulher

Um lindo vestido de rendas e o projecto de um sorriso...

Chic
Um lindo manteau
e uma encantadora
silhueta.

UM PASSANTE

ELLE ia passando pelo caminho solitario, juncado de folhas mortas...

Ia absorto em sua propria vida, olhando as magoas de seu coração...

A' margem do caminho solitario, a haste ainda frágil de um arbusto sylvestre lhe roçou o rosto pensativo.

E o passante, tendo parado um instante, torceu distrahidamente aquelle ramo e o prendeu a outros.

Porque elle ia absorto olhando as magoas de seu coração.

Depois, o passante proseguiu pelo caminho solitario juncado de folhas mortas...

Ora, o arbusto se encostava a um muro em ruinas... Velho muro musgoso e triste... mas ainda assim era um abrigo... era um apoio!...

O ramo torcido cresceu e se forticou... o ramo torcido se encravou no muro, desuniu-lhe as pedras, que rolaram por terra.

E quando o vendaval desabrido soprou rijo e turbilhonante, a arvore rangeu e soluçou á beira do caminho juncado de folhas mortas:

"Passante que te fostes, passante de uma hora... porque não ouviste a supplica humilde que te fiz de que me deixasses... de que respeitasses o meu destino?

"Passante que ias absorto na tua propria vida, que mal te fiz eu? Foi um crime o perpassar de uma folha tão leve e subtil quanto a caricia de um olhar humano?

"Com que direito desviaste minha obscura seiva de sylvestre arbusto?

"Passante que ias olhando as tuas magoas, que ganhaste com o teu gesto distrahido?

Tu te fostes... e eu fiquei desabrigada e só...

Por que motivo assim agiste, com que intenção, com que proveito?"

Mas o passante ia longe, na extrema curva do caminho solitario... As folhas mortas que juncavam o solo e gemiam sob seus passos não o deixavam ouvir o lamento da arvore que rangia e soluçava ao sopro do vendaval desabrido.

(De "*Fios de prata*" — *o Cancioneiro da Dôr, — ainda inédito*)

A BRASILEIRA

GUARDO commigo, silenciosa e funda, uma revolta immensa contra a civilização do homem.

Sou uma isolada. Porque não me sujeito ao mundo, o mundo não me póde acceitar.

A vida que os seres crearam suffoca o sentimento e agrilhôa a carne; ella sómente exalta a intelligencia, mas a minha vibra demais e está cansada.

Meu corpo é um bohemio que rejeita ataduras, meu coração é um faminto, coberto de andrajos, que, insolente e sombrio, grita sobre a trincheira das leis: "Pão!"

E por isso guardo commigo uma revolta funda e silenciosa contra a civilização do homem.

A vida que os seres crearam é artificial e complicada... e em mim geme, inconfessado, o amor da natureza singela e verdadeira.

Sem que o pareça, eu sou filha das selvas, das mattas gigantes do paiz da esmeralda.

E porque sou feita de instincto espontaneo e primitivo, pareço incomprehensivel aos olhos do mundo. Elle não me acceita, não me póde acceitar.

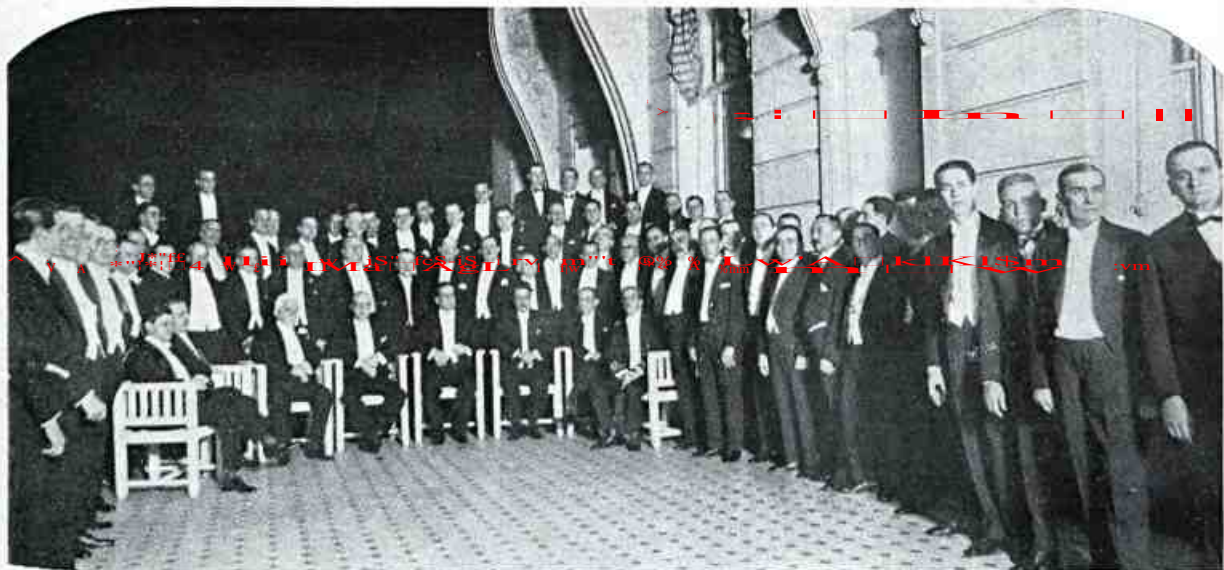
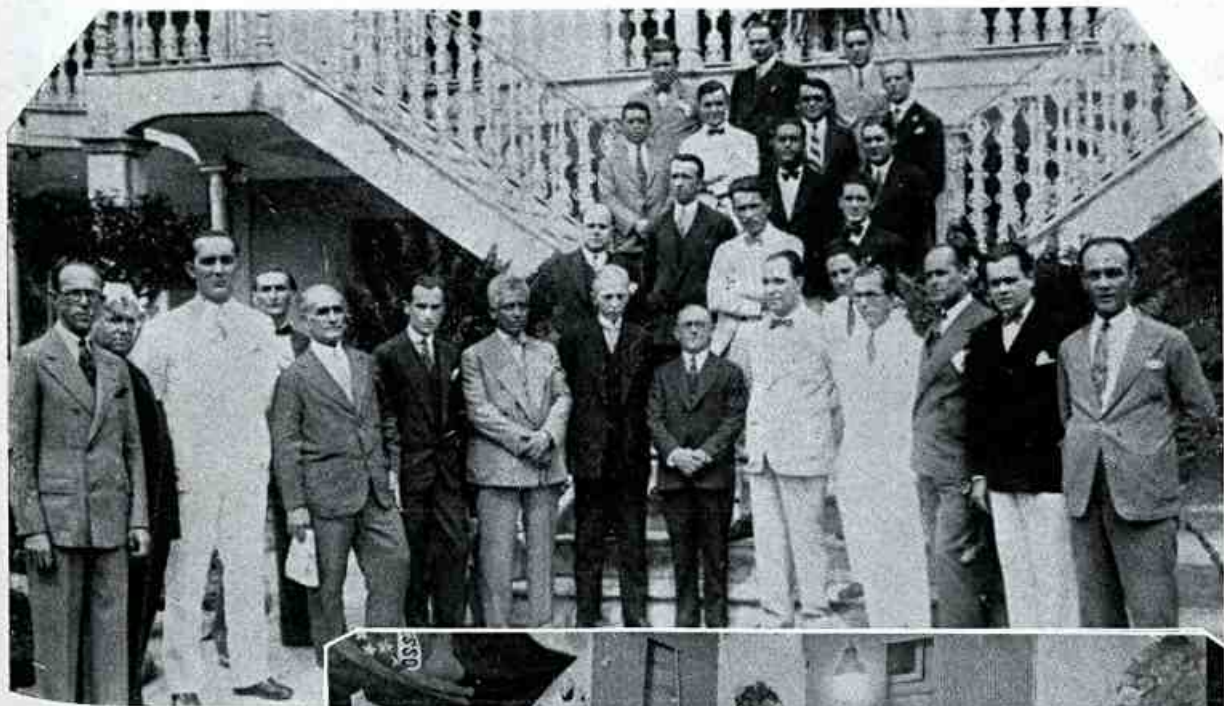
Minha intelligencia, sensivel demais, é flôr de estufa da moderna cultura... Mas a minha carne é planta sylvestre rebelde e pujante, e meu coração é corolla estranha de agreste perfume.

Trago nas veias sangue europeu, velho sangue distillado através gerações de corpos envoltos em seda e velludo... mas tambem tenho o sangue do indio indomito e nú, habitante selvagem do paiz da esmeralda.

E á voz do atavismo, meu sangue brasileiro se ergue em alvoroço como um escravo açoitado, coberto de ferros a gritar ante a barreira das convenções sociaes: "Liberdade!"

Eu sou simples e bôa, apaixonada e meiga; mas a vida que os seres crearam suffoca o sentimento e agrilhôa a carne.

E por isso guardo commigo, silenciosa e funda, uma revolta immensa contra a civilização do homem.

(De "*Fios de Prata*", — *o Cancioneiro da Dôr" — ainda inédito*)

O dr. Manoel Thomaz de Carvalho Britto, director do Banco do Brasil, foi homenageado pelas classes conservadoras, que, com a adhesão de varias figuras de destaque na politica nacional, lhe offereceram um grande banquete.

A União dos Empregados do Commercio prestou, no ultimo domingo, uma homenagem muito expressiva á imprensa carioca, reunindo num almoço, no edificio onde vae ser installado o hospital de seus associados, á Estrada Velha da Tijuca, varios jornalistas, que tiveram, assim, opportunidade de visitar demoradamente todas as dependencias do grande palacete recem-adquirido pela novel sociedade de classe.

NO recinto da Exposição Cinematographica Educativa, na Escola José de Alencar, a commissão promotora do importante certamen offereceu um chá á imprensa, numa homenagem que muito nos sensibilizou.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

HA dias em que os meus olhos verdes, verdes e profundos como o mar e, como o mar, agitados e inquietos, têm algo daquella prodigiosa virtude do radio — o poder de ver através dos corpos opacos. E, certo, não haverá, neste mundo de meu Deus, corpos mais opacos, mais fechados, mais difficilmente penetraveis (a olho nú, já se vê) e radiographaveis do que os das mulheres em geral e, em particular, das mulheres genero melindre.

Aliás, aqui entre parenthesis, é muito á puridade, é antes um mal do que um bem isso de se poder ver alguem, uma mulher querida, por exemplo, tanto por fóra como por dentro. Porque toda mulher vale pelo seu "exterior", pelo frontespicio, pela fachada, para dizer a coisa como ella é.

E ellas — tanto têm a certeza disso, que fazem da sua apparencia o corpo da sua realidade.

* * *

NESSA psychologia feminina, que se poderia chamar de... fachadas, ha muito homem que se vangloria de ser entendido, quando, em verdade, as fachadas é que são a sua desgraça. Deslumbram-no, encantam-no e fascinam, e, quando o pobre diabo dá por si, da linda fachada, feita ruina, só restam os escombros que o trouxeram, de novo, á realidade das coisas, com algumas illusões de menos.

Eu, que sou franco á bessa, que o diga, porque tenho ainda sobre mim o "peso" pesado de muitas fachadas nos estylos mais variados e curiosos deste mundo.

Algumas, é certo, ainda hoje procuro reconstituir com o mesmo suave enlevo (com licença do meu collega Bastos Portella, autor do Suave Enlevo), com o mesmo feitiço encanto que a ellas me prendeu, quando, fresquinhas e lindas, tinham o ar e a graça de uma coisa maravilhosa — uma janellinha florida por onde o céo parecia sorrir para a gente, ou o portico de vidro de um palacio de fadas, ou a entrada mysteriosa de uma caverna de Ali-Babá...

«FON-FON» NA EUROPA

DR. Marques da Rocha, joven medico brasileiro que se encontra, presentemente, na Europa, onde tem realizado, em Paris e em Berlim, cursos de aperfeiçoamento de cirurgia.

DR. Elysio Condé, illustre medico paulista, que, clinicando na capital do grande Estado, conta, alli, largo circulo de sympathias, pelas suas qualidades de cavalheiro e scientista.

ESTA' escripto, porém, que o homem põe e Deus dispõe. E, como o diabo, vive sempre alerta, a nos pregar das suas, a linda fachada florida é, não raro, uma especie de passadiço para o... inferno das desillusões mais surprehendentes e dolorosas.

* * *

MAS, sem querer, vejo que estou a dar demais com a lingua e a nada dizer, desviando-me completamente do rumo e dos objectivos desta sombra chineza de minha alma.

Retomando o fio da palestra, o que eu vinha dizendo é que meus olhos, de tanto se fixarem na parte menos real da mulher, que é justamente o seu "exterior", o que ella apparenta ser e que não é, acabaram por devassar, através da sua complicada fachada, o que se passa no seu "interior", desde a sala de visitas da alma, á alcova do coração, á cozinha não sei bem de que...

E eu tive uma decepção, minha gente, uma desillusão do tamanho de um bonde. Mas, ainda assim, por uma questão de habito, por vicio ou por mera mania, uma vez por outra vou cahindo na pateticé de tentar novas illusões, logo desfeitas, infeliz ou felizmente, porque se as fachadas variam ao infinito, os "interiores" são sempre os mesmos — um logar commum que mata a gente de monotonia e de tristeza...

* * *

E fico por aqui, receioso de me exceder e de dizer mais mal do que quero dessas queridas e boas creaturas, o que sempre acontece quando brigo com Melindre, a seriguita da cidade que me vem enchendo de desencanto e de maluquice, a mostrar-se-me, tal qual é, por fóra e... por dentro.

ESAÚ & JACOB

POEMA DO PÓ...

Irrompe o dia. A Natureza acorda
Despindo a sua tunica estrellada,
E' do pallio do Céo o Sol transborda
Por sobre a Terra a luz da madrugada.

Os passaros gorgeiam pelos ares,
E desabrocham pouco a pouco as flores;
D'Alma fogem os sonhos — e os seis mares
Desapparecem no golfão das dôres...

Surge a Noite depois com seu diadema,
Onde fulgem os astros mais fecundos,
E á luz da Lua, eu leio o vasto Poema,
Da Vida ininterrupta desses mundos...

Desapparece um Sêr, outro renasce,
Numa elaboração lenta e constante,
Vezes trazendo a lagrima na face...
Vezes trazendo o riso palpitante...

Que és tu, Vida terrena? — Uma utopia,
— Calor de sonho e ardor de mocidade.
Quem poderá vencer a nostalgia
Que nos leva a fitar a Eternidade?...

Cerebração de sceptico mesquinho,
Sem as crenças d'Além — idéal sublime...
— Olha as escuras curvas do caminho,
Que magoa a magoa a tua Dôr redime...

SOCLEBESIM DE ALBUQUERQUE

O Club Naval offereceu, na tarde do ultimo sabbado, aos seus associados e suas familias, uma hora de arte, em que tomaram parte figuras conhecidas dos salões cariocas.

* * *

GLYCINIAS

Ha quanto tempo não te vejo! Ha quanto tempo meus olhos tristes não sentem a caricia azul de teus olhos alegres! Ha quanto tempo tua voz macia não enche meu coração de sonoridades! Ha quanto tempo o oiro de teu cabello não deslumbra a minha retina cansada! Ha quanto tempo!

Tua figurinha clara e linda fugiu da minha vida. Fugiu para tão longe, que nem meus pensamentos a podem alcançar. E meus pensamentos, desvairados, melancolicos, vivem a procurar a tua silhueta illuminada de doçura pelos sitios onde floriu o encanto das nossas horas de ventura... Vivem a procural-a inutilmente, inutilmente...

Para onde foste, querida? Em que paiz ignorado e longinquo está rutilando a tua belleza luminosa?...

INSPECÇÃO E FOMENTO AGRICOLA

As diversas secções da Directoria de Inspecção e Fomento Agricola em São Paulo desenvolveram grande actividade na colheita de informações, amostras de productos e de terras e na vulgarização e demonstração dos processos de cultura mais convenientes, fiscalizando ao mesmo tempo o commercio e distribuição de mudas e sementes.

A primeira secção technica tratou da cultura, beneficiamento, preparo, classificação e padronagem dos typos de café. Seus trabalhos despertaram vivo interesse entre os fazendeiros, relativamente á colheita natural e ao enleiramento permanente que consegue reter as aguas pluviaes e evitar a erosão do solo; a propaganda e o ensino sobre a melhoria dos typos de café, pelo preparo no terreiro e nas machinas, separação, numero de defeitos, e torração, tendo em vista as exigencias dos consumidores, quanto ás provas da bebida desse producto.

A segunda secção technica continuou a fomentar os campos de cooperação para multiplicar as melhores sementes de algodão. O total das sementes recebidas e entregues aos postos de expurgo elevou-se a 532.373 kilos, para distribuição, além das sementes produzidas nas fazendas de Faxina, no total de 14.726 kilos.

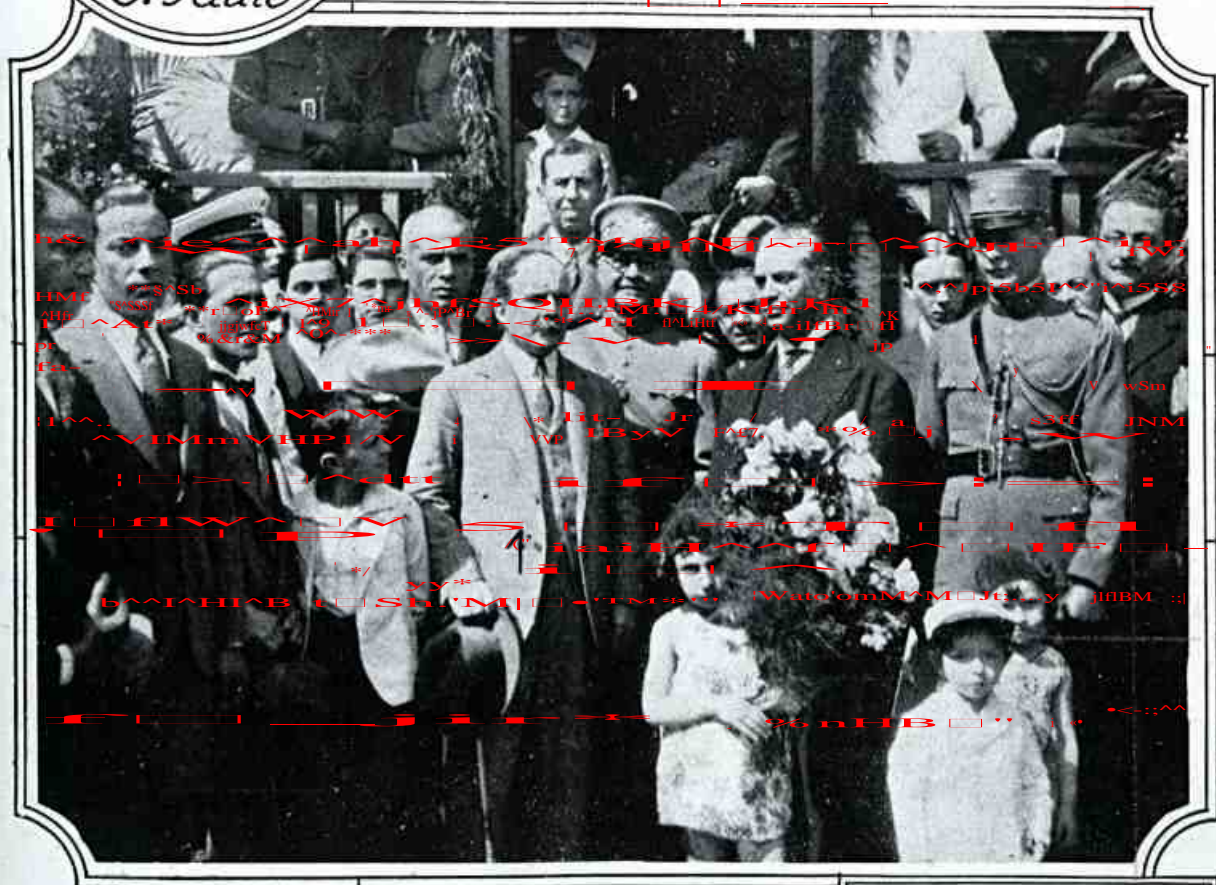
Esta secção providenciou tambem sobre o exame das terras e os correctivos necessarios para melhoria dos campos de cooperação. Continuou com efficiencia a inspecção ás machinas de descaroçar, a fiscalização do commercio de sementes, cuja venda por particulares attingiu a 862.713 kilos. Junto aos proprietarios de descaroçadores foi feita a propaganda para melhoria do typo e da embalagem. Já está installado o laboratorio com os apparelhos necessarios para o estudo physico da fibra e a classificação industrial do algodão. Proseguem os estudos relativos á fabricação de saccos de juta, de algodão e mesclados destinados á colheita e exportação de café e cereaes. Os trabalhos da secção visam tambem a propaganda do emprego de machinas agricolas, para plantação, capina, adubação e combate ás pragas.

Sob os auspicios da terceira secção, foi fundada a estação experimental de canna, onde são estudados, desde os methodos de plantação e tratos culturaes, até a colheita e o transporte. Introduzindo no-

S. Paulo vive, neste momento, uma hora de intensa vibração. O povo, satisfeito com o benemerito governo do doutor Julio Prestes, promove demonstrações de sympathia ao movimento brasileiro que indicou a candidatura do presidente paulista á presidencia da Republica. Na capital, o nome de s. ex. é victoriado nas ruas, pela multidão. Realizam-se comicios, nas praças publicas, em prol da chapa Julio Prestes-Vital Soares. E' o aspecto de um desses «meetings» politicos o que documenta a photographia desta pagina, tomada na praça do Patriarcha.

aperfeiçoados e não fabricam aguardente, mas com o sub-producto do assucar distillam e produzem o alcool. Durante o anno de 1928 foram debelladas algumas molestias existentes, não se tendo verificado o apparecimento de molestias novas. Graças á substituição das antigas variedades de cannas por outras mais resistentes, o mosaico já não inspira aprehensões.

A cultura de cereaes, batatinhas, foi digno de nota. O governo adquiriu todas as sementes produzidas no Estado, tendo providenciado ainda para a acquisição de mais 100.000 kilos de sementes nos Estados do sul e no estrangeiro, para a intensificação dessa cultura no nosso territorio.

Não havendo nenhum campo de cooperação para cultura da batata, tem o governo providenciado para a isenção dos direitos aduaneiros

vas variedades, creou sub-estações de campos de cooperação, com viveiros de cannas para sementes, e vem orientando todas as usinas sobre assumptos relativos á cultura da canna e á fabricação de assucar, alcool e aguardente.

Já estão installados e funccionando 8 campos de cooperação, tendo a secção realizado durante o anno as analyses chimicas e biologicas, bem como exames microscopicos de fermentos seleccionados e de micro-organismos causadores da molestia, determinando o combate das pragas em varios pontos do Estado. Ha em S. Paulo 5.000 engenhos e engenhocas, dos quaes cerca de 4.000 só fabricam aguardente. Em sua maioria, os machinismos são rudimentares e imperfeitos e operam com grande desperdicio de materia prima. As grandes usinas, porém, têm machinismos

mandiocas, leguminosas, adubações verdes, bem como todas as culturas forrageiras, fructicultura e horticultura, se acham a cargo da quarta secção technica. Sob a orientação directa de um funccionario dessa directoria, foi installado em São José dos Campos um campo de cooperação para a cultura do arroz, afim de seleccionar sementes das melhores qualidades e variedades existentes no E. de São Paulo.

A cultura do trigo vae se fazendo com enthusiasmo, pois os resultados obtidos excederam á espectativa. Das experiencias feitas em todas as zonas do Estado, destacaram-se os trigaes de Gallia, na Estrada de Ferro Paulista, os de Araçaçú e de Itapetininga, na Sorocabana, e outros em varios pontos da Araraquarense.

O resultado produzido entre as linhas dos cafezaes em formação

O actual prefeito de São Paulo, dr. Pires do Rio, goza de geraes sympathias na capital paulista, pela sua administração fecunda em melhoramentos notaveis para a grande metropole. Por isso mesmo, são innumeras as homenagens que a população paulista presta ao illustre engenheiro, que tantas provas tem dado de sua capacidade administrativa. A photographia acima fixa um detalhe da grande manifestação tributada, ha poucos dias, ao prefeito Pires do Rio, por motivo de sua nomeação para o cargo que tão brilhantemente já vinha exercendo.

e desenvolvido a fiscalização do emprego das batatas importadas para sementes. Essa cultura está extraordinariamente d e s e nvolvida nos arredores de São Paulo. No municipio de Cotia attingiu a 200.000 saccas em 1928 e vae se desenvolvendo em todos os municipios vizinhos. E' uma cultura util e remuneradora. Um lavrador japonez, em Cotia, auxiliado pelo governo apenas na isenção dos direitos aduaneiros, para a importação e transporte das sementes, numa area de cerca de 8 alqueires, correspondente a 20 hectares, obteve uma c o l h e i t a no valor de 100:000$000. A fructicultura, principalmente a cultura de bananas, laranjas, uvas e peras, mereceram especial attenção da Directoria de Inspecção e Fomento Agricola.

A quinta secção technica, além de acompanhar a distribuição de sementes de grãos, num total de 20.220 kilos, estudou o preparo do fumo, cujo consumo em São Paulo é superior a 60.000 contos. As nossas fabricas empregam o fumo em folhas na proporção de 200 para 1 de fumo em corda.

A iniciativa particular é insignificante, nas suas manifestações relativamente á mechanica agricola, irrigação, drenagem das terras, pelo que essa secção vem procurando intensificar a intervenção official no sentido de desenvolver esta pratica para o saneamento das varzeas, melhoramentos das pastagens e regularidade nas culturas.

O SERVIÇO TELEPHONICO EM S. PAULO

A exploração dos serviços de communicações telephonicas inter-municipaes, sujeitas ao controle do Estado, continúa sob o regimen da lei n. 11, de 28 de outubro de 1891.

Lei antiquada, que já não satisfaz ás actuaes necessidades publicas nem ao grande desenvolvimento verificado nos serviços que objectiva, está ella carecendo de uma revisão que a colloque na sua verdadeira funcção de reguladora desses serviços.

Visando este objectivo, está o governo paulista colligindo os elementos indispensaveis ao estudo dessa revisão nos centros onde os serviços da especie têm attingido ao mais elevado grão de adeantamento.

Foram feitas durante o anno 7 concessões de licenças para ligações telephonicas inter-municipaes, sob o regimen da citada lei n. 11, a saber: pelo decreto n. 4.425, de 6 de junho, a Adelino de Paula Lima, entre os municipios de Caconde, Mocóca e S. José do Rio Pardo; pelo decreto n. 4.429, de 27 do mesmo mez, a João Cernach, entre os municipios de Araçatuba, Biriguy, Glycerio e Pennapolis; pelo decreto n. 4.473, de 10 de outubro, a Elias de Paula Machado, entre Pennapolis, Glycerio, Avanhandava e Promissão; pelo decreto n. 4.483, de 31 do mesmo mez, a Benedicto Salenave, entre Campos Novos, Cafelandia e Gallia; pelo decreto numero 4.500, de 28 de novembro, a João Cernach, entre Biriguy e Araçatuba; pelo decreto n. 4.502, de 5 de dezembro, a Felicio Tarabay, ligando Paraguassú, Quatá, Presidente Prudente, Santo Anastacio e Presidente Wenceslau; e pelo decreto n. 4.503, da mesma data, a Dutra & Mello, entre os municipios de Araras, Campinas, Mogy-Mirim e Mogy-Guassú.

As transferencias de concessões, durante o anno, foram em numero de 5, e as caducidades decretadas, por abandono de concessões, attingiram ao numero de 8.

A despeito da deficiencia de recursos com que conta a repartição competente para fiscalizar as li-

Vista panoramica de São Paulo, abrangendo a esplanada do Municipal, parte do Viaducto do Chá e o edificio Martinelli.

O presidente Julio Prestes recebeu, no palacio do governo, a visita do commandante do cruzador italiano «Trento», que se fez acompanhar dos officiaes de seu estado maior.

nhas telephonicas estaduaes, teve esse serviço especial desenvolvimento em 1928.

INSPECÇÃO GERAL E ESPECIALIZADA

A escola, com a acção desenvolvida pelo governo paulista, tornou-se um centro activo relacionado na vida social, augmentando o seu numero para mais de mil unidades nas zonas ruraes. As obrigações dos inspectores cresceram consideravelmente, o que determinou, no fim do exercicio lectivo, a elevação do seu numero para 80.

Tudo como norma directiva uma acção homogenea e systematica das medidas destinadas a garantir, com maiores resultados, a marcha funccional do apparelhamento escolar, sempre que se deparava a solução de qualquer problema relativo á technica ou á administração do en-

O commandante e officialidade do «Trento» desembarcando na estação da Luz, em sua chegada á capital paulista.

simo, eram ouvidas as autoridades escolares. Com esse objectivo promoveu a Directoria Geral de Instrucção a reunião periodica dos inspectores districtaes do Estado, que no anno de 1928 eram em numero de 70. Duas dessas reuniões se realizaram, em junho e em dezembro, com grande proveito para a instrucção, ficando satisfatoriamente attingidos os fins em vista, tirando da sua convocação.

Quanto á inspecção especializada, bastante proveitosos foram os resultados verificados. A de musica deu a esse ensino cunho essencialmente brasileiro, quanto á escolha de autores e organização dos programmas orpheonicos, trabalho que attendeu ás escolas normaes livres. A de educação physica e escotismo vae estendendo sua acção a todas as escolas do Estado, applicando com exito os methodos preconizados pela eugenia nacional. A de trabalhos manuaes e desenho continuou a orientar a applicação dessas disciplinas com grande efficiencia nos resultados.

NOVOS MUNICIPIOS PAULISTAS

Foram creados, em 1928, os seguintes municipios em S. Paulo:

Pela lei n. 2.286, de 24 de setembro, o de Mundo Novo, na comarca de Itapolis;

pela lei n. 2.312, de 17 de dezembro, o de Apparecida, na comarca de Guaratinguetá;

pela lei n. 2.320, de 24 do mesmo mez, o de Marilia, na comarca do Piratininga;

pela lei n. 2.328, de 27 do mesmo mez, o de Guayra, com séde no districto de paz de egual nome, comarca de Orlandia;

pela lei n. 2.329, da mesma data, o de Tapyratiba, com séde no districto de paz de egual nome, comarca de Caconde;

pela lei n. 2.330, da mesma data, o de Garça, com séde nas povoações reunidas de Ferrapolis;

pela lei n. 2.330, de 28 do mesmo mez, o de Coroados, comarca de Pannapolis.

AS ESCOLAS NORMAES DE SÃO PAULO

Officiaes — Funccionaram no Estado 10 escolas normaes officiaes, 9 de tres annos de curso e uma — a Escola Normal da praça da Republica — de cinco annos de curso. Essas escolas foram frequentadas por 3.126 alumnos, 285 masculinos e 2.841 femininos. Em 1927, a matricula foi de 2.577 alumnos, havendo, no anno findo, um augmento de 549. Obtiveram promoção 1.870, ficando dependentes de segunda época 795; concluiram o curso 478 alumnas e 53 alumnos, num total de 531, contra a cifra global de 349, em 1927. Na Escola Normal da praça da Republica receberam diploma 136 alumnas e 7 alumnos, num total de 143.

EMBARQUE, em Santos, de materiaes destinados ás obras de construcção do ramal de Mayrink a Santos.

A ESTRADA DE FERRO DE MAYRINK A SANTOS

Proseguem com intensa actividade os trabalhos de construcção do grande tronco ferroviário de Mayrink a Santos. Iniciados os serviços de reconhecimento em fins de julho de 1927, estava integralmente concluido o projecto da linha a 11 de junho do anno passado, com a confirmação do orçamento respectivo, inicialmente calculado em 160.000:000$000.

A despeito das difficuldades apresentadas pelo traçado da nova estrada e das circumstancias desfavoraveis para a realização dos serviços, todos os trabalhos concernentes aos estudos da linha e consubstanciados no projecto organizado foram concluidos com inteira satisfação, quer pela sua rapidez, quer pelo seu custo de 1.063:903$581, assim descriminado:

Reconhecimento	4:510$900
Exploração .	447:236$285
Locação	556:977$396
Trabalhos de escriptorio e projectos	55:179$000

Esse projecto, que comprehende a ligação entre Mayrink e a estação de Samaritá, no kil. 19 da linha Santos-Juquiá, apresenta fundamentalmente os seguintes caracteristicos principaes: extensão, 135 kil. 364; raio minimo, 245m,62; rampa maxima, 2 %; tangente minima de 100 metros entre curvas reversas; linha dupla para bitola de um metro, entre trilhos, com plataformas de 8m,5.

Dentre as obras de arte especiaes da nova estrada contam-se: 32 tunneis, numa extensão total de 4.500 metros; 18 viaductos, com alturas diversas, totalizando uma extensão aproximada de 1.500 metros; 96 muros de arrimo, com o volume de 76.000 metros cubicos de alvenaria; 6 pontes e pontilhões de vãos diversos. Haverá em todo o percurso 17 estações, contadas as extremas de Mayrink e Samaritá. Os serviços de terraplenagem estão calculados em cerca de 11.200.000 metros cúbicos. As superstructuras das pontes, viaductos e pontilhões comportarão trens de typo mais pesado que os actuaes — Cooper 45. A capacidade do gabarito satisfaz ás necessidades da futura electrificação da estrada.

Para effeito da construcção foi a linha dividida em 45 trechos (22 no planalto e 23 na serra), dos quaes 43 estão sendo construidos por empreitada e o inicial e o terminal, respectivamente, por administração contractada e por administração directa da estrada. O serviço de perfuração dos tunneis, que foi dividido em 4 grupos distinctos, constituiu contractos á parte com 4 empreiteiros

UM posto improvisado para descarga de materiaes destinados á construcção da estrada de ferro Mayrink-Santos.

Os trabalhos da construcção, propriamente dita, iniciaram-se em maio de 1928, atacando-se os quatro primeiros trechos do planalto e o segundo da serra.

Dessa data em deante, intensificaram-se os trabalhos de modo tal, que, ao findar-se o anno, existiam 20 trechos no planalto e 12 na serra em condições de receber medição; tinham sido escavados 2.396.066 m. c.; estavam concluidas 96 obras de arte communs e 16 se achavam em andamento. O volume escavado representa 23,4 por cento do total previsto a escavar e o custo medio dessa escavação, por metro cubico, incluindo transporte, estava, nessa occasião, em 5$666, abaixo do orçamento apresentado.

O acampamento dos engenheiros da construcção do ramal Mayrink-Santos, e um lindo aspecto do côrte 14.

Acompanhando os trabalhos de construcção, foram organizados todos os serviços accessorios e de imprescindivel necessidade para o andamento das obras, taes como: o estabelecimento de estradas para o transporte de materiaes, numa extensão de cerca de 102 kilometros, a acquisição por doação, compra ou desapropriação dos terrenos necessarios á faixa da linha e a assistencia prophylactica ao numeroso pessoal occupado nas obras e estimado, no fim do anno passado, em cerca de 12.000 homens.

Para que a linha Mayrink-Santos pudesse apresentar perfeitas condições de equilibrio e har-

RAMAL Mayrink-Santos. Dois aspectos do côrte 2. A photographia de cima, tomada do côrte 3, mostra o local para um futuro viaducto.

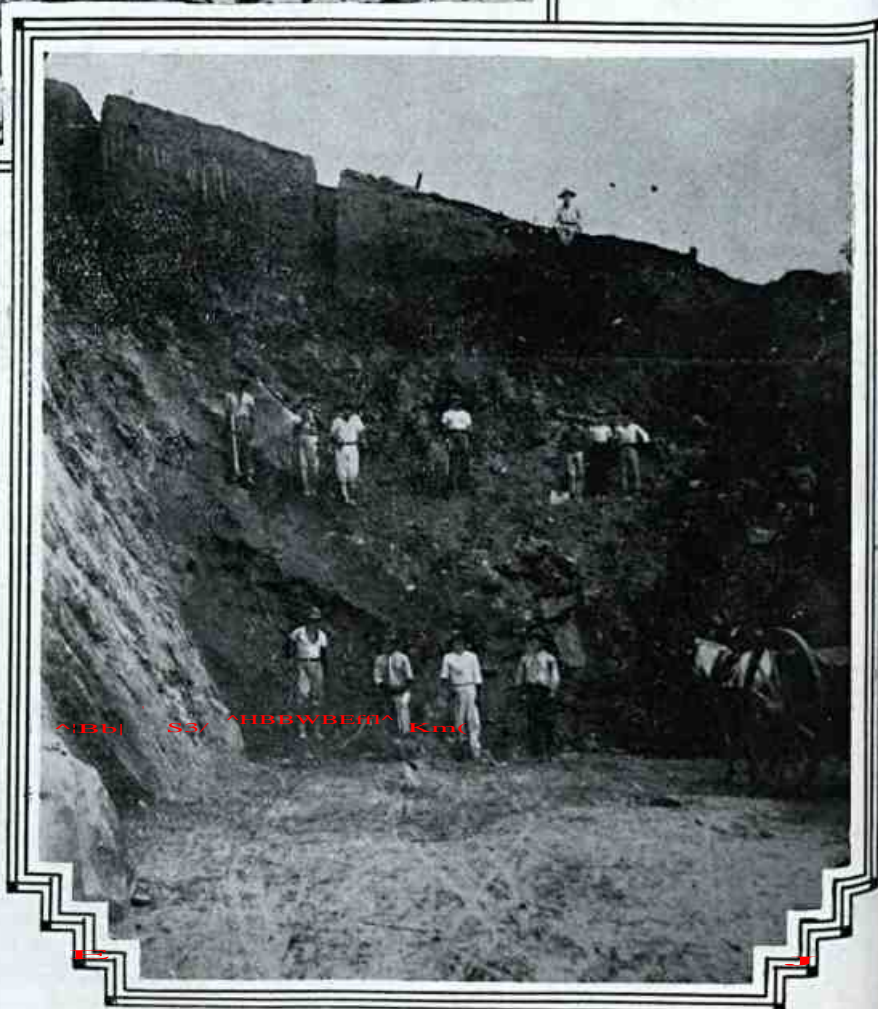
monia, tornava-se necessario remodelar o traçado e duplicar o trecho entre a estação de Samaritá e Docas, da linha de Santos a Juquiá. Para isso foram iniciados os devidos estudos, procedendo-se ao levantamento do terreno e fazendo-se cuidadosamente as necessarias explorações entre São Vicente e Docas, no intuito de se estabelecer, nesse trecho, um novo traçado que permitia a conducção directa dos trens da Sorocabana ao ponto mais conveniente do cáes e ahi facilite a movimentação do material rodante.

As despesas realizadas até 31 de dezembro com os estudos, trabalhos accessorios e preparação do leito da linha de Mayrink a Santos, incluidas as de administração e fiscalização, sommavam 19.941:912$956, que foram pagos pelo credito especial de 50.000 contos, aberto pelo decreto numero 4.440, de 22 de agosto do anno passado.

O ENSINO PARTICULAR EM S. PAULO

O grande desenvolvimento attingido pelo ensino particular, em São Paulo, determinou a designação de um inspector para sua directa fiscalização na capital.

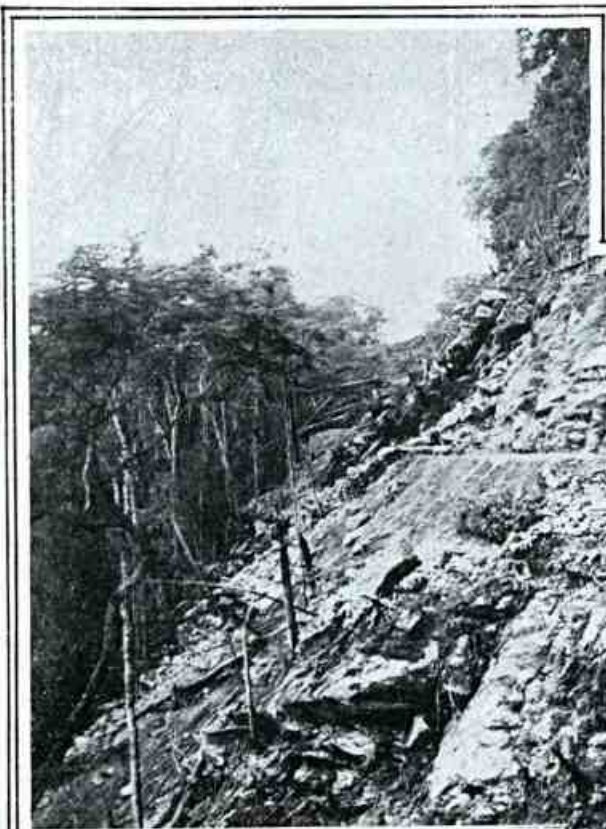
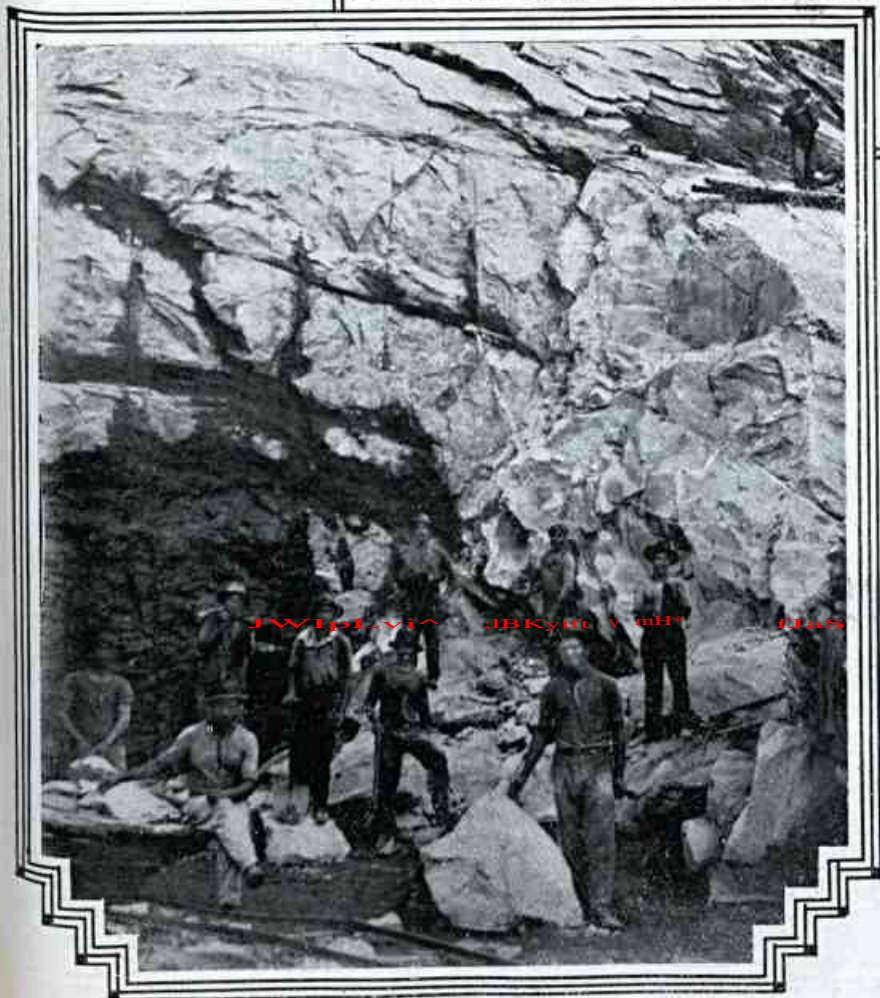
O trabalho levado a effeito pela Directoria Geral de Instrucção Publica, no sentido de dar cumprimento ás disposições legaes referentes a esse ensino, vae sendo executado com grande proveito, merecendo especial destaque o movimento de nacionalização emprehendido pela Direcção do ensino.

A matricula geral nesses estabelecimentos foi de 115.759 alumnos, excedendo de 25.819 a do anno anterior. Distribuiram-se esses alumnos pe

los diversos cursos, assim: primario, 77.682; secundario, 27.863; profissional, 9.981; e superior, 233.

Além das escolas particulares, que foram em numero de 1.077, funccionaram no Estado 285 escolas custeadas pelas Camaras Municipaes, com matricula geral de 11.430 crianças.

Frequentaram as escolas regidas por professores leigos 40.624 alumnos, dos quaes 22.563 do sexo masculino e 18.061 do feminino; promovidos 7.726 e alphabetizados 6.919.

SERVIÇO DE PUBLICIDADE

A Directoria de Publicidade desenvolveu muito os seus trabalhos de divulgação de assumptos que interessam á economia do Estado. Destacam-se, dentre seus trabalhos, as monographias agricolas, os boletins periodicos, os communicados pela imprensa, cujo objectivo é diffundir entre os lavradores toda a materia instructiva que lhes possa interessar. Essas publicações visaram, de preferencia, a melhoria dos typos de café, o desenvolvimento da fructicultura, a cultura do trigo, a do fumo, o melhoramento do algodão, a renovação dos cannaviaes, a restauração dos cafezaes, a adubação em geral, o combate ás pragas da lavoura, a formação e melhoria das pastagens e da pecuaria, a piscicultura, a agricultura, a sericicultura, a protecção das florestas e outros informes que se prendem directamente á vida agricola e pastoril do Estado. A distribuição das publicações elevou-se a 55.837, no Estado de S. Paulo, 10.963, em outros Estados, e 7.532, no estrangeiro.

RAMAL Mayrink-Santos. Córte 4 (2.ª bocca), em cima, e, em baixo, córte 1.º (1.ª bocca).

MORTALIDADE

A mortalidade em 1928, em todo o Estado de São Paulo, foi de 99.135, que dá o coefficiente de 14,54 obitos por mil habitantes, contra 15,95 do anno anterior.

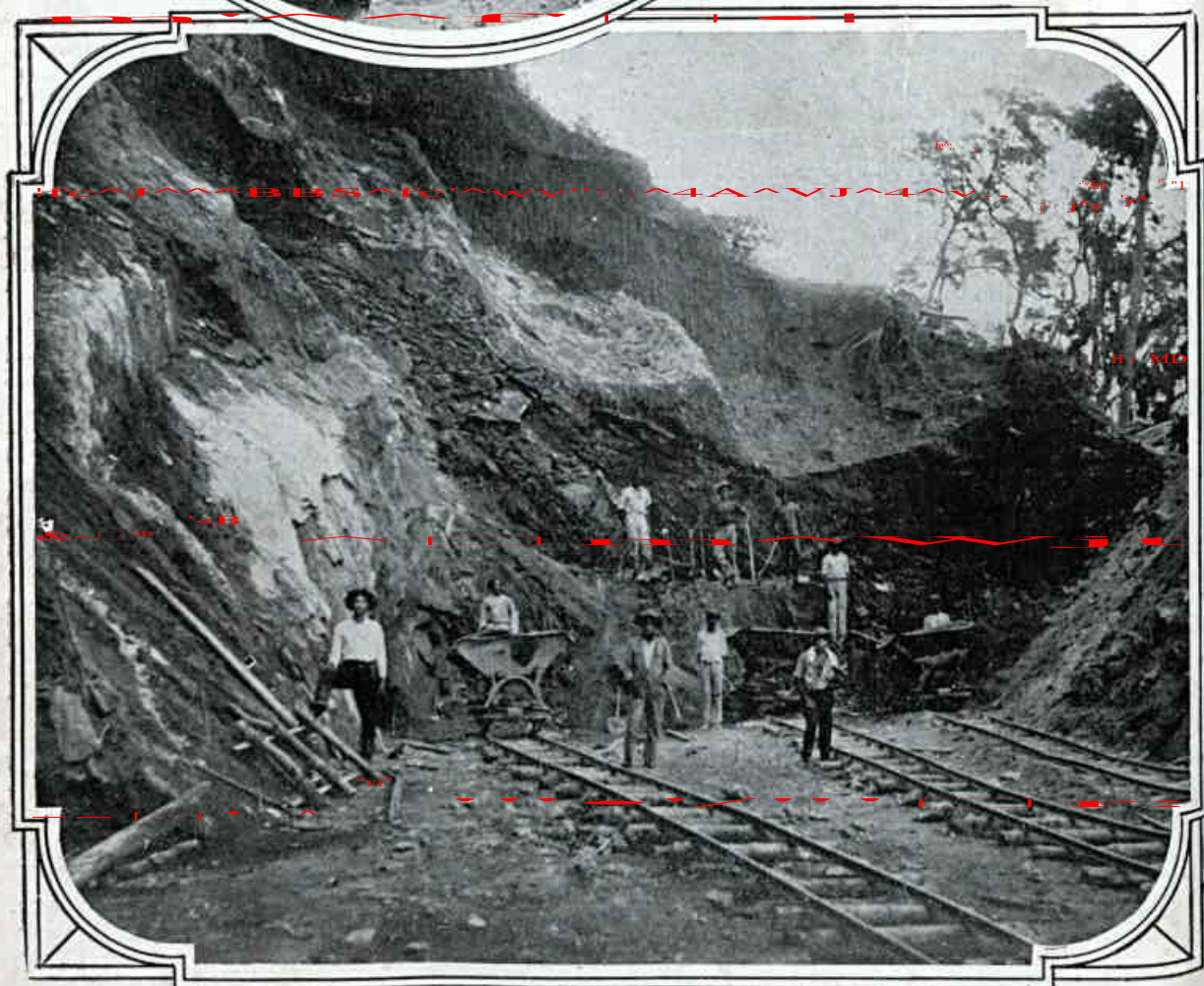
A média mortuaria dos ultimos 5 annos foi de 16,10 e a do quinquennio anterior foi de 18,68, sendo digno de observação o decrescimento do seu coefficiente, de anno para anno, pois de 17,71 já chegámos a 15,54.

Essa differença exprime indiscutivel melhoria das nossas condições sanitarias. No municipio da capital, o coefficiente de mortalidade em 1928 é o menor desde a installação do serviço de Estatistica Demographo-Sanitaria.

• • •

RAMAL Mayrink-Santos. Côrte 9 e côrte 7 (1ª bocca).

UM HOMEM DE GOSTO

ANDRE BIRABEAU

Leopoldo Desgraves tinha entre as mãos uma dessas figurinhas de estuque colorido, tão communs nos pequenos commercios dedicados á venda de postaes "artisticos", pequenas novidades, surpresas e divertimentos de sociedade.

Notava-se que as mãos de Leopoldo tremiam, e que contemplava, com verdadeiro amor, com emoção, a bonequinha insignificante.

Seu proprio criado de quarto, ao entregar-lhe a correspondencia, quedou por momentos estupefacto, porque seu amo, Leopoldo Desgraves, era um cavalheiro de uns trinta e cinco annos, bondoso, calmo, de caracter agradavel; e.... francamente, aos trinta e cinco annos não se está mais em edade de admirar umas taes ninharias.

Leopoldo tomou a correspondencia, sereno, mas as mãos voltaram-lhe a tremer deante de uma carta como, já lhe tinham tremido deante da figurinha de estuque.

E' que a carta era de Rosina Seguin, e Rosina era a mulher que elle amava.

A carta e a figurinha colorida tinham a mesma procedencia. Uma tarde, ao sahir de uma reunião em casa de alguns amigos, esteve tão habil em insinuar reticencias, em lançar indirectas, muito veladas, mas que não deixaram de ser comprehendidas, que ella, bem impressionada, consentiu em ser acompanhada até á porta de casa; não lhe havia dito mais de quatro palavras triviaes, mas tão delicadas de expressão, tão carregadas dessa secreta riqueza amorosa.... que, unidos, em dissimulada e u m plicidade, retardaram o momento da separação.... Ella estava séria, commovida, e fingia-se despreoccupada: — Por que não vamos ao boulevard, onde ha feira e festejos? Divertem-me tanto!...

E' quasi certo que não gostava de nada disto; seguramente, nem um, nem outro, contemplavam os cavallos de páo das pequenas caleças, deante das quaes se tinham detido; ella adivinhou o motivo da estranha perturbação que lhe fez errar o tiro ao alvo; elle, em premio aspirava ao tentar a sorte na roleta.... e nessa roleta ganhou Rosina a boneca.... E ella dissera logo a rir: "que vou fazer com isto?.... não posso guardal-a.... — e ajuntou: "o senhor a quer?...."

— Creio que sim.... — replicou elle.

E Rosina, cheia de garridice, lh'a offereceu....

Leopoldo rasgou-o envelloppe e leu:

"Meu amigo, meu querido Leopoldo — Escrevo estas linhas porque não posso supportar a idéa de que guarde de mim a recordação de uma coquette. Senti-me satisfeita ao ver que tinha adivinhado o meu amor, e agora caso-me com outro. Sou má, não é verdade? Pois bem, não o sou, e quero que não pense em mim com despreso.... De nós dois, sou a mais digna da lastima e a que maior desengano soffreu. O culpado, Leopoldo, é você, ou eu.. eu mesma, por ter uma idéa inexacta da realidade. Você me parecera carinhoso, sensivel, delicado. Tão differente da maioria dos rapazes de nosso tempo! Sabia enthusiasmar-se sem o ardor ficticio do "snob". Falava com tanto acerto das cousas bellas! Sentia-se com persuasão que, entre todas as riquezas da vida, saberia comparar e escolher com acerto.

Cheguei a imaginar-me na atmosphera em que você vivia, nos aposentos do seu apartamento, na cadeira em que se sentaria você para ler, nas bagatellas que escolheria para recrear sua vista. Foi por isso, que lhe disse um dia: "Offereça-me uma chicara de chá m sua casa como o faria com um camarada." Póde ser que você considerasse tal como uma ousadia; não foi mais do que uma curiosidade.

"E então.... meu querido Leopoldo, não é verdade que o comprehendo?

"A sua casa!.... O homem de gosto! Valha-me Deus!.... Que amontoado de antigualhas de arrabalde! Que aspecto de belchior! Quiz ver todo esse domicilio, no qual (por um pouco mais), teria ido viver, por terme fiado em suas galantes perorações de letrado e de artista... apprendidas provavelmente em algum manual.... Vi até o quarto onde poderia ter entrado como esposa.

"Ah! não me posso lembrar do numero de ninharias, meu querido amigo, das infindaveis bagatellas que você accumulou naquelles aposentos; mas creio que me recordarei sempre do docel do seu leito de sol-

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Secretario: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: C. 0377 Administração: C. 4136

Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431

Repr. na Europa: Davignon, Rouzdet & C. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

teiro; de um cento e determinado velador de ébano incrustado de nacar; de uma scena de caça; de uma "Recordação de Dieppe", coberta de conchinhas e caracóes incrustados; do peso de papeis sob cujo vidro de augmento pullulavam numerosas bolinhas de côres, e não creio exagerar se asseguro que a sua faca de papeis era daquellas que, olhadas através, mostram vistas historicas de "Mont Blanc", "Sacré Coeur" ou o "Pic du Jer"...

"Ah!... o diploma que se encontrava no vestibulo, mettido numa moldura ostentosa?... E o relogio de alabastro sob a redoma de vidro, que me ia esquecendo?... Lembra-se, Leopoldo, como fugi? Sentia necessidade de estar só, sim, só, para chorar o homem que eu acabava de perder. E é a elle, a "elle", a quem digo adeus nesta carta. Agora estou casada; vou em um transatlantico para outra parte do mundo; não me verá nunca mais. Adeus, "homem de gosto" dos meus sonhos. Você talvez diga: "é uma idiota". Diga o que quizer; é certo que os relogios de vidro sob redomas são muito bonitos... que as scenas de caçadas, os pesos para papeis como o seu, e cem objectos mais são lindissimos... não o duvido...; mas devia antes falar-me..."

Leopoldo bateu os pés indignado, gritou, jurou. Precipitou-se immediatamente sobre a penna e escreveu:

"Rosina, meu amor; isso é espantoso! Se sou o primeiro a detestar os relogios de alabastro, sob redomas, as scenas de caçadas pintadas em vidros... Sim, só hoje noto, sobretudo, que minha casa é um conjuncto de moveis horrorosos, de bagatellas e de ridicularias.

"O homem de gosto que você acreditara encontrar em mim, sou-o effectivamente, e digo isto sem fatuidade nem jactancia. Mas... todos esses objectos, todos elles, são recordações... Tudo aquillo são cousas queridas das pessoas que eu amava... mamãe, papae, meu avô, minha velha ama de leite, meu padrinho... O pergaminho é o diploma de meu pobre irmão; elle lutou muito para alcançal-o, e morreu um mez depois de tel-o trazido á casa; colloquei-o numa moldura... Minha faca de papeis, de osso (é uma vista de Cauterets que se vê através) deu-me uma menina quando tinhamos seis annos; eu era seu namorado — perdão, meu amor — e ha muitos outros objectos que são lembranças de cousas e factos de que não me recordo mais, mas que tenho em grande estimação... Quando papae contemplava a "Recordação de Dieppe", dizia carinhosamente á mamãe: "Luiza, recordas, te?", e os dois sorriam com ternura... Lembro-me que mamãe prohibira aos criados limparem o velador de ébano incrustado de nacar; ella propria se encarregava da limpeza e esfregava-o suavemente como a acarícial-o, ás vezes, até com lagrimas nos olhos, e isto é o bastante! Guardei a mesa e conservei tudo. Vivi eu, homem de gosto, como você disse, em meio de horrores toda a minha vida... Talvez seja uma estupidez, mas sou sensivel e sentimental, e... Rosina, não foi, por acaso, por isso que você me quiz?...

"Devia ter prevenido a você, é verdade. Mas essas lembranças representam para mim tanta cousa, que nunca pensei que pudessem impressionar a você, a quem julguei tão parecida commigo... Ia acrescentar ainda esta phrase: "O gosto mais apurado está em ter coração..."; mas pensou que estava casada, que ia em um transatlantico, que não sabia para onde dirigir a carta...

Deixou, então, a penna; conteve um soluço e foi collocar sobre a chaminé a figurinha de gesso que Rosina lhe dera uma noite e que foi, entre o relogio de alabastro e a scena da caçada, a mais bella de suas recordações e um horror a mais...

Chi Namel
ESMALTES, TINTAS, LACAS E VERNIZES

O Esmalte «CHI-NAMEL», de côr, é o melhor para renovar e embellezar, economicamente, todo movel que tenha perdido sua linda côr original.

Sua applicação é um passatempo agradavel. Os resultados são sempre magnificos.

«CHI-NAMEL» é o esmalte mais economico, pelo seu grande rendimento. E' muito duravel e resistente.

Ao necessitar um esmalte, peça pelo seu nome. Esmalte «CHI-NAMEL» é melhor e mais barato em seu uso.

A' venda em todas as lojas de ferragens, tintas e automoveis.

Fabricado pela The Ohio Varnish Co. Cleveland. O — E. U. A.

Pó de ARROZ Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR AOS ESTRANGEIROS

PERFUMARIAS LOPES
RIO—S. PAULO

Á VENDA EM TODO O BRAZIL

O DENTOL (agua, pasta, pós, sabão), é um dentifricio que além de ser um excellente antiséptico é dotado de um perfume muito agradavel.

Fabricado segundo os trabalhos de Pasteur, endurece as gengivas. Em poucos dias dá aos dentes uma brancura de leite. Purifica o halito, sendo especialmente indicado para os fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

— *Quem me déra um noivo que fume cigarros de ponta dourada e me compre Dentol.*

O DENTOL encontra-se em todos os bons estabelecimentos que vendam perfumarias e nas Pharmacias. Approvado pela D. N. S. P. em 27 de Maio de 1918, sob os ns. 196-197-198.

DEPOSITO GERAL:

CASA L. FRERE

19 RUE JACOB, PARIS

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

PONTE DE S. LUIZ

Da Metro

Cinema PALACIO — Ao acabarmos de vêr desenrolar as scenas d'esta interessante pellicula, pensamos unicamente nos films encantadores, bellissimos, que o Brasil-Colonia nos poderia dar, com as suas figuras historicas, com os seus episodios emocionantes, com as suas situações patrioticas do maior relevo artistico. Pensamos ainda como isso será bello, quando o cinema nacional se libertar da imitação norte-americana, com as suas beijocas e as suas futilidades, a que o levam espiritos incultos e anti-patrioticamente norte-americanizados. Lily Damita, com esta pellicula da Metro, rehabilitou-se d'aquelle film infeliz, em que ella pousou para os Artistas Unidos O film tem sómente, considerado em si, a reconstituição do ambiente do Perú no seculo XVIII. O resto é fraco. Mas tudo isso esquece em frente do trabalho de Damita, que é verdadeiramente surprehendente de vivacidade, de graça, de sensualidade, e que só por si nos compensa de entramos na sala e estarmos duas horas a vêr desenrolar uma pellicula, em que o enredo pouco nos interessa. O trabalho de Ernest Torrence, por igual, bom. A direcção bôa e a technica do mesmo teôr.

Cotação — BOM

AHI, TURUNA!

Da Pathé New York

Cinema PATHE'-PALACE — Monty Banks já ha muito tempo não apparecia nas télas cariocas. Não se podia dizer que houvesse saudades E' um artista que não enthusiasma, nem sequer attrae sympathias. N'este trabalho puzeram-n'o a fazer graça. E' lamentavel. Isto não impede que esta pellicula nos apresente um argumento de linhas interessantes, apezar de conduzidas

Exijam o legitimo
SABONETE CREOLINA
PARA BANHO E USO MEDICINAL
SABONETE VETERINARIO
CREOLINA
COM o FACSIMILE da LATA de CREOLINA
PEARSON no VERSO dos ENVOLUCROS

CONSERVE A CUTIS JOVEN COM CERA MERCOLIZED

Faça desapparecer as imperfeições da sua cutis empregando regularmente cera pura mercolized. Adquira-a em sua pharmacia e use-a conforme as instrucções. A cera mercolized faz a pelle velha desprender-se em particulas imperceptiveis, e com estas todos os defeitos da téz, taes como sardas, manchas etc.. Desta maneira, a cutis recupera o seu aspecto natural, tornando a mostrar a formosura primitiva que com os annos se havia esmaecido.

Instituto de Belleza de Mme Clement

Para ter uma linda cutis e conservar uma bôa pelle, é indispensavel limpal-a á noite empregando os especiaes, preparados muito conhecidos de

MME. CLEMENT

Especialista em limpeza da pelle, manicure, ondulação, Marcel, mis en-plis, permanente, e cortes de cabello, pelos ultimos modelos.

RIO - URUGAYANA, 22 - PH. C. 1510 — S. PAULO - RUA S. BENTO, 22 - PH. 2-1694

É GARANTIDAMENTE
LIMPO E PURO

GLAXO é tão digestivel, puro e nutritivo como o leite materno.
GLAXO não tem microbios nocivos. Até recemnascidos o assimilam.
GLAXO é puramente leite, que se dissolve em agua acabada de ferver.
GLAXO criará o seu bebé, caso falte ou escasseie o leite materno.

EMMAGRECER

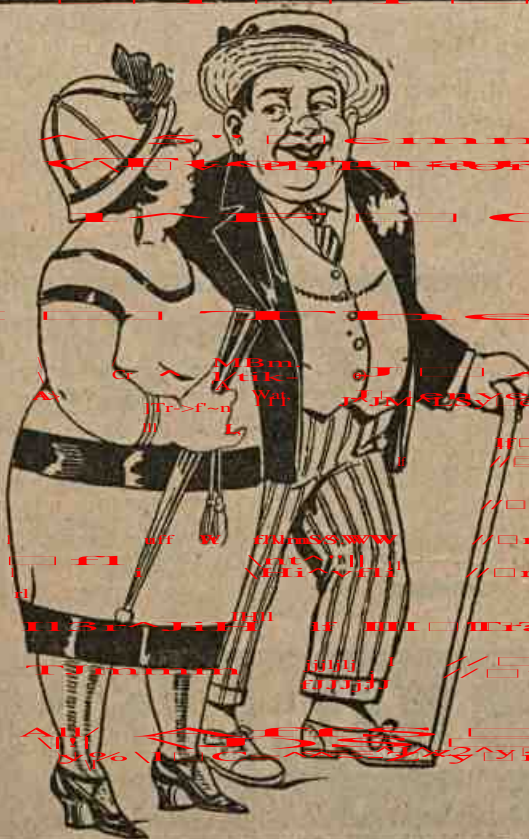
tornar-se mais elegante
o que se consegue com o

Thé Méxicain du Dr. Jawas

A obesidade destróe a belleza e envelhece antes do tempo. Para conservar a mocidade e a elegancia e ter a cintura fina e esbelta, tomem o Thé Mexicain du Dr. Jawas e infallivelmente emmagrecerão, sem nenhum perigo para a saude e sem regimen algum.

Tratamento vegetal, absolutamente innoffensivo.

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

A. NARODETZKI
19, BOULEVARD BONNE-NOUVELLE
PARIS

através de situações um tanto comicas. A direcção é bôa, se considerarmos que em films de caracter comico o inverosimil não marca. Mas a interpretação, com Monty á frente, não valoriza a pellicula. E' evidentemente necessario fazerem-nos cocegas para rirmos um bocadinho. E' bom que o antipathico sr. Monty nos appareça por ahi em cousa de mais merecimento. Do contrario é bom honrar-nos com a sua ausencia.

Cotação — SOFFRIVEL

BOHEMIOS

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE'-PALACE — Se estivessemos nos tempos, que lá vão, do film mudo, da scena muda, não hesitariamos em conceder á Universal a justiça d'um "optimo". Apparecenos o film synchronizado, e esta synchronização, em vez de valorizar a pellicula, causou-lhe algum desvalor. E' uma pellicula a que, sob o criterio de localização, poderiamos classificar de popular. O argumento tem os seus pontos de emoção, mas não são muitos. Ha certas situações e certas circumstancias que só o publico americano alcança, porque o ambiente escapa, na sua pormenorização, ao *habitat* brasileiro. Mas injustiça seria affirmar que a direcção d'esta pellicula não tenha sido brilhante, impondo-se pela justa e natural movimentação das grandes massas. A musica é acceitavel, salientando-se uma formosa canção que se suppõe cantada por Laura La Plante... no escuro.

Cotação — BOM

FOGO! FOGO!

DA UFA

Cinema RIALTO — Por que se lançou o nome de Tsheskowa no reclame a esta pellicula? Para imbair o publico? Máo processo. A *ponta* d'esta grande "estrella" neste film da Ufa é quasi um trabalho deprimente para a famosa artista. Nem se dá por elle. O film é máo?... Não. O que nos pareceu desnecessario foi forçar a propaganda em torno da grande actriz, que se podia dispensar de apparecer com os seus lindos olhos, porque a pellicula não soffreria nada com isso, porque o seu valor é real. O argumento é interessante, animado de grande emoção, conduzido com uma logica sequencia, valendo sobretudo pela parte technica que colloca os *studios* da Ufa a par dos melhores do mundo. As scenas do incendio do theatro Scala e o ataque dos bombeiros germanicos, são trabalhos formidaveis que se impõe á admiração de toda a gente, desde a mais conhecedora dos processos technicos da arte filmesca, até aos que vão ao cinema apenas para se distrahir.

Cotação — BOM

COMO CONSERVAR O CABELLO
EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserval-o abundante, brilhante e em bôas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

Anti-épileptique de Liége

As doenças incuraveis são, felizmente, muito poucas; e a medicina não inclue a epilepsia no numero dessas doenças. Tenham confiança nos antigos remedios; uma antiga reputação é sempre uma coisa importante. Ha 50 annos que o anti-epileptico de Liege vem salvando milhares de desgraçados; não promette nada que não possa realizar. Experimentem-no. Eis o que elle combate: crises, neurasthenia, hysteria, convulsões, dansa de S. Vito, etc. — Peçam a brochura gratis aos Laboratoires Fanyau, 16, rue Claude-Lorrain, Lille (França). — A venda em todas as pharmacias e drogarias.

Appr. D.N.S.P. Nº 1091, 5/12/1922

RUBINAT LLORACH
A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA
ACAUTELAR-SE DAS CONTRAFACÇÕES NACIONAES OU ESTRANGEIRAS

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE
CONTRA
A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT
A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES
AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

Peça-o Senhora

O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gózam. Da proxima vez que V. S. tivér convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente uma das receitas do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

M. BARBOSA NETTO & C.
C. Postal 2938
RIO

GRATIS

DR. ULYSSES NUNES VIEIRA, medico formado em 1912 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Attesto que o

ELIXIR DE NOGUEIRA

formula do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, é um preparado de confiança e que venho empregando sempre com proveito nas diversas manifestações da syphilis.

Parahyba, 17 de Outubro de 1927.

Dr. ULYSSES NUNES.

(Firma reconhecida).

QUEM FUMA?

TABACIL

cura o vicio de fumar

Fumar é perder saude, tempo e dinheiro

ARAUJO PENNA & C.

Rua da Quitanda, 57 — Rio de Janeiro

TOSSES
CATARRHOS
BRONCHITES CHRONICAS
CAPSULAS
de
GOUTTES LIVONIENNES
de TROUETTE-PERRET
Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu
Encontra-se em todas Drogarias e Pharmacias
Appr. D.G.S.P. sob o Nº 50 em 5-2-1887

Si o leitor, durante os proximos trinta dias, saborear QUAKER OATS, ao menos uma vez por dia, sentir-se-á com maior disposição para o trabalho, mais forte e mais energico.

É que QUAKER OATS se compõe de oito elementos mineraes que concorrem extraordinariamente para o desenvolvimento e conservação do organismo. Além disso, QUAKER OATS é rico de carbohydratos e de proteina, substancias que desenvolvem a energia e o systema muscular. Contém vitaminas em grande quantidade, de sorte a auxiliar a digestão e tornar superfluo o uso de laxantes.

De delicioso sabor, QUAKER OATS é insubstituivel, devendo constituir a alimentação predilecta das creanças e dos adultos, dos convalescentes, dos intellectuaes, de todos, emfim.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

070

:: A Odysséa

VIAJO. Alto sertão cearense. Outubro. O sol, projectando desapiedadamente seus raios sobre a terra estorricada, d'onde a agua ha muito desertou, caminha no azul do firmamento. Tudo deserto. Os passaros emigraram em procura de paragens mais alegres. Algumas vezes magras, esqueleticas, couro collado aos ossos, ruminam pacientemente á sombra dos carnaúbaes. Paira sobre a natureza morta uma tristeza profunda. Apenas, quebrando a monotonia, ao sôpro do vento, cantam os leques das carnaúbeiras.

Espero ansioso que se levante deante de meus olhos o tecto amigo de um hospitaleiro sertanejo. Mas, nada... Deante de mim só se desdobra a mesma perspectiva...

Depois de avançar mais uma legua, lobrigo ao longe uma pequena casa de palha. Aproximo-me. Um vulto, ao ouvir o tropel das alimarias, vem até a porta. Cabello crescido e grisalho, imberbe, estatura mediana, rosto queimado pelo sol, eis a figura do seranejo que me appareceu.

Cumprimentámo-nos. Convidou-me a entrar. Accedi ao seu pedido e penetrei na sua choupana.

Lá dentro, o mesmo silencio dos descampados, que ha pouco percorria...

Fitei-o, e sua physionomia trahia a tristeza que lhe torturava a alma.

Veiu-me logo a irresistivel vontade de lhe dirigir algumas perguntas, desejo este que não consegui soffrear.

— Bom amigo, quem lhe faz companhia nestes solitarios sertões?

— Ninguem! — respondeu-me elle.

Muito concentrado, fiquei a reflectir como se poderia viver sem companhia em tão ârmas paragens.

Interrompi o silencio:

— Já se casou?

— Já! — respondeu-me, monosyllabicamente.

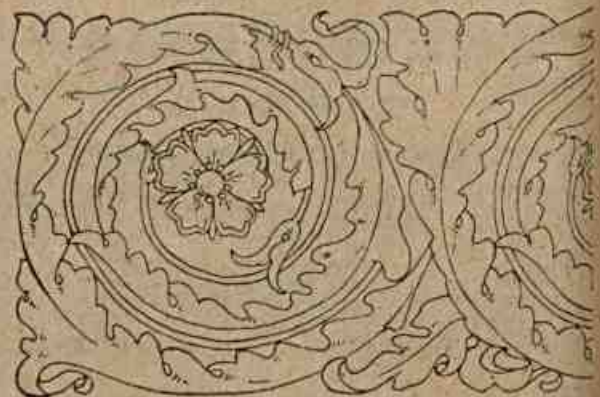
— Morreu a sua mulher?

— Morreu... e si vamicê soubesse como...

Aguçou-me o curiosidade.

— Poderá contar-me a historia do seu infortunio?

— Nasci e criei-me aqui, — começou elle. Aos vinte annos casei-me com a Mundoca, na capella da "Magdalena". Vivi muito tempo feliz com ella. Nunca tevi filhos. Quando chegou a secca de 15, a desgraça cahiu sem dó sobre este sertão. Os gados e as miunças morreram. As cacimbas estavam quasi para negar a agua. Só se avistavam, aqui e acolá, bandos de urubus voando sobre as carniças.

Um dia, já no mez de junho, convidei a Mundoca para ganhar o mundo em procura de alimento. Sahimos num caminho em busca do Ipú, no pé da serra da Ibiapaba. Só mesmo Deus nos dava coragem

do Sertanejo

Por ANTONIO MARROCOS DE ARAÚJO

. . .

Para essa viagem. Comíamos das esmolas recebidas pelas estradas. Depois de oito dias de jornada, chegámos.

"Arrumei um rancho perto da cidade. Estivemos lá até março de 16, vivendo da caridade do povo.

"Quando as primeiras chuvas cahiram e os sertanejos se animaram, fazendo as suas plantações, prompteì-me para a volta. Partimos rumo da nossa terra, com saudade desta casinha, que ha muitos annos nos servia de abrigo. No primeiro dia de viagem atravessámos o rio "Jatobá", que tinha pouca agua e dormimos nas "Lages".

"No "quebrar das barras" do outro dia puzemo-nos a caminho. Quando chegámos, porém, ao rio "Acarahú", só se via o *mar* d'agua. Esperámos até de tarde e nada do rio baixar.

"Dois homens me offereceram um cavallete e prometteram atravessar as aguas com a Mundoca, numa balsa. Acceitei. Peguei no cavallete, nadei, nadei, e num instante cheguei ao outro lado do rio. Nisto elles mandaram a Mundoca se assentar na balsa e metteram-se n'agua. Quando chegaram ao meio do rio, no forte da correnteza, a balsa pulou muito e a Mundoca cahiu.

"Elles sahiram nadando atraz d'ella até lá muito em baixo, e quando puzeram os pés em terra levavam mas era o cadaver. Foram então subindo pelas crôas do rio até onde eu estava, sem saber que fim tinha levado minha mulher.

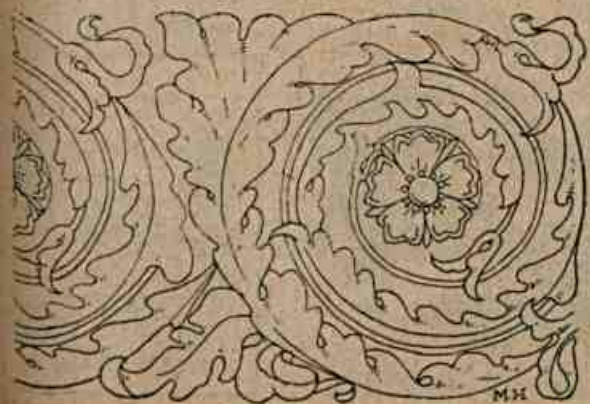
"Fiquei sem sentidos quando vi minha companheira morta a meu lado. Mas Deus p'ra tudo dá geito. Conformei-me.

"Lá ficou ella sepultada num cemiterio que havia perto e eu vim morar nesta mesma casinha, só, sem ter quem me faça companhia."

* * *

Ao ultimar a sua dolorosa narrativa, notei que duas lagrimas sulcavam seu rosto bronzeo, queimado pelo sol.

E eu me puz a pensar na fatalidade da sorte d'aquelle infortunado caboclo. Abandonára o lar com a sua esposa enxotado pela inclemencia dos céos, que não derramavam uma gotta d'agua para fertilizar a terra, e a vira morrer tragada pela torrente impetuosa de um rio, quando de volta ao seu torrão querido.

Nada mais veraz do que a phrase popular: *No Ceará é oito ou oitenta...*

ADEUS RUGAS

3.000 dollares de premios se ellas não desapparecerem

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL. Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Mlle. Dort Leguy, que alcançou o premio do Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve:
"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"...

Mme. Souza Valence escreve:
"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessôas que me conheciam.

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz n.º 22 Sobrado — Caixa, 1379. S. PAULO

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo.
Peço-lhes enviar-me pelo Correio o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

ESPIRITO ALHEIO

RETRATO A OLEO

O novo-rico (no "*atelier*" *do pintor*). — Agrada-me, sim, senhor. Agrada-me muito! Póde fazer-me duas duzias.

DEMONSTRAÇÃO IRREPUTAVEL

— Não se alarme, amigo, que eu conheço muito bem as curvas deste caminho...

... e esta é...

... a mais perigosa de todas.

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 25-6-1917,

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

Agente Geral: A. de COURNAND
87, Rua dos Ourives, *Rio de Janeiro*.
A venda em todas as Pharmacias.

AS' PESSOAS QUE SOFFREM

de prisão de ventre

ENTERITE

e affecções do figado!

Obterão *allivio immediato* e *cura radical* com o emprego diario de dois comprimidos de

LACTOLAXINE FYDAU

prescrita diariamente pelas mais altas summidades medicas substitue todos os laxativos e purgativos que fatigam os intestinos.

A'venda em todas as boas pharmacias.

Especificar bem : ***Lactolaxine Fydau.***

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 257 em 8-9-1913

Deposito Geral : **Laboratorios André Pâris**
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

TEU E' O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA

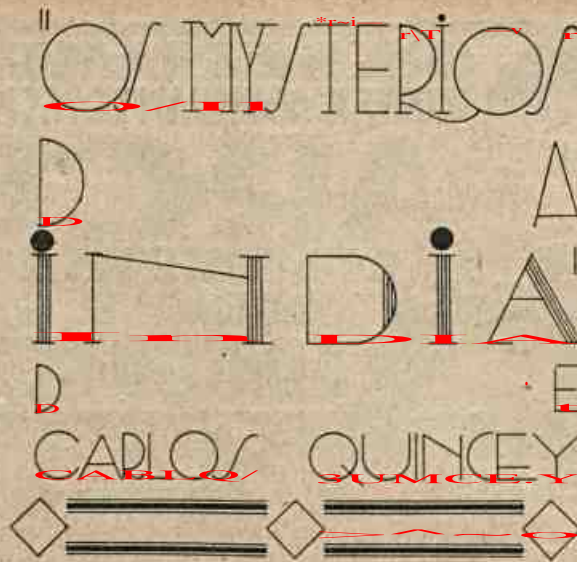
Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jôgos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho «O MENSAGEIRO DA DITA».

Remette 500 rs. em sellos para resposta.

DIRECÇÃO: PROFA NILA MARA — CALLE MATHEU 1924 — BUENOS AIRES (ARGENTINA

— O anno passado — começou dizendo-nos lord Marbury — fui, como todos vós, sabeis, percorrer os bosques millenares da India. Depois de caminhar muitos dias através da matta, cheguei a uma cidade chamada Jaipore, e que fica no coração daquelle vastissimo territorio. E' uma cidade encantadora: os arrabaldes estão cheios de ruinas de pagodes, de edificios antiquissimos e de muitas outras cousas que eu não me cansava de admirar. Emfim: algo admiravel.

"Um dia tive, não sei por que, a idéa de ir passar aquella noite na solidão de um grande templo apparentemente abandonado e que, segundo minhas informações, esteve dedicado a Yoma, o deus da morte. Nuvens de corvos — desses pesados e inevitaveis corvos da India — vôavam sobre minha cabeça emquanto eu me dirigia ao citado templo, abafando, com seus grasnidos, o ruido confuso dos tambores e dos carrilhões dos pagodes. Depois, tudo ficou em silencio.

"Assim cheguei até o momento que me interessava — sobre cujas paredes tribus enormes de monos e de aves de rapina gritavam á minha passagem — e nelle penetrei. O éco duplicava em suas galerias o ruido de meus passos. Mais de uma vez voltei a cabeça suppondo que alguem me seguia, e mais de uma vez me senti pesaroso daquella aventura.

"Ao passar por uma das grandes janellas do edificio, julguei ouvir rumor de passos e, medrosamente, puz a cabeça para fóra. Vi, então, alguns homens que, montados em cavallo, avançavam a toda brida para o templo, com o dorso nú e o peito marcado com um signal branco. Estremeci. Mas meu estremecimento foi muito maior ao verificar que cada um daquelles homens levava sobre o arção da sella uma mulher amordaçada.

"Depois de presenciar isso, de novo me fui occultar, não sem antes me certificar de que trazia o revólver no bolso. Alguns passos mais em cima, novamente, fui á janella. Mas já não distingui nada. Sem duvida alguma, aquelles homens haviam penetrado no templo. Com effeito. Dei a volta por uma das galerias e bem depressa me achei detraz de uma janella que dava para o pateo central do monumento. Ali se encontravam aquelles homens. Pude contar mais de quarenta, apesar de alguns delles estarem espalhados pelas cryptas. E o que adivinhei bastou para que minhas mãos se crispassem de angustia. Ou muito eu me enganava, ou estavam preparando um sacrificio humano!

"Sob meus olhos estavam mais de dez daquelles homens, completamente nús, ante o altar dos sacrificios. Suas frontes ostentavam um signal vermelho, e suas mãos me pareciam tintas de sangue. E perto delles, deante do altar, um grupo de mulheres se retorcia sob as ligaduras, supplicando clemencia a seus verdugos! Não me foi difficil reconhecer a seita a que pertenciam: eram fanaticos da deusa Cali, a esposa do deus da morte, a insaciavel devoradora de sangue. E essa seita, que eu suppunha extincta havia seculos, ia celebrar ali, deante de mim, um sacrificio humano em pleno 1927! Era horrivel!

"Dois homens agarraram uma mulher e a levaram até o altar do sacrificio. Era uma mulher de raça branca! Vi brilhar um punhal.

"E não pensei mais.

"Desci precipitadamente até o pateo e, empunhando meu revólver, me apresentei deante daquelle verdugo.

— Canalha! — gritei. — Que pretende fazer dessa infeliz mulher?

"O ameaçado ficou me olhando fixamente, e respondeu, no mais perfeito inglez:

"— Ah!... Não dispare, senhor!... Está louco?...

"E foi então que verifiquei que todos aquelles homens não passavam de alguns pobres diabos que estavam *filmando* scenas para uma pellicula intitulada *Os mysterios da India*.

DILATAÇÃO do ESTOMAGO

A dilatação do estomago é muitas vezes provocada por um excesso de acidez do succo gastrico. A acidez accumula-se no estomago e occasiona a fermentação dos alimentos, o que dá como resultado essa dilatação tão desagradavel e muitas vezes dolorosa. Para se evitar a dilatação tome-se meia colher de café de Magnesia Bisurada depois das refeições ou quando se faz sentir essa necessidade. A Magnesia Bisurada neutraliza a acidez e impede a formação de gazes, evita ella as azias, os pezadumes, as eructações acidas, as indigestões, etc. etc. e assegura uma digestão sã e normal. Em todas as pharmacias.

LEIAM

SELECTA

A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio. Vantagens do Esmalte Satan:

1.° Secca instantaneamente.

2.° Não mancha nem racha as unhas.

3.° Resiste á lavagem mesmo com agua quente.

4.° Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.

5.° E' absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indefinido.

6.° Dá um brilho e colorido inegualaveis, que duram por 20 dias.

Vendem Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Muito importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

Alvim & Freitas — Caixa Postal, 1379 — São Paulo

LIÇÕES DE

Violino,

Bandolim

e Solfejo

Prof. EUGENIO ORFEO

TELEP. B. M. 2336

AMPOLAS - DRAGEAS - GRANULADOS DE SABOR AGRADAVEL

"RHÔNE-POULENC" PARIS

FILIAL NO BRASIL COMP. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA Caixa 2916 S. PAULO

Para o sexo feminino

HA mais de setenta e cinco annos que os medicos receitam as Pilulas Assucaradas de Bristol por serem um laxante efficaz, de origem vegetal, absolutamente inoffensivo.

Pelo seu effeito suave e sem dores são muito proprias para as pessoas do sexo feminino, por serem mais convenientes do que os laxantes mineraes, de effeito violento.

Convem ter sempre um frasquinho á mão. Vendem-se em toda a parte.

5083

A PENITENCIA

De Jorge Auriol

O poeta Mac Gaschen e eu fomos a Cornouaille em busca de velhas lendas célticas. Depois de uma longa estadia em Quimper, chegámos a Saint-Guenolé, e, emquanto nosso *chauffeur* levava seu *quarenta cavallos* á garage, ante os olhos espantados dos camponios, chegámos á casa do cura, que tinha velleidades de poeta e que nos havia convidado a jantar com elle.

Quando a velha criada serviu o café, capaz de resuscitar um morto, Mac Gaschen disse:

— E' um paiz delicioso, este! Os habitantes, estes ingenuos bretões, não sabem si ainda vive Napoleão. Mas em Saint-Patrick, em minha terra, na Irlanda, no dia em que se decidam visitar-me, encontrarão historias assombrosas. Nossos campónios estão ainda mais atrazados. Quasi toda a aldeia não sabe escrever seu nom... nem lêr siquer... e nos arredores os curas são tão pobres e ingenuos como os campónios. Mas são tão bons, que não precisam de sciencia para chegar ao coração de seus parochianos. Conhecem, por acaso, a provincia de Ulster? Sim?... Meu pae tem um castello alli, nas montanhas. E' um paiz aonde nunca chegou nada novo. Um dia, um pequeno circo ambulante, com tres cavallos apenas e um urso velho, chegou áquella terra, por casualidade, porque um *clown* enfermára e não tinham dinheiro para chegar até Belfast.

"Bem sabem como somos de catholicos na Irlanda. Paques, o *clown*, não era muito religioso. Mas sentiu renascer sua religião depois do golpe que o puzéra ás portas da morte, o qual não póde ser mais corrente.

"Foi se confessar, e o cura, que não era um grande sabio, segundo parecia, e que nunca vira nada fóra de sua aldeia, depois de ouvir os peccados do *clown*, lhe perguntou:

" — O senhor é estrangeiro? não é, meu amigo?

" — Sim, padre.

" — E qual é sua profissão?

" — Sou acróbata.

" — Acróbata? Oh! Que é isso?!

" — Trabalho no circo. Dou voltas aereas, saltos mortaes e me sustento em um braço.

— Que é isso de dar saltos mortaes e voltas aereas? E que é sustentar-se em um braço?

" — Espere um pouco, padre, que eu vou ensinar a v. revma. Dão-se duas voltas no ar e fica-se com a cabeça para baixo apoiado em uma mão, com os pés para o ar. Assim!

"Em um recanto da egreja havia uma pobre velha com sua filha, esperando para se confessar. E quando a mãe viu o homem com os pés para o ar, disse á sua filha:

" — Andá! Vamos para casa, Betsy! Olha a penitencia que o cura está impondo hoje! "

Lindo acabamento preto lustroso

O ESMALTE PARA FERRO "SAPOLIN" é feito para ser applicado em todas as superficies de metal que não estejam em contacto directo com a chamma. Produz um acabamento bonito e duradoiro de preto lustro, que obsta á ferrugem e ao estrago. Não só embelleza, mas augmenta muito a durabilidade dos canos de fogão, caldeiras, cercas de ferro, apparelhos e utensilios de jardinagem, etc. Suporta alto grau de calor, é lavavel e não é susceptivel de embexigar nem lascar.

Recuse imitações

ESMALTES — TINTAS — DOIRADOS — VERNIZES — POLIMENTOS
CERAS — LACCAS — PINTURAS
SAPOLIN CO. INC., New York, E. U. A.

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE

DEPURATIVO

REGULADOR

APPERITIVO

DIGESTIVO

TONICO

CONVEM A TODOS OS ENFRAQUECIDOS

SOCIETÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

DESPENSA ALEXANDRE

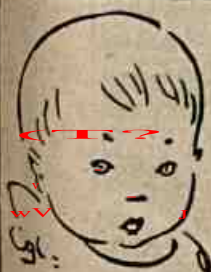
MOVEL HYGIENICO PARA GUARDAR GENEROS ALIMENTICIOS. UTILISSIMO PORQUE EVITA DESPERDICIOS. SUBSTITUTO EFFICAZ DO GUARDA-COMIDAS.

Typo popular 220$000

MOVEIS E TAPEÇARIAS

MARTINS JUNIOR & CIA

RUA ANDRADAS, 51 TELEPHONE NORTE 6787

Depositarios: Bello Horizonte: Rua Rio de Janeiro, 305.
Juiz de Fora: Rua Halfeld, 597.
Bahia: Rua São Pedro, 34.

FOSFATINA FALIÈRES

a farinha alimenticia incomparavel á qual milhões de creanças devem a força e a saude

Exigir a grande marca FOSFATINA FALIÈRES de reputação universal e desconfiar das contrefacções

Pharmacias e Casas de Alimentação
PARIS

ANTAGONISMO

(Conclusão)

Elle segurou-lhe apaixonadamente as mãos passando os braços por sobre a mesa. Esse brusco movimento derribou o copo de Susa, cheio de vinho velho, que derramou sua côr de ambar sobre o tapete de Smyrna, sem que nenhum dos dois tentasse evital-o.

— Não, Susa, não me fales assim — disse-lhe elle. Não depreciês desse modo tudo o que fiz e consegui. Quero que lhe dês valor e que reconheças tudo o que significa. Quiz que viesses esta noite a minha casa para que verificasses o êxito de meu trabalho e para que o apreciasses... para contar-te como adquiri esta fortuna, e para pedir-se Susa, que a compartilhasse» commigo... para pedir-te que fosses minha esposa adorada

Susa fazia inúteis esforços para libertar suas mãos da pressão das de Nicoláu. Estava francamente assustada.

— Não... não... — respondeu ella, com voz entrecortada. — Nunca poderia fazêl-o, Nicoláu... Acredita-me.

— Por que, Susa? Uma vez que me amaste...

Ella levantou-se, mesmo tendo as mãos presas nas de Nicoláu.

— Não... Nunca o poderia — repetiu, com mais firmeza. — Eu não poderia, meu amigo, morar um só dia nesta casa! Não poderia respirar este ambiente de luxo refinado. Ha muito tempo... muito tempo, que te amei, para poder agora voltar ao passado. Então, isto que me pedes teria sido possível. Agora... é tarde. Agora, a vida nos separou, nos deu opiniões diversas, diversos modos de apreciar as cousas. Eu tenho pena de ti pela maneira como interpretas a vida. Tu tens pena de mim pela vida que levo... Como poderiamos entender-nos? Nunca!

— Mas... não comprehendo por que tens pena de mim! — rompe Nicoláu, com exaltação, indignado e offendido. — Eu sou o que triumphou! Nestes dez annos obtive mais exito que nenhum de teus antigos conhecidos: sou immensamente rico!

Susa, erguida deante delle, formando humilde contraste com o fundo faustoso do salão, respondeu, recalcando as palavras:

— Sim, poderás ser. Mas, para mim, és, apenas...

Vacillou antes de terminar a phrase. E Nicoláu perguntou, ansioso:

— Que... sou para ti?

— Um fracassado...

M. C.

GRATIS

SEXUOL

FRAQUEZA SEXUAL
— « — MEMORIA
— « — NERVOSA
{ NAS MULHERES
{ NOS HOMENS
PERDA DE FORÇAS
— « — DE ACTIVIDADE
— « — DE ALEGRIA

REJUVENESCIMENTO PROGRESSIVO

Preço: pelo correio, 10$000

HARGREAVES & CIA.

RUA SACHET, 30 — RIO

O primeiro passo para a saude — Lavar diariamente vossos olhos com LAVOLHO para evitar tel-os infeccionados. LAVOLHO conserva os olhos em perfeita saude.

"Arte de trabalhar com lacres Dennison"

PERMITTI-nos que vos enviemos este folheto de 12 paginas, illustrado, gratuitamente. Ensina a fazer attractivas contas, pendentes, e muitos outros ornamentos lindos com lacres de Dennison.

O trabalho é fascinante e fácil de aprender. Basta escrever-nos a pedir-nos o folheto No. FW, "A Arte de Trabalhar com Lacres Dennison."

Podeis comprar o lacre Dennison em toda a parte.

Dennison Manufacturing Co.

Caixa Postal 2105, Rio de Janeiro

NÃO SE ESQUEÇA

de incluir hoje na sua nota de compras o remedio necessário para ricos e pobres, que deve existir em todas as casas.

Nada superior para doenças de pelle: eczemas, frieiras, empingens ou golpes, escoriações, ulceras antigas, etc., etc. Não suja a roupa nem se conhece a applicação.

Si preza a saúde, e quer poupar dinheiro, compre hoje mesmo um vidro de Dermol e leia o livro que o acompanha, citando remedios para varias doenças difficeis de curar. — A' venda em todas as pharmacias e drogarias importantes. Exija DERMOL do pharmaceutico Henrique E. N. Santos, e não acceitar as imitações baratas — Pedidos a Henrique E. N. Santos. — Caixa Postal 638 — Rio de Janeiro — Phone 4737

Juventude Alexandre

Sem substituto para a BELLEZA dos CABELLOS contra a CASPA e CALVICIE

30 ANNOS DE SUCCESSO!

Leiam ás Quartas-Feiras

SELECTA

Custa apenas 1$000 em todo o Brasil.

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTE DO DR. VAN DER LAAN

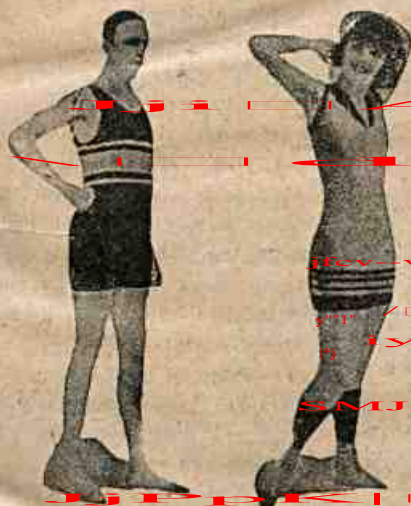
Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORT

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

35, Rua dos Ourives, 37 — Rio de Janeiro

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis para emmagrecer, o creme adstringente Lysial Nº. 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação, raio violeta, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas

. . .

Becco Manoel de Carvalho n.º 16-1.º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

O uso do

significa em toda a extenção da palavra

" Bom gosto "

MAIS UM que affirma ser o «PEITORAL de CAMBARÁ» de Souza Soares um poderoso remedio contra as BRONCHITES rebeldes.

«Tenho o prazer de communicar a V. S. que achando-me atacado de forte BRONCHITE, com o uso do preparado

PEITORAL DE CAMBARA'

de SOUZA SOARES

restabeleci-me por completo em pouco tempo. Queira dar á presente o destino que entender, em prol dos que soffrem do mesmo terrivel mal.

Santa Leopoldina, Minas, Novembro de 1910.

Bernardo de Moraes Sarmento.

(Firma reconhecida.)»

A' VENDA EM TODA PARTE

O MENINO PERDIDO

VICENTE VEGA

— Olhe, seu guarda: este menino parece que se perdeu.

O digníssimo mantenedor da ordem publica se aproxima do menino, um garoto de quatro ou cinco annos, que não sabe que partido tomar.

— Que fazes aqui, ó pequeno?

— Eu?

— Sim. Andas perdido?

— Hein?

— Pergunto si andas perdido.

— Eu quero ir para casa!

— E' claro! E é isso o que te pergunto. Onde moras?

— Em minha casa.

— E em que rua fica tua casa?

— Lá isso não sei.

— Pois estamos bem arranjados. Não sei como deixam as crianças andarem assim, livremente e sem um documento que as possa identificar. Que custaria aos paes pôr um papelinho, preso na roupa, com seu nome e endereço, e outros signaes pessoaes?

— Eu quero ir para onde esta minha mãe.

— E como se chama tua mãe?

— Mamãe.

— E teu pae?

— Papae.

— Mas isso não são nomes, criatura! São gráos de parentesco. E tu, como te chamas?

— Eu?

— Sim, tu... Teu nome... Como é teu nome?

— Não o sei.

— Como te chamam em tua casa?

— Pichim.

— Pichim?... Que nome mais esquisito! Pois eu não sabia que existisse São Pichim... Parece mais nome de cachorro que de gente. Dize-me: moras em uma casa ou num quarto?

— Em minha casa.

— Isso já me disseste. E em tua casa, que fazem?

— Nada.

— Teu pae não faz nada?

— Faz, sim.

— Faz o que?

— Fuma num cachimbo muito grande.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Com certeza, algum pintor modernista. Pelo que vejo, deste pobre Pichim não vou tirar nada a limpo. Leval-o-ei á delegacia. Vamos, menino. Dá-me a mão e vamos passear um pouco.

O pequeno começa a andar pela mão do guarda, a caminho da delegacia.

— Talvez nos encontremos com alguém que o conheça. Como se deixa assim abandonadas crianças tão pequenas numa cidade como esta!... Bom par de cataplasmas devem ser teus paes!

— Estou com sêde.

— Espera um pouco. Aqui aonde vamos, te darão de beber.

— Estou com vontade...

— Já sei. Sahiste de casa desprevenido. Primeiro sêde, agora...

— Estou cansado!

— Ah, filho! Também eu o estou. Todos nós cansamos neste mundo. Uns procurando a mãe; outros, mantendo a ordem publica e vigilando os passos dos gatunos, para que não falte o pão de cada dia...

— Estou com fome!

— Que é isso? Parece que o nome do pão te abriu o apetite?

— Estou com sêde!

— Sim. Já m'o disseste. Mas, não podemos demorar.

— Estou cansado!

— E' sério? Queres que chamemos um taxi?

— Quero. Au! Au! Au!...

— Mas, não chores!... Linda criança têm esses paes! Não sabe fazer outra cousa sinão pedir. Tem sêde, tem fome, chora... Não sabe fazer outra cousa... Já chegamos. Anda por aqui... Dá licença, seu commissario?

— Filho de minha alma e de meu coração!... — exclama o commissario. — Para onde vaes com esse homem?

— Mas, é filho do senhor?... Tem o senhor um filho encantador, seu commissario! Que seja por muitos annos!...

A VIDA

A vida... a vida é isso mesmo...
Eterna caminhada a ésmo
sem ter nunca direcção...
Ao findar de cada dia,
ha menos uma alegria,
ha menos uma illusão!...

A MORTE

A morte — eis afinal a realidade,
a insophismavel, a unica verdade
que jamais enganou!...
Porto feliz sem mares agitados,
aberto sempre á náu dos desgraçados
que o destino enxotou...

Em summa, a vida, o amor, a morte são a escada
pela qual a soffrer, ensanguentado, afflicto,
o homem se lança audaz á sublime escalada
das serenas regiões ethereas do infinito!...

José Mesquita.

A Queimadura do Sol não tem Terrores para Ella

porque ella usa a Maravilha Curativa de Humphreys. Este admiravel preparado alliviará dôres e acabará com a inflammação resultantes da mais grave queimadura do sol. Pode-se gozar o prazer dos banhos de mar sem se ter o horror pelas consequencias de se expôr ao sol.

A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS não sómente allivía as queimaduras do sol, mas é tambem um remedio de alto valor para:

Talhos e feridas laceradas — *Dôres rheumaticas* — *Inflammação da garganta*
Contusões, torceduras e luxações — *Lumbago* — *Picadas de insectos*
Queimaduras e escalduduras — *Nevralgía* — *Excoriações*

E PARA USO GERAL DO TOUCADOR

Vende-se em todas as Pharmacias

HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Corner Prince and Lafayette Sts. — New York City, U. S. A.

MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS

A PSYCHOLOGIA DO TRABALHO

Não ha negar a influencia reciproca entre o espirito e a materia. A lassidão é a consequencia fatal da actividade constante e é preciso um novo estimulo, um impulso energico para fazer o trabalho retomar a sua curva ascendente. Muitas vezes, porém, este estimulo, que faz de novo vibrar as nossas forças physicas e mentaes, precisa ser despertado por meios artificiaes, para que o corpo não se arraste numa lethargia improductiva.

KOLA CARDINETTE, este grande revigorador dos nervos, é este estimulo activo que restabelece o equilibrio entre a mente e a materia.

KOLA CARDINETTE, o tonico do systema nervoso central, reconforta as forças cerebraes exhaustas pelo trabalho excessivo, e excita as funcções organicas abatidas.

KOLA CARDINETTE, contribue para que a curva do nosso trabalho fique traçada no grafico da nossa vida em linha ascencional.

Unicos Concessionarios

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 36 — S. Paulo.